

Crematório DE SCARSDALE



PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Crematório
DE
SCARSDALE



PATRICK LOGAN

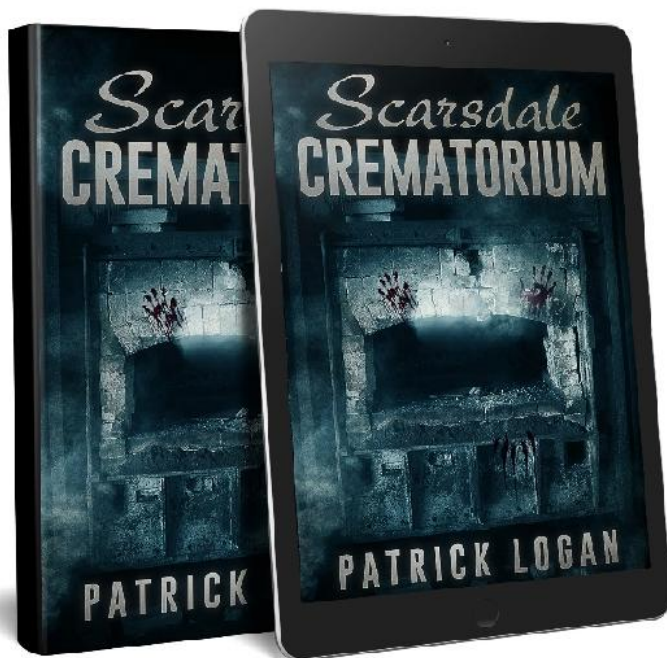
Table of contents

1. [Prólogo](#)
2. [Parte I - Truques de câmera](#)
 1. [Capítulo 1](#)
 2. [Capítulo 2](#)
 3. [Capítulo 3](#)
 4. [Capítulo 4](#)
 5. [Capítulo 5](#)
 6. [Capítulo 6](#)
 7. [Capítulo 7](#)
 8. [Capítulo 8](#)
 9. [Capítulo 9](#)
 10. [Capítulo 10](#)
 11. [Capítulo 11](#)
 12. [Capítulo 12](#)
 13. [Capítulo 13](#)
 14. [Capítulo 14](#)
3. [PARTE II - Inter vivos et mortuos](#)
 1. [Capítulo 15](#)
 2. [Capítulo 16](#)
 3. [Capítulo 17](#)
 4. [Capítulo 18](#)
 5. [Capítulo 19](#)
 6. [Capítulo 20](#)
 7. [Capítulo 21](#)
 8. [Capítulo 22](#)
 9. [Capítulo 23](#)
 10. [Capítulo 24](#)
 11. [Capítulo 25](#)
 12. [Capítulo 26](#)
4. [PARTE III - Intratável](#)
 1. [Capítulo 27](#)
 2. [Capítulo 28](#)
 3. [Capítulo 29](#)
 4. [Capítulo 30](#)
 5. [Capítulo 31](#)
 6. [Capítulo 32](#)
 7. [Capítulo 33](#)
 8. [Capítulo 34](#)
 9. [Capítulo 35](#)
 10. [Capítulo 36](#)

11. [Capítulo 37](#)
12. [Capítulo 38](#)
13. [Epílogo](#)
14. [FIM](#)
5. [Nota do autor](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Não deixe de conferir também meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Prólogo

Parte I - Truques de câmera

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

PARTE II - Inter vivos et mortuos

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

PARTE III - Intratável

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Epílogo

FIM

Nota do autor

Crematório de Scarsdale

A série Haunted

Livro 4

Patrick Logan

Prólogo

Os únicos sons que podiam ser ouvidos no helicóptero eram o chiado das pás e a chuva batendo nas janelas.

Mas, além disso, nenhum dos passageiros disse uma palavra.

Os olhos de Robert estavam baixos, o olhar fixo em suas mãos cobertas de sangue. Elas estavam tremendo.

Ele havia tirado a vida de um homem hoje, um homem que estava vivo. Não era como James Harlop, George Mansfield ou mesmo Andrew Shaw.

Isso foi diferente.

O Padre Callahan era um ser humano vivo, que respirava e, embora seu corpo tivesse sido rasgado ao meio e ele estivesse a caminho da morte, Robert o havia levado ao limite. Ele o havia matado - com crueldade, certamente, mas suas ações não foram sem repercussões.

E isso não diz nada sobre o que Sean havia feito: matar o homem com as mãos amarradas, empurrar o diretor para dentro do Marrow.

Robert entrelaçou os dedos, tentando forçá-los a parar de tremer.

"Então", disse Cal, finalmente, quebrando o silêncio. Robert ergueu os olhos, um processo que era estranhamente trabalhoso.

Ele estava exausto - mental e fisicamente.

Cal não estava se dirigindo a ele; em vez disso, estava olhando para o garoto de óculos redondos, com os olhos arregalados por trás das lentes grossas que estavam manchadas de sangue.

"Então, você quer ser um caça-fantasmas, não é?"

Allan Knox não respondeu. Em vez disso, suas mãos continuaram a mexer nos restos quebrados de uma câmera que estava em seu colo. Em vez de responder, o homem - mais um menino do que um homem, na verdade, embora estivesse claro que ele havia envelhecido consideravelmente naquele dia - removeu a lente vermelha estranhamente não danificada do corpo da câmera. Ele limpou um pouco de sangue da lente vermelha, depois a segurou em um dos olhos e olhou para Cal através dela.

O que ele disse em seguida surpreendeu a todos.

"Sim", disse ele, com a voz seca e rouca. Ele limpou a garganta antes de continuar. "Sim, isso é o que eu sempre quis."

Robert olhou para Allan, sua boca se contorceu em uma careta. Ele mordeu a língua, com um comentário mordaz escondido atrás dos dentes.

Como você pode querer isso? Esta... esta morte... morte em toda parte. Como alguém pode querer isso?

Robert desejava, acima de tudo, nunca ter se imergido nesse mundo. Embora Shelly o tenha repreendido por essas palavras, quando ele as pronunciou naquela época, ele o fez parcialmente em

tom de brincadeira. Dessa vez, no entanto, Robert realmente desejou estar no carro com sua família quando eles morreram.

Quando Amy morreu...

Amy... como a Amy está envolvida em tudo isso? Por que ela está envolvida?

Tantas perguntas se agitavam em seu crânio que sua cabeça girava. Ele havia entrado no fiasco pensando que poderia obter algumas respostas, mas, na verdade, o tempo que passou em Seaforth só tornou as coisas mais confusas.

Carson...

"ETA onze minutos para a propriedade", a voz do piloto soou em seu fone de ouvido.

E o livro - Inter vivos et mortuos - o que havia no livro que o Padre Callahan queria que eu visse? Que ele desperdiçaria suas últimas palavras me dizendo para ir buscá-lo? Era sobre Amy? A profecia?

"Entendi", respondeu Sean.

Robert balançou a cabeça.

O livro... Preciso encontrar o livro. Ele tem que ter respostas.

"Não", ele disse baixinho.

Todos no helicóptero se viraram para olhar para ele: Sean, Shelly, Allan, Cal. Até Aiden, no assento do copiloto, virou a cabeça para trás.

Ele não tinha certeza se eles estavam mais chocados com o que ele havia dito ou com o simples fato de ele ter falado.

Robert voltou seu olhar para a janela, um esforço deliberado para se certificar de que não seria convencido de outra forma por Shelly ou Cal depois que dissesse o que iria dizer em seguida.

"Não estou indo para a propriedade", disse ele simplesmente.

"O que foi? Robert-" Shelly se inclinou na direção dele enquanto falava, mas Robert apenas fechou os olhos e balançou a cabeça. Depois de respirar fundo, ele os abriu novamente e criou coragem para olhar para ela.

Shelly já havia se recostado na cadeira, com os braços cruzados sobre o peito amplo. No entanto, apesar de sua postura frustrada, sua expressão não era a mesma.

Suas feições estavam pintadas de pura tristeza.

"Não posso voltar", ele quase sussurrou, mais uma vez desviando o olhar. "Há outra coisa que preciso fazer."

Parte I - Truques de câmera

TRÊS MESES DEPOIS

Capítulo 1

Jonah Silvers grunhiu e limpou a testa com as costas da mão enluvada. A luva estava preta de fuligem, servindo apenas para espalhar a sujeira em vez de removê-la.

Ele cuspiu no chão de concreto antes de voltar para o forno e olhar para dentro.

"Droga", ele murmurou, balançando a cabeça. Ele havia desligado os queimadores cedo demais, novamente. Limpando o suor dos olhos, ele pôde ver que nem todos os ossos haviam se transformado em pó; ele ainda conseguia distinguir claramente o crânio, os ossos do quadril e até mesmo o contorno de uma medula espinhal coberta de fuligem preta.

Jonah olhou ao redor enquanto avaliava suas opções. Levaria mais trinta minutos ou mais só para deixar o forno na temperatura certa e, agora que o que restou do corpo havia esfriado, levaria pelo menos mais uma hora até que eles fossem reduzidos a pó.

Seus olhos acabaram se desviando até que caíram sobre o saco de cadáver que ele havia aberto logo antes de desligar o forno. O rosto da mulher olhava para ele com olhos frios e mortos. Ele havia puxado o saco plástico grosso até o umbigo dela, revelando seios grandes e brancos.

"A culpa é sua, Sra. Kyra", disse ele, depois reprimiu uma risada. Seus olhos permaneceram fixos nos seios pálidos da mulher, e ele precisou de toda a sua força de vontade para olhar de volta para o forno.

Havia mais do que apenas a Sra. Kyra para ser atendida hoje; havia mais três corpos para serem queimados, e já estava se aproximando da meia-noite.

Jonah se decidiu e empurrou a pá para frente. Depois, com o suor escorrendo do rosto por causa do calor que ainda irradiava do forno, ele usou o canto para empurrar o crânio para trás. Fez o mesmo com os ossos do quadril. Felizmente, o que ele pensou ser uma medula espinhal acabou sendo apenas bolsas de ar deixadas para trás pelos ossos antigos. Jonah pegou uma pá cheia de fuligem e a despejou na caixa forrada de plástico a seus pés. A poeira inchou e se agarrou às áreas expostas de seu rosto, pulsos e pescoço, que estavam escorregadias de suor.

Jonah mal percebeu.

Depois de mais algumas pás cheias, ele voltou sua atenção para a bolsa, observando o pó cinza dentro da bolsa escura.

É o suficiente, ele supôs. *Droga, duvido que alguém dê uma olhada nessas coisas.*

Satisfeito com seu trabalho, Jonah se abaixou, levantou a caixa e a colocou na mesa atrás dele com as outras três. Em seguida, ele se voltou para a Sra. Kyra.

Jonah inclinou a cabeça para um lado, inspecionando a mulher novamente. Seus olhos estavam encovados, as bochechas pálidas. A maquiagem que haviam usado para abrir o caixão havia sido removida ou o estado atual de decomposição havia limitado sua eficácia.

Ainda assim... ela não parecia nada mal para uma professora morta de 53 anos.

"Ah, é uma pena que não tenhamos mais tempo para brincar, querida. Adoraria lhe ensinar algumas coisas... algumas coisas que não aprendi na escola".

Jonah bufou quando se curvou para pegá-la, dando um último aperto forte em seu seio esquerdo. Ver as marcas de seus dedos na carne pálida, que não retornou à sua forma original, provocou outra risada.

Em seguida, ele começou a trabalhar, erguendo o corpo dela em seu ombro esquerdo com um grunhido. Ela era mais pesada do que ele imaginava, e Jonah precisou forçar seu considerável abdômen para trás para ter certeza de que não tombaria para frente com o peso dela. Com apenas um metro e oitenta e cinco de altura, Jonah estava feliz que sua constituição física - grossa e acima do peso - mantivesse seu centro de gravidade baixo, enraizado.

Deixando o corpo da Sra. Kyra sobre a mesa ao lado dos restos cremados, ele começou o processo de tirá-la do saco. Claro que teria sido mais fácil fazer isso no chão, mas estava escuro no porão e ele queria dar uma boa olhada nela. Jonah tirou os pés dela do saco primeiro, dando uma olhada longa e demorada no monte de pelos pubianos entre as pernas dela. Ele se amaldiçoou por não ter planejado bem o tempo, antes de tirá-la completamente do saco e colocá-la no ombro novamente.

Jonah girou e deixou o corpo cair sobre a borda do forno. Ele tinha a intenção de colocá-la de bunda para baixo primeiro e depois abaixar a metade superior do corpo, mas a Sra. Kyra tinha um pouco de carne na bunda e nas coxas, e ele novamente subestimou o peso dela - e seu estado de rigor.

O corpo caiu para trás e, por um breve momento, Jonah se esforçou ao máximo para mantê-lo de pé. Mas era uma batalha perdida, e o que realmente importava, afinal? A Sra. Kyra estava morta.

Jonah se afastou do forno e observou enquanto o corpo dela caía, com a cabeça estalando ruidosamente nos ladrilhos de cerâmica. Seu corpo até balançou um pouco antes de parar completamente.

Colocando as palmas das mãos nas solas dos pés dela, dessa vez preparado para o peso dela, ele se inclinou e empurrou com força. Um som horrível de raspagem - pele endurecida, parecida com couro, passando sobre os fragmentos de ossos restantes - ecoou dentro do forno, mas Jonah não deu atenção a isso.

Ele já havia ouvido isso antes - muitas vezes.

Depois de um último levantamento, ele se dirigiu para a lateral do grande forno, que às vezes brincava que fazia a pizza mais rápida do mundo, e então martelou o grande botão vermelho com a palma da mão coberta por uma luva imunda. Houve um estrondo estrondoso vindo de algum lugar abaixo de seus pés, seguido pelo chiado do gás sendo liberado. Jonah caminhou rapidamente para a frente novamente, ansioso para ver o corpo queimar.

Essa era sua parte favorita - observar as chamas primeiro lambendo a parte de baixo dos corpos, fazendo com que a pele borbulhasse e depois ficasse preta. O cheiro era ruim, até mesmo ele reconhecia isso, mas estava tão perdido em um estado de euforia enquanto o cabelo queimava, os olhos chiavam e estouravam, os seios esvaziavam, que ele mal percebeu.

E no subsolo do porão do Crematório de Scarsdale, Jonah estava livre para assistir à vontade. Eram momentos como esses que ele apreciava.

A primeira das chamas saiu das grelhas abaixo, enviando um calor estrondoso que atingiu seu rosto, iluminando o nariz largo e as feições manchadas de fuligem com um brilho alaranjado.

Seus lábios se abriram em uma careta e ele pôde sentir a parte da frente da calça, coberta por um avental grosso e pesado, começar a apertar.

Em alguns dias, se ele tivesse sorte, as chamas fariam com que o corpo ficasse ereto. Era raro, mas acontecia.

Jonah sabia que deveria estar guardando os outros restos, preenchendo o estúpido registro de conclusão que o idiota do seu chefe o obrigava a fazer todas as vezes, e que já estava atrasado, mas tinha que ficar olhando.

Apenas por um tempo.

Apenas até que a Sra. Kyra não fosse mais reconhecível.

E então, para seu total deleite, enquanto as chamas continuavam a escurecer e crispar a parte inferior do corpo dela, a Sra. Kyra começou a se levantar.

Jonah bateu palmas com alegria, o aperto na parte da frente da calça crescendo a tal ponto que tornava quase impossível ficar de pé

sem causar desconforto.

O forno tinha mais de três metros de profundidade e quatro de largura, mas não era muito alto - com apenas um metro e meio de altura, quando o corpo da Sra. Kyra começou a se dobrar na cintura, ela só conseguiu chegar a um terço da posição sentada antes que sua cabeça, com os olhos ainda vazios e turvos, *batesse* contra o topo. Houve um chiado quando a pele de sua testa se uniu à cerâmica quente.

"É um bom dia", ele sussurrou para si mesmo, com os olhos brilhando ao refletir as chamas. "Um dia realmente bom."

Ele estava trabalhando no crematório há mais de três anos e havia cremado centenas de corpos nesse período, mas essa era apenas a quarta vez que um corpo se sentava assim.

Na primeira vez que isso aconteceu, Jonah quase perdeu a cabeça. E naquela vez - aquela única vez - ele ficou feliz por Vinny ter estado lá com ele.

"Acontece às vezes", disse-lhe o homem com sua voz anasalada e dopada. "Não sei por que, e é muito estranho, mas acontece. É por isso que eu coloquei a tela."

Mas Jonah odiava a tela - uma porta em forma de malha projetada para manter o calor dentro, mas que também bloqueava sua visão.

Agora, nessa quarta ocasião, o corpo sentado teve um efeito completamente diferente sobre ele.

Caso em questão: o aperto em seus jeans.

Ele vivia para essa merda - quem poderia imaginar que abandonar o ensino médio depois de sofrer bullying ad nauseam por anos o teria trazido até aqui? Nem mesmo o buraco de merda que era Scarsdale deveria tê-lo contratado, considerando seu histórico.

Mas eles o fizeram, e agora ele estava aqui.

E ele adorou.

Essa era sua vocação, isso era óbvio. Isso o fez se perguntar por que o orientador educacional havia sugerido um estágio em encanamento, entre todas as coisas.

Que se dane isso.

Enquanto Jonah observava, a Sra. Kyra - que, aliás, não era seu nome verdadeiro; todas as mulheres no crematório tinham o nome de sua professora do ensino médio, aquela que o havia repreendido e depois o tocado - continuou a se levantar com uma determinação incomum. Sua testa continuava a pressionar o teto do forno, forçando o pescoço para frente.

"Oh, este é um dia muito bom", disse ele com uma risada. Na verdade, era tão bom que ele passou a mão pelo pescoço e tirou o avental, deixando-o cair no chão em uma pilha. Em seguida, agarrou sua ereção através da calça jeans, apertando-a com força com a luva

imunda.

Enquanto ele observava, fixado em um misto de prazer e repulsa, as chamas continuaram a queimar a parte inferior da mulher, fazendo com que as pernas dela ficassem pretas até ficarem crocantes. Mas, como ela estava sentada, a parte superior, incluindo os seios brancos e pastosos, estava relativamente ilesa. O protocolo era forçá-la a se abaixar novamente usando a pá, pelo menos foi isso que Vinny fez, mas não havia como ele fazer isso. Na verdade, do jeito que ela estava sentada... se a parte inferior não estivesse tão carbonizada, ele teria pensado em levá-la para fora novamente e fazer o que quisesse com ela.

A Sra. Kyra continuou a se sentar, a pressão na testa era tanta que estava fazendo com que sua garganta ficasse inchada como um bócio. E, no entanto, a pressão parecia estar aumentando em vez de diminuir.

Os outros três corpos que haviam se sentado voltaram a se abaixar lentamente quando a temperatura dentro do forno atingiu um determinado limite. Mas essa... essa Sra. Kyra parecia estar se sentando com ainda mais força à medida que a temperatura subia.

"Sim, muito, muito..."

Mas algo aconteceu, algo tão inesperado que até Jonas ficou sem saber o que dizer.

A pressão foi demais para a carne morta e apertada da Sra. Kyra, e sua garganta de repente se partiu, um corte surpreendentemente limpo e sem sangue que fez com que sua cabeça caísse para trás, revelando o interior de sua garganta.

"Uau", sussurrou ele, interrompendo momentaneamente o aperto rítmico de sua ereção.

Isso era novo. E o novo era empolgante.

Mas o que aconteceu em seguida deixou Jonah imediatamente mole. As duas metades do pescoço dela começaram a se mover, como uma boca gigante e sem lábios. E então, ao engolir com força, ele pensou que os movimentos começaram a parecer menos aleatórios, como se estivessem tentando formar palavras.

E então, para seu total horror, ele ouviu uma voz.

"Jonaaaaaaaaaaaaaaah."

"O q-q-q-q-?" Jonah balbuciou. Ele cambaleou para trás, mas seu progresso foi interrompido pela mesa com os sacos de cinzas sobre eles.

"Jonaaaaaaaaaaaaah", sibilou aquele corte sem lábios, alto o suficiente para ser ouvido por cima do som das chamas crepitantes. "Venha se juntar a mim aqui, Jonaaaaaaaaaaaaah."

"Que porra está acontecendo?", gaguejou ele.

Isso era novo, mas não era mais tão empolgante; em vez disso, era

absolutamente aterrorizante.

Jonah se agachou, com os olhos ainda fixos no ferimento do pescoço da Sra. Kyra, e pegou a pá com a mão direita, antes de se levantar novamente.

"Jonaaaaaaah, é agradável e aconchegante aqui. Por que você não se junta a mim?"

Jonah engoliu com força e agarrou a pá com mais força ainda. E então, inexplicavelmente, ele deu um passo à frente.

"Sim, é isso mesmo, Jonah, junte-se à Sra. Kyra... junte-se a mimeeeeeeeee!"

"Não", ele sussurrou, mas suas ações desmentiram suas palavras. Ele deu mais um passo à frente, depois outro. E então deixou cair a pá, que fez barulho no chão de cimento.

A última coisa que Jonah Silvers queria fazer era se aproximar do forno, com ou sem a Sra. Kyra falando com ele. Só o calor já era insuportável.

Mesmo assim, ele continuou a deslizar para frente. Era como se essa mulher, a que tinha os seios ainda deformados pelo aperto, tivesse algum tipo de controle sobre ele.

"Sim", exclamou o pescoço, antes de soltar uma longa e lenta gargalhada. "Sim, Jonah, sim."

A visão de Jonah começou a escurecer, as chamas brilhantes laranja e amarelas pareciam diminuir, apesar de ele estar mais perto agora. E então, quando ele estava a dois metros do forno, o calor era tão forte que ele sentiu seus lábios começarem a formar bolhas, Jonah fez o impensável.

Ele estendeu a mão e colocou ambas as mãos na borda escaldante do forno. Mesmo com as luvas pesadas, houve um sibilo imediato de sua carne queimando, mas ele não percebeu.

Tudo o que Jonah queria fazer era entrar no forno, se aconchegar ao lado da Sra. Kyra e dar um último aperto em seu peito.

E ele teria feito isso. Não havia dúvida em sua mente distorcida de que era exatamente isso que ele teria feito.

Mas uma voz, outra voz, o atraiu de volta.

"Venha até aqui, Jonah."

Jonah virou a cabeça e isso quebrou o feitiço que o cadáver tinha sobre ele.

Havia um homem nas sombras, um homem alto e magro que não passava de uma silhueta na escuridão. Jonah tentou se afastar, com a intenção de pegar a pá, mas suas luvas haviam se colado à cerâmica quente.

"Vinny?", perguntou ele, com a dor começando a subir por seus braços. "Vinny, é você? Preciso de ajuda, por favor, Sra. Kyra - Sra. Kyra, ela -"

A silhueta balançou a cabeça.

"Não é o Vinny, mas eu vi o que você fez aqui."

Jonah cerrou os dentes de repente. Ele foi imediatamente transportado de volta para a época em que Johnny Parker espiou por cima da cabine e o pegou se masturbando na nona série. Esse único ato fez com que sua vida entrasse em uma espiral descendente de tormento e aversão a si mesmo. Era por isso que ele gostava tanto de seu trabalho - os mortos nunca reclamavam. Os mortos nunca zombavam dele ou o provocavam.

"Você não viu nada! Eu não estava fazendo nada! Apenas meu trabalho, só isso!", ele gritou.

O homem nas sombras riu, e a fúria de Jonah aumentou. Com uma força recém-descoberta, ele conseguiu tirar as mãos do forno de cerâmica, deixando duas marcas de borracha nas mãos e várias camadas de pele borbulhante.

Ainda assim, ele mal reconheceu a dor horrível que subiu por seus braços.

"Você está rindo de mim?", ele sibilou. "Você ousa rir de Jonah Silvers? Você sabe quem eu sou? Você sabe o que eu fiz?"

Os olhos de Jonah se voltaram para a pá que ele havia deixado cair antes. Ele não sabia se conseguiria segurá-la com suas mãos mutiladas, mas estava determinado a tentar.

"Você não viu nada!", ele gritou. "Eu vou matar você, porra!"

Mas o riso do homem só aumentou.

"Oh, Jonah, você não poderia me matar. Não pode fazer nada comigo. Na verdade, você é apenas um pequeno pervertido, não é? Mexer em cadáveres - essa é a sua praia, não é? Não é matar".

A raiva de Jonah diminuiu, como havia acontecido naquele dia, há mais de vinte anos. Ela o abandonou porque o homem estava certo. Ele não era um assassino. Nunca foi. Era apenas um pervertido fraco e patético.

"Sabe o que eu gosto em você, Jonah? Gosto do fato de você ser leal, e é disso que eu preciso agora. Alguém que seja leal."

"O que - para que você precisa de mim?" perguntou Jonah, sua voz agora era mansa.

"Estou construindo um exército."

"Um exército? O quê?"

Mas então o homem deu um passo à frente e, pela primeira vez desde que havia aparecido, aparentemente do nada, ele entrou na luz do fogo.

Um suspiro escapou de Jonah quando o homem colocou uma mão gentil em seu ombro.

"Carson? É você? Como?"

Mas então o homem começou a rir novamente, interrompendo suas

palavras.

Capítulo 2

"Você tem a câmera preparada?"

Allan verificou duas vezes a lente, certificando-se de que ela estava bem parafusada.

"Sim?" perguntou Cal.

"Sim, estamos bem", respondeu ele, tentando evitar que o nervosismo que sentia no peito transparecesse em sua voz.

"Tem certeza?"

Allan deu de ombros, com sua confiança diminuindo a cada pergunta subsequente.

"Acho que sim, acho que sim."

Shelly levantou os braços.

"Isso é muito estúpido. É mesmo? Usar as câmeras para, o quê, capturar a quiddidade?"

Cal desviou os olhos da câmera e olhou para Shelly por cima das lápides.

"O que foi, Shelly? O que você quer que digamos? O que poderíamos dizer que a deixaria feliz? Hein?"

Shelly olhou para ele por um momento, depois cruzou os braços sobre o peito e franziu os lábios.

"E então?"

"Não importa."

Ela deu um passo para trás, como se estivesse admitindo sua contribuição para o experimento meio maluco.

Mas Cal não havia terminado - ainda não. Desde que Robert forçara Sean a baixar o helicóptero em um campo vazio, entre todos os lugares, e saíra apesar das súplicas dele, de Shelly e de Sean, ela estava agindo de forma estranha.

E isso foi há três meses.

Ela que se foda. Como o Rob, nem sempre se trata de você, Shelly. Supere você mesma.

"Ele não vai voltar, Shel. Apenas aceite isso e siga em frente. Eu já aceitei. Ele é um babaca egoísta, nos deixou aqui para lidar com essa bagunça sozinhos."

O rosto de Shelly se contraiu e, por um breve momento, ele pensou que a havia levado além do ponto de ruptura.

Amor duro - ela precisa de amor duro.

Mas então, para sua surpresa, a expressão dela relaxou.

"Você está certo, Cal. Eu sinto muito."

A resposta foi tão estranha que o surpreendeu, e ele imediatamente mudou de tom.

"Pessoal? Acho que devemos prestar atenção. Quero dizer, eu entendo isso..."

"Shel? Você está bem? Você quer?"

"Pessoal!"

O medo na voz de Allan desviou o olhar de Cal dos olhos baixos de Shelly.

"O que foi, Allan? O que é isso?"

Ele não tinha a intenção de que as palavras saíssem com tanta veemência, mas a verdade é que ele compartilhava um pouco da apreensão de Shelly em relação a toda essa situação.

Foi Allan quem propôs a ideia, o que não foi nenhuma surpresa, já que ele era o único dos três que tinha algum conhecimento sobre computadores ou tecnologia. Ele disse que estava trabalhando em uma ideia, uma ideia de que as câmeras que ele havia criado e que podiam ver a quiddity também poderiam ser capazes de capturá-las.

Parecia exagerado, mas o que ele poderia fazer? Cal nem sequer pensou em fazer o que Robert havia feito em Seaforth: exigir que a quiddity parasse. Ele não tinha a menor ideia de como Robbo havia feito isso - nenhum deles tinha - ou mesmo *o que* exatamente ele havia feito, mas estava claro para eles que era algo exclusivo dele.

"Pessoal? Tem alguém aqui."

Cal saiu de sua cabeça e olhou para uma das três câmeras que eles haviam instalado para triangular a qualidade.

Um homem alto e magro, com grossos cabelos grisalhos, entrou na clareira. Cal ficou boquiaberto e olhou para o homem, que parecia, pelo menos por enquanto, alheio à presença deles.

Bem, não importa o quão improvável seja, vamos colocá-la à prova mais cedo ou mais tarde.

A visão do homem devia ser ruim; ele se movia cautelosamente pela grama alta em um ritmo de caracol. Cal já teve uma tia cega e ela andava da mesma forma, com as solas dos pés sempre em contato com o chão para garantir que não houvesse nenhuma escada ou penhasco à espreita.

Cal olhou para Shelly, que estava olhando com olhos arregalados para o homem, que ele percebeu estar vestido com algum tipo de traje naval. Ela deve ter percebido o olhar dele, pois lentamente virou a cabeça para encará-lo. Cal deu de ombros e indicou a câmera montada em um tripé a alguns metros dela. Cal deu de ombros e indicou a câmera montada em um tripé a alguns metros dela.

Shelly deslizou em direção à câmera.

"Alô? Quem está aí?", gritou o homem de repente, levantando a cabeça. Cal se virou para Allan em seguida, murmurando as palavras: "Que porra vamos fazer agora?"

Allan usou o dedo para indicar a área na grama para a qual eles haviam apontado a única luz, onde planejavam atrair a quiddity para testar a teoria insana do garoto.

Como diabos eu vou fazer com que ele passe por ali?

O homem de cabelos grisalhos de repente virou o nariz para o céu e parecia estar farejando o ar.

"Eu sei que vocês, bastardos, estão aqui", ele cuspiu. "O que vocês fizeram com minha esposa?"

Cal balançou a cabeça.

Sua esposa?

O comportamento confuso do homem o fez lembrar do guarda em Seaforth e, antes disso, de Jacky Harlop, limpando desesperadamente o chão da Harlop Estate.

"Vá! disse Allan. Vai!

Cal deu mais uma olhada no cego que farejava o ar e decidiu que não havia mais jeito. Sendo cego, ou quase cego, não havia como o homem conseguir pegá-lo se as coisas dessem errado.

E talvez fosse um bom momento para testar sua nova energia e físico.

Cal se decidiu e deu um passo à frente na clareira entre as lápides caiadas de branco.

"Ei!", gritou ele, dando de ombros para Shelly quando ela estreitou os olhos para ele.

"Eu sabia", zombou o homem. "Onde ela está?"

Cal deu mais um passo, certificando-se de que a clareira estava diretamente entre ele e o velho.

"Sim, temos sua esposa... por que você não vem buscá-la?"

O homem fez uma pausa, ainda farejando o ar.

Então, seus ossos velhos pareciam descongelar e ele de repente se lançou, correndo a uma velocidade alarmante em direção a Cal.

"Merda!" Cal gritou, com os olhos arregalados. Ele se virou e começou a correr na direção oposta, enquanto o velho se aproximava rapidamente dos cerca de seis metros que os separavam. Seu primeiro instinto foi fugir para a floresta, para se afastar do oficial da marinha enlouquecido que parecia estar canalizando seu Usain Bolt interior, mas o grito de Allan o direcionou para outro lugar.

"Cal! A câmera! Vá para a câmera!"

Ele virou com força para a direita, derrapando na grama molhada de orvalho. Respirando pesadamente, ele se endireitou atrás da câmera no momento em que o homem acelerou para dentro da área triangular.

"Agora!" gritou Allan. "Tire a foto agora!"

Cal, com o rosto vermelho e as pernas queimando, nem se deu ao trabalho de olhar pelo visor. Em vez disso, ele simplesmente apertou furiosamente o botão do obturador na parte superior.

Mas o homem continuava vindo.

"Allan?", ele gritou.

Mas já era tarde demais; o quiddity em trajes da marinha colidiu diretamente com seu tripé.

E então ele caiu em cima do Cal.

Capítulo 3

"E a fenda está fechada?"

Sean Sommers assentiu com a cabeça.

"Fechado", ele confirmou. A figura sentada à sua frente estava envolta em uma capa pesada, cobrindo suas feições com sombras. Quando ele falava, suas palavras eram apertadas e andróginas.

"Você fez isso?"

Sean balançou a cabeça.

"Não? Quem, então?"

"Robert", disse ele. "Robert tirou o guardião do livro e fechou a fenda. Leland ainda estava preso lá dentro."

O homem de capa inclinou ligeiramente a cabeça, como se estivesse contemplando as palavras de Sean, e o capuz se deslocou, revelando um queixo branco e pastoso. Suas mãos, que eram menores do que Sean poderia imaginar, dada a voz rouca do homem, rapidamente se moveram para apertá-lo novamente.

"E quanto ao livro? Você localizou o livro?"

Sean balançou a cabeça.

"Negativo. Alguns homens deram uma olhada na igreja, mas não conseguiram localizá-la. Mas... mas acho que você deve saber que não somos os únicos que estão procurando por ela."

Novamente, a inclinação da cabeça.

"Não?", perguntou o homem, com a surpresa na língua. "Você disse que Carson morreu na explosão - nós nos esforçamos muito para encobrir isso, Sean. Não foi fácil convencer a mídia de que a explosão na costa de Nova Jersey foi causada por uma bolha de gás, descoberta por uma atividade sísmica recente. Mas aqueles que sabiam da prisão... foram mais difíceis de persuadir".

Sean balançou a cabeça novamente.

"Não, Carson está morto."

Houve uma breve pausa.

"Você tem certeza?"

Sean olhou para suas mãos quando respondeu.

"Sim. Eu mesmo fiz isso", mentiu ele. "Robert matou o padre, eu matei o Carson."

"E quanto ao Robert agora? Robert e sua gangue? Eles estão prontos para sua próxima tarefa?"

Os dedos de Sean ficaram tensos sobre a mesa de madeira dura.

"Não, esse é o problema... é o Robert que está procurando o livro. Ele conhece a profecia."

Por um longo tempo, o homem à sua frente não disse nada. Por fim, quando o silêncio se arrastou por tanto tempo que Sean começou a sentir como se o tempo tivesse desacelerado, como havia acontecido

na prisão, ele ergueu o olhar.

"Senhor? É-?"

"Quantos Guardiões restam, Sean?"

Sean fez alguns cálculos mentais.

"Três", disse ele com firmeza.

"E a fenda só pode ser aberta usando um deles - é isso que a profecia diz, correto? Um Guardião ou o Guardião do Livro?"

Sean acenou com a cabeça.

"Sim - três, agora que o Guardião se foi. Somente um Guardião preso entre os mundos pode abrir a fenda, e somente a garota pode mantê-la aberta por tempo suficiente para que as almas voltem."

O homem de capa fez um som de sucção com os dentes.

"Deixe-me perguntar uma coisa, Sean: para que servem os Guardiões se eles não podem guardar nada? Se a própria existência deles ameaça a solenidade da Medula?"

Sean mordeu o lábio, sabendo o que viria a seguir.

"Não seria mais fácil simplesmente eliminar cada um deles?"

Sean não respondeu. O homem encapuzado sabia, é claro, que o próprio Sean era um dos três restantes.

"Por enquanto, vamos manter as coisas simples. Encontre o livro, Sean - não queremos que ele caia em mãos erradas. Essa é sua prioridade. Os outros na propriedade Harlop ainda são úteis?"

Sean refletiu sobre isso por um momento. Havia Shelly, é claro, mas os outros dois...

"Talvez", disse ele por fim.

"Talvez", repetiu o homem. "Sua ambivalência nessa situação é alarmante. Afinal de contas, essa confusão é sua - foi você quem se revelou ao Robert e o trouxe para o grupo, o que deu início a toda essa cadeia de eventos. Você está ciente disso, não está? Eu recomendei especificamente que você o mantivesse fora disso".

Mais uma vez, Sean permaneceu em silêncio.

O homem suspirou.

"Quais são as chances de Robert encontrar o livro?"

"Pouco ou nada. Se meus homens não conseguiram encontrá-la, então duvido que ele consiga. Mas sinto-me compelido a lhe dizer que o poder do homem está crescendo. Ele conseguiu, sozinho...".

O homem acenou com a mão em sinal de desdém.

"Você precisa encontrar o livro. Essa é sua prioridade. Embora a fenda esteja fechada por enquanto, ainda sinto um distúrbio. Há mais mortos por aí do que deveria haver. Se o trio Harlop ainda for útil, envie-os para destruir alguns dos mais agressivos. Mas encontre o livro".

Sean assentiu e começou a se levantar, com a mão enfiada no bolso e acariciando o maço de cigarros usado que estava lá dentro.

"Mas desta vez, Sean, seja discreto. Não haverá mais acidentes."

Sean engoliu em seco e acenou com a cabeça rapidamente antes de sair da sala.

Ao sair do complexo de apartamentos, ele acendeu o cigarro e inalou profundamente.

Não haverá mais acidentes.

Obtuso, vago.

Infelizmente, Sean estava bem ciente do que aconteceria com ele se cometesse um deslize novamente.

Capítulo 4

Michael Grant Young desligou o chuveiro e pisou nos azulejos de ardósia aquecidos. Enquanto o vapor se espalhava ao seu redor, ele pegou uma das várias toalhas de algodão macio com as iniciais MGY no acabamento e a enrolou na cintura. Deliberadamente, mas sem pressa, ele foi até o espelho, dando tempo para que a névoa se dissipasse.

Enquanto esperava, Michael preparou seus utensílios de barbear: colocou o pincel de barbear Silvertip Badger sobre a bancada de pedra de Cesar e, em seguida, colocou gentilmente ao lado o recipiente de creme de barbear feito sob medida para sua pele. A lâmina de barbear veio em seguida, mas, com esse item, Michael reservou um momento adicional para confirmar se ainda estava afiada, segurando-a e inclinando-a sob a luz natural. Satisfeito, ele a colocou ao lado dos outros apetrechos. Quando levantou os olhos, a névoa havia se dissipado.

No espelho, estava o reflexo de um homem bem arrumado, na casa dos 30 anos, com cabelos curtos e pretos, maxilar forte, nariz perfeitamente reto e olhos que combinavam com a intensidade e a cor de seus cabelos.

Bonito, em qualquer padrão.

Mas esse era apenas o seu reflexo; o verdadeiro Michael Grant Young estava enterrado bem fundo, tão fundo que seria necessário muito mais do que um espelho para revelar sua verdadeira natureza. E o verdadeiro Michael Young era algo muito, muito mais feio. A imagem no espelho era apenas a concha vazia que abrigava seu *eu*, sua singularidade, sua essência, que era muito maior do que a soma de carne, ossos e matéria orgânica.

E real; *aquele* Michael Young era o verdadeiro Michael Young, aquele que poucos puderam ver e viveram para falar sobre isso.

Ele sorriu e pegou o pincel, mergulhando gentilmente o cabelo macio no creme. Ele estava prestes a levá-lo até a bochecha quando notou várias manchas de sangue logo abaixo da linha do maxilar.

Sorrindo, ele umedeceu uma toalha branca, também com monograma, e limpou o sangue. Em seguida, começou a ensaboar o rosto e completou o mesmo ritual de barbear que havia feito nos últimos cinco anos.

Depois de fazer a barba, Michael vestiu um terno azul-marinho sob medida, com uma gravata três tons mais clara que o paletó. Usando a longa calçadeira de latão pendurada na parte interna de seu closet, Michael calçou seus mocassins castanhos.

Em seguida, ele desceu as escadas até a cozinha do chef.

Ele abriu a porta da geladeira de aço inoxidável e um sorriso

tímido surgiu em seu rosto ao examinar o interior. Ela estava quase vazia, consequência do jejum intermitente que ele vinha praticando há anos. No entanto, havia várias garrafas de água com gás ao lado da porta, e ele pegou uma. Depois de fechar a geladeira, ele se inclinou contra ela, desenroscou a tampa e tomou um longo gole. Ele agitou o líquido na boca e depois engoliu.

As bolhas efervescentes fizeram cócegas em sua garganta enquanto desciam, e ele esperou que a sensação chegasse ao estômago antes de tomar outro grande gole.

Ao todo, Michael bebeu metade da garrafa antes de rosquear a tampa e colocá-la na geladeira com as outras. Uma rápida olhada em seu Rolex revelou que eram quase sete horas, o que significava que ele estava dentro do horário.

Ele estava na metade do caminho para a porta da frente de seu condomínio quando uma voz baixa chegou até ele.

Michael franziu a testa; o nível inferior deveria ser à prova de som - tinha sido à prova de som, até alguns momentos atrás.

"Por favor...", gemeu a voz feminina. "Por favor, deixe-me ir... Eu farei qualquer coisa".

Era difícil para ele entender as palavras exatas que se filtravam pela ventilação da fornalha, ou como quer que elas o encontrassem, mas ele sabia o que eram, mesmo assim.

As mulheres sempre diziam a mesma coisa.

Michael revirou os olhos e sua mão se afastou da maçaneta da porta. Após uma breve pausa, ele se virou e caminhou rapidamente até a porta ao lado da cozinha. Ele a havia revestido com uma fina folha de madeira e pintado para que ficasse exatamente igual às outras portas da casa, mas havia algo nela que estava um pouco *fora do lugar*. Era uma consequência do fato de ter sido fabricada com três polegadas de aço sólido, ele supôs.

Um mal necessário, por assim dizer.

Com um suspiro, Michael colocou o polegar no leitor de impressões digitais à direita e esperou que a fechadura fosse desativada. Quando ele abriu a porta, seu nariz se enrugou com o cheiro de mofo e podridão.

Ao contrário do imaculado andar superior de seu condomínio, a metade inferior - que lhe custou um bom dinheiro para ser construída, já que eles tiveram que construir um porão do zero, transformando seu pé-direito de 3 metros em 9 metros - estava inacabada, desarrumada e completamente imunda.

Do jeito que ele gostava.

Michael teve que se abaixar sob as vigas que compunham o teto e usou a mão para afastar a miríade de teias de aranha que bloqueavam seu caminho. Os degraus de madeira desgastados rangeram sob seu

peso, e ele pisou com cuidado, certificando-se de não arranhar seus sapatos. Apenas seis pequenos passos depois, ele se viu no chão de concreto.

O nível inferior parecia mais um calabouço do que o porão de um condomínio de luxo. Esse era o lugar dele, enquanto o andar de cima era apenas o lugar da concha - o lugar da MGY, um lugar que ele mantinha apenas para manter as aparências.

Ele se agachou sobre os quadris enquanto se aprofundava na escuridão; com um metro e oitenta e dois de altura e um teto de apenas um metro e oitenta, Michael não conseguia nem chegar perto de ficar de pé.

"Por favor... qualquer coisa", a mulher sussurrou novamente, dessa vez com uma voz cristalina. Michael seguiu a voz dela e foi em direção ao canto leste do porão. Assim que ele cruzou o sensor invisível, uma luz vermelha no alto se acendeu, perseguindo a escuridão com seu brilho penetrante. Por hábito, seus olhos se voltaram para a câmera que estava afixada no canto da sala.

A luz de registro foi acesa automaticamente.

"Por favor..."

Somente depois de se certificar de que tudo estava funcionando como planejado, Michael voltou sua atenção para o cubo de ferro de três metros por três metros diante dele. Ele também havia custado um bom dinheiro para ser feito e havia custado ainda mais para que o soldador que o construiu ficasse quieto.

Dentro, porém, estava o verdadeiro prêmio. Lá dentro, uma mulher de cabelos loiros, com cerca de 30 anos, estava encolhida, com os joelhos apertados contra o peito estreito. Seus cabelos estavam úmidos e pendiam sobre seu rosto, cujas partes visíveis brilhavam de lágrimas e suor.

"Farei qualquer coisa", sussurrou ela, erguendo os olhos para olhá-lo. Ela era bonita, uma mulher de negócios que ele havia encontrado duas noites atrás em um bar, provavelmente tentando superar uma separação recente. A saia bege e a jaqueta combinando, então imaculadas e provavelmente de grife, pareciam tão fora de lugar no ambiente sujo e cheio de odor de cerveja azeda.

E foi isso; tudo o que ele precisou fazer foi ver aquela saia e Michael sabia que ela seria um alvo fácil.

Mas agora, o vestido, como o resto dela, estava uma bagunça suja.

"Por favor", ela implorou desesperadamente. Michael sentiu uma pontada de fome no estômago, apesar da água com gás que havia consumido lá em cima apenas alguns instantes antes.

Ele não disse nada; raramente falava com suas vítimas. Em vez disso, ele observava. Por um longo tempo, Michael se contentou em simplesmente manter o olhar dela.

Lentamente, quando ficou claro que o simples fato de olhar para ele não iria afetar da maneira que ela talvez esperasse, a mulher tentou outra tática.

Ela tirou as mãos das canelas e as estendeu para ele, com as palmas para cima.

As dores de fome de Michael aumentaram de intensidade.

A pele de todos os seus dez dedos havia sido mastigada, revelando uma bagunça horrível de sangue coagulado salpicado com manchas de ossos brilhantes e tendões horríveis.

Michael sorriu, antes de levantar a mão e desligar manualmente a luz vermelha. Foi só então que ele percebeu que a tampa plástica da ventilação havia se soltado e estava pendurada.

E isso explica por que eu a ouvia no andar de cima.

Ele fez uma anotação mental para consertá-la mais formalmente mais tarde, mas, por enquanto, estendeu a mão e a colocou de volta no lugar. Finalmente, ele voltou sua atenção para a mulher soluçando na gaiola.

"Desculpe, querida, ainda não estou com fome suficiente. Mas logo, logo. Eu prometo."

A mulher não gritou, mas enquanto ele caminhava desajeitadamente, meio agachado, meio de pé, de volta para as escadas, ele a ouviu começar a soluçar novamente.

Não, Michael Grant Young não era como todo mundo. E ele estava decidido a deixar o mundo saber disso.

Eventualmente.

Mas não hoje. Hoje ele tinha outro trabalho a fazer.

Capítulo 5

"Porra!" Cal gritou quando as mãos finas e frias do homem envolveram sua garganta. Ele balançou os quadris e, felizmente, parecia que a quiddity tinha gastado a maior parte de sua horrível energia fantasmagórica correndo como um louco.

O homem literalmente voou de cima dele, grunhindo ao aterrissar em um monte. Cal imediatamente se levantou e começou a dar tapinhas no peito, nos braços, nas pernas, em todo o corpo para se certificar de que tudo ainda estava lá. Enquanto o quiddity gemia na grama, Cal olhou em volta desesperadamente para seus amigos, que estavam correndo em sua direção.

"Que porra aconteceu, Allan?! O que aconteceu?!", ele quase gritou. Quando o velho começou a se levantar, Cal apontou um dedo para o peito dele. "Fique aí! Fique abaixado!" Então, para Allan, ele acrescentou: "Que plano estúpido!"

O rosto do garoto caiu, mas ele continuou caminhando em sua direção.

Shelly o alcançou primeiro.

"O que aconteceu, Cal? Ele-ele-ele-?"

"Sim, ele me tocou - que diabos!"

Shelly fez uma careta e deu um pequeno passo para trás.

Cal não a culpou.

"Ele não apareceu", sussurrou Allan. Eles estavam lado a lado agora, olhando para o homem que finalmente tinha conseguido se ajoelhar.

"O quê?"

"O cara - esse cara - não apareceu."

"De que diabos você está falando, Allan? Como assim, ele não apareceu?"

Shelly agarrou o braço de Cal, e o toque de outra pessoa o fez pular.

"Ele quer dizer que o homem não está morto."

Cal piscou os olhos com força.

Não está morto? Esse velho com trajes da marinha vagando pelo cemitério à meia-noite não está morto?

"Você", disse ele. O idoso gemeu e depois se sentou. "Ei, você!" Cal repetiu.

"Eu?", disse ele, olhando para ele com o rosto muito marcado.

"Sim, você está vivo?"

O homem parecia confuso, mas então sua expressão se endureceu.

"Onde está minha esposa?", ele exigiu.

Allan se abaixou e pegou a câmera no tripé que havia caído quando o homem atacou Cal.

"Me dê a porra da câmera", ordenou Cal, arrancando-a das mãos de Allan. Era difícil segurá-la com o tripé dobrado ainda preso, mas quando ele aproximou a lente do olho, ela ainda parecia funcionar.

Allan estava certo; o homem não estava brilhando. Cal conseguia distinguir a grama e a árvore, até mesmo a lápide à esquerda do velho. Mas o homem em si era apenas uma silhueta escura.

Ele afastou a câmera do rosto para uma rápida inspeção, antes de aproximá-la novamente dos olhos.

O resultado foi o mesmo.

"Tem certeza de que não está quebrado? Esse seu pequeno truque sempre funciona?"

"Sempre", disse Allan.

"Então você está vivo", disse Cal em voz baixa, como se estivesse tentando se convencer.

"É claro que estou vivo, seu idiota", disse o homem, tentando e, dessa vez, conseguindo ficar de pé. "Agora me diga onde está minha esposa".

Shelly deu um passo à frente, com a mão estendida.

"Ouça, amigo, não sabemos quem você é ou o que está fazendo aqui, e certamente não vimos sua esposa, mas você não pode estar aqui agora."

A resposta do homem foi imediata.

"Não posso, porra."

Em seguida, ele virou a cabeça para o céu.

"Lorraine! Lorraine! Onde você está, Lorraine?"

"Fale baixo!" insistiu Shelly. Embora fosse improvável que o cemitério de merda que eles haviam escolhido nos arredores do condado de Hainsey tivesse alguma segurança - na verdade, essa foi a principal razão pela qual eles o escolheram -, provavelmente ainda era melhor não chamar a atenção para si mesmos.

Nada de bom poderia resultar de ser pego com todo tipo de equipamento de câmera em um cemitério à meia-noite. E dado o passado de Cal e seus problemas com a lei, bem, isso também não ajudaria.

O homem ignorou os pedidos de Shelly e, em vez disso, levantou a voz como se quisesse irritá-la.

"Lorraine! Lorraine Smith! Você está aqui fora?"

"Cale a boca..."

Mas Cal parou de falar quando Allan agarrou seu braço. Ele se virou para encarar o homem e ficou surpreso ao ver que seus olhos estavam arregalados por trás dos óculos circulares.

"O quê?" Cal perguntou, se livrando do aperto do homem. "O que há de errado com você?"

"Lorraine", ele sussurrou.

"E daí?"

Allan estendeu um dedo e apontou para uma lápide fora da clareira para onde as três câmeras estavam apontadas.

"Lorraine", ele repetiu.

E então Cal percebeu o que ele queria dizer.

"Não me diga", ele sussurrou.

"Não me diga", confirmou Allan. Shelly, ainda sem saber o que estava acontecendo, foi rapidamente para a lápide que Allan estava indicando, enquanto mantinha os olhos fixos no estranho homem com trajes da marinha.

Cal a observou pelo canto do olho. Ela varreu algumas das folhas mortas que pendiam da lápide, depois sacou o celular para usar a lanterna. Depois de passar os dedos sobre as gravuras para limpar a sujeira, ela congelou de repente.

E Cal sabia.

Ele não precisou que Shelly confirmasse verbalmente suas suspeitas, a expressão no rosto dela foi suficiente.

A lápide era de uma tal Lorraine Smith.

"Hum, senhor?"

"Lorraine", gritou o homem novamente. "Lorraine, onde você está? Eu ouvi sua voz!"

"Senhor!"

Finalmente, o rosto enrugado do homem se voltou para Shelly.

"O quê? Você sabe onde ela está?"

"Sim", disse Shelly em voz baixa. "Eu sei onde ela está. E acho que precisamos conversar."

Capítulo 6

"Olá, raio de sol", disse Carson, olhando de soslaio para o homem de terno. Ele estava de pé nos degraus do lado de fora de um enorme arranha-céu de vidro, com os grandes óculos de aviador suficientes apenas para bloquear o sol forte do meio-dia.

O homem de terno olhou para ele, como provavelmente fazia com a maioria das pessoas que encontrava, e seu belo rosto se contraiu em uma careta.

"Pare de implorar; não vou lhe dar nada."

Carson podia sentir Jonah se aproximando por trás dele, com a respiração mais rápida, mas ele usou a mão para manter o homem afastado.

"Vamos lá", disse ele, com o sorriso ainda no rosto. "Vamos dar uma volta, Michael."

Os olhos do homem se estreitaram e sua expressão mudou, passando de firme e enojado para algo semelhante ao nervosismo. Havia várias outras pessoas de terno circulando como formiguinhas bem vestidas seguindo alguns feromônios ou outras secreções de uma rainha invisível, mas, embora todas se parecessem com Michael, não eram como ele.

Nem um pouco.

Michael tinha diferentes... interesses.

"Quem é você?" Michael sussurrou.

"Apenas um cara que conhece um cara." Carson acenou com um braço. "Venha, vamos caminhar."

O homem parecia hesitante, mas enquanto há alguns momentos ele olhava para seus colegas de traje em busca de apoio, agora ele estava olhando para ver se eles estavam olhando para ele, como se pudessem ouvir.

O sorriso de Carson cresceu.

De fato, interesses diferentes.

Ainda assim, apesar de seu orgulho por ter escolhido o cara no meio da multidão, o tempo era essencial. Cada dia que Robert estava fora era mais um dia em que Leland estava preso na Medula.

"Michael? Dê uma volta - tenho certeza de que seria melhor se esse vídeo não fosse divulgado com todos os seus colegas circulando por aí, não acha? O rosto bem barbeado do homem caiu de repente ao ouvir a palavra videotape.

"Vídeo? Você..." Michael gaguejou.

Carson tirou uma das mãos do bolso do casaco de primavera apenas o suficiente para revelar o canto de uma câmera digital.

"Vamos, agora, Michael. Vamos dar uma volta."

O homem de terno deu um passo hesitante para frente, com os

olhos arregalados.

"O que é isso? Extorsão? Se eu não fizer o que você diz, você vai à polícia? É isso?" perguntou Michael. A imagem lisa e perfeita que ele havia projetado nas escadas do prédio de oitenta andares havia se desfeito. O suor cobria seu rosto e sua testa, e seu cabelo, perfeitamente arrumado minutos antes, agora estava uma bagunça. Ele havia soltado a gravata e o botão superior da camisa estava desabotoado.

Carson o encarou por uns dez segundos antes de responder.

"Parecemos o tipo de pessoa que procuraria a polícia?", perguntou ele por fim.

Jonah, que estava sentado do outro lado de Carson no banco, riu.

"O que você quer, então? Dinheiro?"

Carson refletiu sobre isso por um momento. Uma pessoa normal teria visto o vídeo de Michael Young empurrando a mulher para dentro da gaiola antes de começar a cortá-la e, em seguida, olharia para o homem de terno ao lado dele no banco e diria: "Não, de jeito nenhum, não é a mesma pessoa".

Mas Carson olhou nos olhos do homem e soube.

Nenhum deles era um homem normal.

"Junte-se a nós."

Michael fez uma careta.

"Juntar-se a você? Do que está falando? Quem diabos são vocês?"

Carson balançou a cabeça.

"Há tanta coisa que você não sabe, Mike. Muita coisa. E eu posso ajudá-lo a aprender."

Michael se levantou, olhando ao redor com nervosismo. Eles estavam sentados em um banco em um pequeno parque localizado fora da vista dos grandes edifícios de escritórios que compunham o distrito financeiro.

Mas as formigas estavam em sua colmeia, fazendo o que faziam; o parque em si estava vazio.

"Não sei de onde você tirou esse vídeo", disse Michael, apontando para o contorno da câmera que Carson havia guardado no bolso. "E não sei quem são vocês dois, palhaços, ou o que pretendiam conseguir vindo aqui hoje, mas isso não vai acontecer."

Carson levantou uma sobrancelha.

"Não é?"

Michael balançou a cabeça.

"Não, de jeito nenhum. Olhem para vocês dois". Ele acenou com a mão para Carson. "Você parece um condenado desnutrido, e você" - ele se dirigiu ao Jonah em seguida - "porra, eu nem sei como você é".

Carson deu de ombros.

"Muito perto, na verdade." Seus olhos se estreitaram. "Mas antes de ir e dizer ou fazer algo de que se arrependerá, deixe-me fazer uma pergunta."

Michael abriu a boca para continuar sua diatribe, mas depois pensou melhor e suavizou o tom.

"Vou comprar a fita de vocês. Vocês parecem estar precisando de dinheiro. Eu tenho dinheiro."

Novamente, Carson deu de ombros.

"Você tem razão, precisamos de dinheiro. Mas, como eu disse, precisamos mais de você do que do seu dinheiro. Deixe-me fazer apenas uma pergunta: você pode me dar essa quantia, pelo menos? Só uma pergunta?"

Michael hesitou, mas acabou concordando.

"Atire."

"Ótimo. Bem, Michael, quando você mata essas mulheres, o que você vê?"

Michael fez uma careta. Claramente, apesar das evidências em vídeo, ele ainda não estava disposto a admitir abertamente o que havia feito.

O que ele ainda fazia.

"Está vendo? Como assim, está vendo?"

Michael deu um pequeno passo para trás.

"Não se faça de desentendido, Michael. O que você vê nos olhos deles quando vão embora? O quê? O que é que você vê?"

Algo mudou no rosto do homem; ele endureceu, e a máscara que ele colocava todas as manhãs de repente se tornou transparente, oferecendo a Carson e Jonah um vislumbre do horrível demônio por baixo.

"Ouçam, seus filhos da puta. Vou sair deste parque agora e, se eu vir qualquer um de vocês -"

Carson se levantou rapidamente, e Michael tropeçou para trás.

"Estou lhe avisando..."

Jonah também se levantou. Para um homem tão atarracado, ele se movia com uma destreza inesperada. Ele deslizou silenciosamente alguns passos para a esquerda de Michael. Este último estava tão furioso que pareceu não perceber.

Carson deu um passo em direção ao homem que suava em seu terno.

"Eu lhe direi o que você vê, Michael... Eu lhe direi o que você vê, e então você se juntará a nós. Vou abrir sua mente para coisas que são maiores do que você jamais imaginou ser possível."

Capítulo 7

"Qual é o seu nome?" Cal perguntou ao homem com trajes da marinha, que rapidamente passou de furioso a aterrorizado depois de ver o túmulo de sua esposa. Apesar de ter sido atacado por ele antes, Cal realmente sentiu pena do velho confuso e triste diante dele.

"Walter", disse ele suavemente. "Walter Smith. Quer dizer que você não a viu? Você não viu Lorraine?"

Cal balançou a cabeça e deu um passo à frente. Walter respondeu dando um passo igualmente grande para trás.

"Eu a ouvi, juro que ouvi."

Shelly, que agora estava ao lado de Cal, falou em seguida, com um tom suave e reconfortante. Claramente, ela também sentia compaixão por Walter.

"Walter, sua esposa... sua esposa faleceu há algum tempo."

Os olhos do homem se arregalaram, mas Cal não viu surpresa neles, mas sim frustração.

"Eu sei", disse ele de forma concisa. "Ela morreu há um ano. Mas eu a ouvi. Eu estava indo visitar seu túmulo - vestido com o mesmo uniforme da Marinha com o qual nos casamos - quando ouvi sua voz me chamar."

Cal consultou seu relógio.

"Você estava vindo para cá? Agora? À meia-noite?"

Shelly lhe deu uma cotovelada nas costelas, e ele grunhiu. Walter Smith, no entanto, não se abalou com o comentário.

"Lorraine morreu quase exatamente à meia-noite - em seu sono, que Deus tenha sua alma em paz."

"Sim, aquela parte do Deus a tenha em sua alma? Isso é algo sobre o qual precisamos conversar."

Novamente, Shelly lhe deu uma cotovelada nas costelas, dessa vez com força suficiente para que ele gritasse. Ele se virou para ela.

"O quê?", ele exigiu com raiva.

Shelly não respondeu, mas se colocou entre Cal e Walter.

"Sua esposa foi enterrada ali?", perguntou ela, apontando com o dedo para a lápide cinza-acinzentada que trazia o nome da mulher.

Walter parecia confuso.

"Sim, essa é a lápide dela. Por quê?"

"Quero dizer, ela foi enterrada? Por exemplo, você a viu sendo enterrada?"

O homem finalmente pareceu entender o que ela estava perguntando.

Ele balançou a cabeça lentamente.

"Não, Lorraine foi cremada - até trouxe suas cinzas comigo. Ia jogar um pouco de cinzas em seu túmulo todos os anos até eu morrer.

Assim, nunca me esquecerei, sabe?"

Shelly acenou com a cabeça.

"Você trouxe a urna com você?"

Cal franziu a testa.

Onde ela quer chegar?

Walter assentiu e, em seguida, olhou para trás, para a área de onde ele havia corrido para Cal.

"Ali. Mas o que isso tem a ver com a Lorraine - com o fato de eu ter ouvido a voz da Lorraine?" Ele abaixou a cabeça. "Será que estou ficando louco?"

Shelly imediatamente deu mais um passo à frente e indicou a Allan que fosse até o local onde Walter havia dito que havia colocado a urna e a recuperasse.

"Não, Walter, não acho que você esteja ficando louco. Acho que você realmente ouviu sua falecida esposa."

"Mas... como isso é possível?"

Shelly se aproximou de Walter e gentilmente colocou a mão em seu ombro. Walter caiu imediatamente; seu uniforme azul-marinho, que havia sido usado com tanto orgulho quando ele entrou no cemitério pela primeira vez, agora estava pendurado em seu corpo magro como um pijama mal ajustado. Era como se ele tivesse gastado toda a sua energia para vir até aqui e depois atacar o Cal, e agora que estava esgotado, seu corpo simplesmente havia murchado.

"É possível", disse Shelly em voz alta o suficiente para que Cal pudesse ouvir. Ela olhou para ele por cima do ombro, e ele viu algo em seus olhos que não lhe agradou. Cal deu um passo à frente, tentando intervir antes que ela cometesse um erro terrível, mas, como sempre, ele chegou atrasado à festa. "E você pode vê-la novamente, Walter. Poderá ver sua esposa uma última vez."

"Isso é uma loucura, Shel. Tipo, seriamente estúpido. Pior até do que a ideia do Allan de vir para cá em primeiro lugar."

Shelly mordeu o lábio.

"Temos que tentar."

"Não, não precisamos. Não precisamos tentar nada. Podemos simplesmente deixar tudo isso para trás, viver com o dinheiro que Sean nos deu e fazer outra coisa."

Foi Allan quem falou em seguida.

"Não posso fazer isso."

Cal se virou para ele, esforçando-se para manter a voz baixa para que o homem na clareira não pudesse ouvir o que ele estava dizendo.

"Você não pode? O senhor? Lembro-me perfeitamente de você choramingando como um garotinho que perdeu a chupeta em

Seaforth, quando Sean nos levou para lá e nos trancou no armário. Você se lembra disso?"

Allan baixou o olhar.

"E isso -" Ele apontou para a configuração da câmera e para Walter, que agora estava sentado no centro da clareira. "- Isso se parece muito com isso, não é? Como Sean nos usou como isca para fazer Robert vir para Seaforth. Você sabe disso, certo? Isso se parece quase exatamente com isso."

De repente, Shelly jogou a urna para ele, e Cal xingou enquanto fazia malabarismos com o vaso preto e escorregadio. Depois de quase deixá-lo cair, ele conseguiu agarrá-lo com as duas mãos.

"Shelly! Que porra é essa!", ele bufou, com suor brotando em sua testa. "O que há de errado com você?"

Shelly ignorou a pergunta e ficou olhando para ele por um momento. Cal o encarou de volta. Ela estava vestida com uma calça de couro muito justa e usava uma jaqueta preta de molas por cima de um decote em V preto muito decotado, revelando a parte superior dos seios. Era uma roupa que ele já a tinha visto usar antes - Shelly tinha um guarda-roupa minimalista, se é que isso existia -, mas parecia diferente agora; a calça parecia mais apertada nas coxas e ele tinha sérias dúvidas de que ela teria conseguido vestir a jaqueta se a noite estivesse mais fria. Na verdade, todas as roupas dela pareciam mais justas, e ele se perguntou, não pela primeira vez, se deveria incentivá-la ativamente a se juntar a ele em seus exercícios; parecia que a cada quilo que ele perdia, ela ganhava um pouco.

Era por causa da bebida; a bebida estava em alta velocidade desde que Robert os abandonara.

"O quê?", disse ele por fim, incapaz de manter o olhar dela por mais tempo.

"Você sentiu isso?"

Cal segurou a urna com firmeza com as duas mãos.

"Sim, é claro que estou sentindo. Parece que..."

Shelly estendeu a mão e a arrancou dele antes que ele pudesse reagir. Com peso extra ou não, ela ainda conseguia ser rápida quando precisava.

"Quando meus pais morreram, eles foram cremados. Eu guardei as urnas de ambos". A voz dela se embargou quase imperceptivelmente, e a expressão de Cal se suavizou.

Ele não fazia ideia de que os pais de Shelly haviam morrido. Na verdade, além das coisas que ele havia lido na Internet - sobre ela ter morado em Montreal antes de se juntar a eles na Harlop Estate e ser uma fonte de conhecimento quando se tratava de quiddity - ele percebeu naquele momento que sabia muito pouco sobre Shelly.

Na verdade, ele sabia pouco sobre Shelly, sobre Sean ou sobre

Allan. Allan estava olhando para Walter, que, em algum momento durante a discussão, havia enrolado os braços sobre os joelhos como uma criança.

A única pessoa que Cal conhecia era Robert, mas, dada a maneira como as coisas haviam acontecido... bem, ele também não tinha mais tanta certeza disso.

"De qualquer forma", continuou Shelly, sua voz endurecendo. "A urna é muito leve."

"Como assim, muito leve?"

Ela baixou o tom de voz e se aproximou ainda mais.

"É muito leve, ou seja, nem toda ela está lá."

Cal finalmente percebeu o que ela queria dizer.

"Que minuto, você acha - você acha -" Ele balançou a cabeça. "Não, de jeito nenhum."

Shelly se voltou para Allan.

"Allan, o que você acha?"

"É possível", admitiu ele com um encolher de ombros. "Quero dizer, se eles não cremaram todo o corpo dela, então talvez sua quiddidade ainda possa estar presa aqui. Não posso dizer com certeza, mas é possível." Allan não tirou os olhos de Walter enquanto falava. "Ele disse que a ouviu, e considerando o que vimos..."

"Jesus Cristo", jurou Cal. "Então, vamos ficar aqui sentados esperando a visita da esposa morta do desgraçado? Depois tentamos o seu truque maluco da câmara para prendê-la?"

"O Robert não vai voltar, Cal; não podemos contar com ele e seus superpoderes, ou seja lá o que ele fez em Seaforth, para manter a quiddity sob controle. Precisamos tentar isso - tentar alguma coisa. Por via das dúvidas".

Cal teve que lutar contra a vontade de arrancar seus cabelos.

"Por precaução? Jesus, você está ouvindo a si mesmo agora?" Apesar de sua admoestação, Cal estava ciente da ironia de suas palavras.

Antes de Walter ter corrido para ele e ele ter certeza de que seria transportado para a Medula, Cal havia usado a mesma lógica distorcida para se convencer a ir ao cemitério em primeiro lugar.

Mas agora que ele ouviu a ideia verbalizada, ela parecia absurda.

Shelly apertou os lábios com força. Claramente, ela se sentia diferente.

"De qualquer forma, não depende de você - o Allan e eu estamos fazendo isso. Sinta-se à vontade para sair a qualquer momento."

Com isso, ela girou sobre os calcanhares e começou a caminhar em direção a Walter, segurando a urna à sua frente.

Por um momento, Cal ficou olhando, incrédulo.

Em seguida, ele se recuperou.

"Espere!", disse ele finalmente. "Shelly, apenas espere!"

Capítulo 8

Michael precisou ser muito mais persuadido do que Jonah, o que os atrasou mais do que Carson esperava ou até mesmo do que o esperado. Em parte, isso se devia ao fato de ele nunca ter encontrado o homem antes - ao contrário de Jonah, com quem havia cruzado o caminho várias vezes antes de ser preso - e em parte porque o homem era naturalmente desconfiado. Uma coisa boa, Carson supôs, dado o negócio deles. Jonah, por outro lado...

Carson persistiu porque Michael era importante - importante porque ele tinha algo que nem ele nem Jonah tinham: dinheiro, e muito dinheiro. E por mais que Carson detestasse a busca pelo todo-poderoso dólar, ele era um homem prático.

O dinheiro seria útil; o dinheiro poderia ser usado para comprar pessoas, poderia ser usado para comprar armas, poderia ser usado para comprar a porra de um drinque.

Portanto, apesar do contratempo, Carson não pôde deixar de permitir que o sorriso que fazia cócegas na parte interna de suas bochechas crescesse. E sentado no banco da frente do luxuoso Mercedes de Michael, por que ele não deveria sorrir?

"Para onde vamos em seguida, Carson?" perguntou Jonah do banco de trás. "Quando vamos ter alguma ação?"

A princípio, Carson não respondeu. De repente, ele ficou desanimado com o homenzinho, principalmente porque seu comportamento animado o fez lembrar de Buddy. E esse tipo de atitude havia tornado Buddy desleixado, e foi isso que o levou à prisão.

E depois executado.

Carson se lembrou da primeira matança que ele e Buddy fizeram juntos, quando montaram uma barraca nos arredores da cidade, na Floresta Nacional de Green Mountain. Eles escolheram o mês de setembro, porque as temperaturas estavam caindo e, ainda assim, não estava frio o suficiente para afastar todos os visitantes. Ainda assim, demorou mais do que ele esperava para identificar a vítima, e talvez fosse por isso que ele estava com tanta paciência hoje.

O mesmo não pode ser dito sobre Buddy.

Escondido em uma floresta rala, próximo a uma trilha de caminhada desgastada, passaram-se quase duas horas até que a primeira pessoa - um homem com seu cachorro - finalmente passasse por ali.

É claro que Buddy queria atacar, simplesmente pular das árvores e agarrar o homem. Mas Carson queria esperar. E quando o cachorro do homem fez uma grande cagada, e o zeloso frequentador do parque se abaixou para pegá-lo com uma sacola, sua jaqueta se levantou um

pouco, revelando uma tatuagem azul em seu pulso.

"Agora?" Buddy sussurrou.

Carson colocou a mão no ombro do amigo, segurando-o. A tatuagem no pulso do homem era a insígnia do Exército. Carson era jovem naquela época, jovem e estúpido, mas sabia o suficiente para não se meter com militares.

"Não, ele não", disse a seu amigo. "Deixe-o ir."

O rosto redondo de Buddy ficou amarelado.

"Por que não?"

Carson balançou a cabeça.

"Ele é militar."

Buddy estava incrédulo. E sedento de sangue. Cara, Buddy era o indivíduo mais sanguinário com quem Carson já havia se deparado, mesmo comparado a ele e aos outros presos em Seaforth.

Sedento de sangue a ponto de ser descuidado. E veja onde isso o levou.

"Militar? E daí? Somos dois - podemos pegá-lo".

Naquela época, Buddy era mais musculoso do que gordo - algo que mudou drasticamente com o passar dos anos - e, com um metro e oitenta de altura, Carson não duvidava das palavras do amigo.

"Eu sei, mas não ele."

"Por que diabos não?"

Buddy também tinha um temperamento explosivo, que poderia explodir a qualquer momento. E esse momento estava próximo, Carson podia sentir isso.

"Porque se mexermos com ele, estaremos mexendo com todos os seus amigos pirralhos do Exército. Vocês querem isso? Querem ser caçados pelo resto de nossas vidas, sempre olhando por cima dos ombros para ver se há homens de uniforme? Isso parece divertido para você?"

Alguns soldados dispensados com TEPT eram visitantes frequentes do antro de crack de seus padrastos. Mesmo esses homens drogados demonstravam uma persistência quase sobrenatural. Se eles matassem um pirralho do Exército em sua primeira morte juntos, não havia como impedir a sede de vingança de seus companheiros.

Era uma coisa clichê de se dizer, mas parecia funcionar. A expressão de Buddy se suavizou.

"Vamos esperar por um alvo mais fácil, certo?"

Buddy concordou.

Eles não tiveram que esperar muito pelo segundo transeunte. Menos de dez minutos depois, uma mulher de quarenta e poucos anos, com um colete amarelo brilhante e uma faixa preta sobre as orelhas, passou correndo.

Ela foi a primeira deles, e Carson nunca a esqueceria.

"Carson? Para onde vamos agora? Podemos nos servir agora?"

Carson fez uma careta por ter sido tirado de seu devaneio.

"Não, ainda não. Mantenha seu pênis na calça, Jonah. Haverá mais ação do que você sabe como lidar."

"Mas eu quero agora", reclamou Jonah. Ele era como uma criança enrolada em um corpo de homem gordo.

"Jonah, cale a boca."

Michael falou em seguida.

"Você precisa me dizer para onde estou indo e também precisa me dizer qual é o seu plano mestre."

Carson quase deu uma risada alta. Esses dois não conseguiriam compreender seu "plano mestre". Eles eram apenas peões, e um rei nunca contava todos os seus segredos a seus discípulos. Ainda assim, estava claro que, com Michael, as mesmas promessas de derramamento de sangue que ele havia feito a Jonah eram insuficientes. O homem era um assassino, o vídeo provava isso, mas ele era um assassino cauteloso. Um assassino calculado, que evitava riscos. E, como consequência, também evitava a prisão.

"Há mais uma pessoa que precisamos buscar, então podemos nos sentar e conversar."

"Mais um?" Jonah perguntou do banco de trás, com a voz aumentando de tom.

"Mais uma", confirmou Carson. "Uma mulher."

Carson vislumbrou a careta que cruzou o rosto de Jonah no espelho retrovisor.

Não, não é esse tipo de garota, Jonah. Esse não é o tipo de garota com quem você quer tentar algo.

Carson encontrou Bella exatamente onde ele sabia que ela estaria: em seu bar favorito, tomando seu drinque favorito. Um Bloody Mary, imagine só.

Com Michael e Jonah esperando no carro, ele entrou no bar e se aproximou dela por trás. Embora não tivesse visto Bella em quase uma década, ele sabia que era ela, apesar de ver apenas a parte de trás de sua cabeça e seus ombros. E isso mesmo considerando que ela estava usando um suéter cinza de gola alta. Ele sabia que era ela não só porque reconheceu o cabelo liso e preto que caía logo abaixo dos ombros, ou a tatuagem de rosa na mão direita que segurava o Bloody Mary, mas também pela maneira como ela se sentou. Embora ela estivesse em um banco de bar, suas costas estavam perfeitamente retas, sua postura era invejada por todos, com exceção das mais prestigiadas escolas de ensino superior.

Essa era mesmo a Bella, e Deus, como ele sentia falta dela.

Em vez de se entregar, Carson preferiu deslizar silenciosamente para o lado dela.

Como era de se esperar, ela nem se deu ao trabalho de levantar a cabeça para olhar para ele.

O garçom do bar, um homem mais velho com sulcos profundos ao redor do nariz e da boca e cabelos brancos perfeitamente penteados, aproximou-se dele.

Sua voz combinava perfeitamente com sua aparência.

"O que posso lhe oferecer?"

Carson sorriu. Fazia muito, muito tempo que ele não via Bella, e fazia ainda mais tempo que ele não tomava um drinque. Mas, embora Bella sempre gostasse de seus Bloody Marys, ele gostava mais de bourbon.

"Uma dose dupla de Bulleit. Legal", ele respondeu simplesmente.

O anel no segundo dedo de Bella, uma simples pulseira de prata que Carson havia lhe dado há muito tempo, de repente parou de bater na lateral de seu copo.

Então, quase em câmera lenta, Bella se virou para encará-lo.

"Oh, oi, Bella, que bom encontrar você aqui", disse ele com um sorriso.

Os olhos castanhos escuros de Bella se arregalaram e o copo escorregou de sua mão.

"Carson? Carson?"

Capítulo 9

Quando a Shelly ficava assim, não havia nada que alguém - nem o Cal, nem o Allan e nem mesmo o Robert - pudesse dizer para fazê-la mudar de ideia. Então, Cal relutantemente concordou em ajudá-la com o "plano".

Apesar do que ele havia dito sobre querer deixar este mundo, fugir desse jogo perigoso que eles estavam jogando, no fundo, ele estava aliviado por eles terem decidido permanecer nele, pelo menos por enquanto. Ele não se iludia; depois do que tinha visto em Seaforth e na Sétima Ala, ele sabia que havia uma chance - uma grande chance - de estar correndo risco de morte, ou pior. Mas tudo isso era como uma droga para ele. A adrenalina que sentia e, em menor grau, a justificativa para o desprezo que lhe fora lançado por ter mencionado algumas de suas "teorias de conspiração", era algo que ele desejava.

Havia também o seu melhor amigo morrendo em seus braços - sempre havia isso. Robert pode ter sido o único a ir ao Marrow, pode ter caminhado pelas margens e voltado para falar sobre isso quando ninguém mais o fez, mas Cal tinha visto. Ele tinha visto, porra, e queria ver de novo. Só que ele queria fazer isso em seus próprios termos. E ele queria voltar - sim, ele realmente queria voltar a este mundo.

Ele se inclinou para perto e sussurrou no ouvido de Walter.

"Não importa o que aconteça, você não pode tocá-la. Lembre-se disso, Walter. Não importa o que aconteça."

O homem olhou para ele com olhos tristes, mas surpreendentemente claros. Cal não havia perguntado a idade dele, mas ele o viu com cerca de 80 anos. Para a idade que tinha, ele parecia ter uma mente particularmente sã, o que ajudou a aliviar parte da culpa que se acumulava dentro dele.

"Não importa o que aconteça", repetiu Cal, antes de colocar gentilmente a mão em seu ombro e dar um passo para trás.

"Vamos, Cal, precisamos começar."

Cal manteve o olhar do homem por mais algum tempo, certificando-se de que a importância de suas palavras fosse compreendida. Foi Walter quem acabou quebrando o olhar, fingindo ter que ajustar a urna entre as mãos.

De acordo com o plano, se é que se pode chamar assim, Cal se retirou para sua câmera. E então, uma vez atrás da lente, eles estavam como estavam antes da chegada de Walter: Cal, Shelly e Allan atrás de suas câmeras, todos focados na área sobre a qual triangularam. Só que, dessa vez, havia um homem sentado no centro. Um homem triste, triste, que só queria desesperadamente ver sua esposa novamente.

Cal balançou a cabeça, tentando manter a concentração.

"Está bem", disse Shelly, com a voz suave. "Chame por ela. Diga a ela que você está ao lado de seu túmulo."

Walter fechou os olhos por um momento e, quando os abriu novamente, algo havia mudado nele, algo estava diferente.

Cal sentiu uma súbita e iminente sensação de pavor.

"Lorraine?" Walter disse suavemente. "Lorraine, estou aqui. Estou aqui perto de seu túmulo. Vim porque você me chamou."

Quase que instantaneamente, ouviu-se um farfalhar à esquerda do homem, logo atrás de um grande carvalho. Shelly havia colocado várias luzes portáteis na clareira, mas havia desligado todas elas, exceto uma, para não assustar Lorraine. Mas agora Cal desejava que ela tivesse mantido todas elas acesas. Ele apertou os olhos com força, mas quase não havia luz iluminando a árvore e muito menos as sombras atrás dela.

Seu coração começou a acelerar.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Ele sentiu o formigamento familiar nas pontas dos dedos e o suor começou a se formar em sua testa, apesar da temperatura fria lá fora.

"Lorraine?" Walter perguntou, com o tom de sua voz aumentando ligeiramente. "É você?"

De repente, um guaxinim saiu das sombras, e Cal sentiu todo o ar de seus pulmões ser expelido. Ele não tinha a intenção de expirar alto, mas o fez, e isso assustou a criatura noturna, que rapidamente correu para a escuridão.

"Walt?" A voz era fina, fraca, quase estridente.

Cal virou a cabeça para o outro lado da instalação, dessa vez com o ar preso na garganta.

Havia uma mulher em uma camisola branca, quase iridescente, caminhando em direção a Walter e à urna. Enquanto Cal observava, ela se afastou mais para dentro da clareira, seus pés pareciam deslizar pela grama, em vez de pisar nela. Seus olhos estavam fixos em Walter e, como Shelly havia previsto, a mulher com longos cabelos pretos que iam até quase o meio das costas nem sequer os notou.

Na verdade, ela também não pareceu notar a luz que Shelly havia colocado.

Aguarde o sinal, ele se repreendeu.

Seu dedo estava se contorcendo incontrolavelmente, a poucos milímetros do botão de disparo do obturador.

Walter estava virado para o lado errado, mas ao ouvir a voz de sua esposa, ele se virou para encará-la. Quando seus olhos se encontraram, ele deixou a urna cair na grama.

"Lorraine!" Walter esfregou os olhos como uma criança na manhã de Natal. "Lorraine, é mesmo você?"

A mulher acelerou o passo e seu rosto, ainda mais carregado de

rugas do que o do velho, se iluminou.

"Oh, Walter, é você! Estou tão confuso desde que você me deixou."

Me deixou?

Cal sentiu o coração bater descontroladamente no peito enquanto Walter se levantava.

Agora eles estavam separados por apenas um metro e meio ou dois.

Cal deixou o dedo encostar no gatilho, mas não o apertou, não por enquanto.

Espere até que ela esteja a pelo menos dois metros de Walter - não antes disso", Allan havia instruído.

Com a respiração suspensa, Cal esperou, tão absorto na cena que se desenrolava diante dele que nem pensou em olhar para Shelly ou Allan.

"Senti sua falta, Walt. Realmente senti sua falta. Todas as noites venho aqui, perambulo por esse bosque, entre as lápides, procurando por você. Sinto muito pelo que aconteceu."

Lorraine deu mais um passo deslizante para frente e depois outro.

Quatro pés agora, talvez menos.

Cal nunca havia disparado uma arma antes, mas já tinha ouvido falar de coceira no dedo do gatilho. Era exatamente isso que ele tinha agora: um dedo que coçava no gatilho.

Ele só queria tirar a foto e depois dizer a Walter para sair dali.

"Onde... onde você estava? Por que você me deixou, Walter?"

Cal percebeu que Walter não havia falado por vários minutos e, de repente, temeu pelo coração do homem. Seu rosto estava pálido, aparentemente sem sangue, e seus olhos estavam arregalados. Mesmo Cal, apesar de tudo o que tinha visto, de tudo o que sabia sobre esse mundo, ainda tinha dificuldade em digerir o fato de que essa mulher estava morta - sua mente rejeitava a ideia, voltando aos princípios que lhe haviam sido ensinados desde cedo. Você vive, você morre, você vai para o céu ou para o inferno. Não há como voltar. E se ele se sentia assim, não conseguia nem imaginar o que o pobre Walter estava pensando ou sentindo.

"Ouço esta voz, uma voz me chamando... a voz de um homem, dizendo-me que preciso ir ao Mar, que ele pode me ajudar a descobrir a verdade. Ele se autodenomina... ele se autodenomina o Bode, Walter. E eu estou com medo".

Cal sentiu seu sangue gelar.

O bode. O pai de Robert.

"O que significa tudo isso, Walt? Por que não...?"

Quando ela deu mais um passo em direção ao homem silencioso, Cal não conseguiu mais segurar o dedo.

Ele clicou no botão de disparo e ouviu o obturador da câmera se fechar.

No início, nada aconteceu. O visor ainda mostrava um contorno vermelho e laranja brilhante da forma de Lorraine, o que por si só já era perturbador. O homem real, o homem vivo, que respirava, aparecia como um contorno borrado, mas essa quiddidade, a alma confusa e desorientada de Lorraine que foi solicitada por Leland Black, era tão vibrante quanto uma supernova.

"Agora!" Allan gritou, e Cal, que havia se antecipado, continuou apertando o botão.

"Walt? O que está acontecendo?"

Sua voz ficou mais lenta, as palavras individuais se arrastaram. Não foi tão deliberado quanto o que aconteceu em Seaforth, quando Robert exigiu que a quiddity parasse, mas algo estava claramente acontecendo. Era como se Lorraine estivesse subitamente se movendo através do éter.

"Shel? Allan?" Cal gritou, ainda sem querer tirar os olhos de Lorraine e Walter. "O que está acontecendo?"

Não houve resposta imediata.

Enquanto ele observava, Lorraine de repente parou de se mover completamente. Parecia que todo o seu ser havia se congelado, os olhos ainda abertos, os lábios pressionados como se estivessem no meio de uma palavra.

"Shel?"

"Afaste-se dela, Walter", disse Shelly. Cal, atraído pelo som da voz dela, ficou alarmado ao ver que ela havia se afastado da câmera e estava indo em direção à clareira.

"Shelly? O que está acontecendo? Fique atrás da câmera, Shelly."

"Lorraine... como eu a detestava", rosnou Walter de repente. "Depois do que você fez, voltei aqui para matá-la novamente."

Cal virou a cabeça para trás em direção à cena e ficou chocado ao ver uma expressão de pura fúria no rosto de Walter.

"Que diabos?"

"Não!" Shelly gritou de repente, e então começou a correr em direção a Lorraine e Walter. Cal, ainda confuso, não conseguiu evitar que ele mesmo fizesse o mesmo.

"Eu encontrei as cartas, sua vagabunda. Não foi só uma vez, foi? Não posso acreditar que você..."

Então, Walter fez o insondável. Apesar dos inúmeros avisos, Walter estendeu a mão e agarrou sua esposa morta e congelada pela garganta.

"Não!" Cal gritou. Mas ele chegou tarde demais.

Com seus dedos longos e finos agarrando a pele enrugada da garganta dela, a cabeça de Walter subitamente se inclinou para trás e sua boca se abriu em um longo e horrível lamento.

Então ele começou a tremer e seus olhos começaram a ficar pretos.

Capítulo 10

"Liberdade condicional", disse Carson com uma risada.

Bella ficou boquiaberta.

"Não."

Carson continuou a rir.

"Não, claro que não."

Bella tomou um gole da nova bebida que o barman havia preparado para ela, enquanto olhava para ele. A reação dela não foi exatamente a adulação que ele esperava.

"Bella", disse ele, inclinando-se para perto dela. Quando ela se afastou, ele teve que usar toda a sua força de vontade para resistir à carranca que ameaçava surgir. "Sou eu, Bella. Sou realmente eu."

Mas, apesar de suas afirmações, Bella parecia não estar convencida. Quando ele estendeu a mão para tocá-la, ela recuou tão rapidamente que quase caiu do banco do bar. E então ele entendeu; o medo em seu rosto dizia tudo.

"Ha, ok, agora eu entendi. Eu não estou morto, Bella. Não sou um deles."

Bella olhou para ele com os olhos arregalados.

"Como posso saber? Quero dizer, antes de você ser internado... você se lembra dos sonhos, não é? Aqueles sobre os quais você me contou? Sobre" - ela baixou o tom de voz - "o mar?"

Carson esfregou o queixo.

"Bella, eu sei muito mais agora, muito mais sobre toda essa existência do que você pode imaginar... Eu vi - eu vi, Bella, eu vi as margens do Marrow. E eu o vi, Bella. Há muito mais que você não sabe".

Ele pôde ver o brilho voltar aos olhos dela, mas ela ainda não estava sorrindo. Sua guarda ainda estava levantada.

"Tudo bem", disse Carson com uma piscadela, "eu sei como provar a você que sou real. Barman?"

O homem fez um aceno brusco com a cabeça e se aproximou. Seus lábios finos estavam torcidos em uma expressão azeda, o que era estranho, dado o fato de que Carson e Bella eram seus únicos clientes.

"O que posso fazer por você?", disse ele, olhando para as bebidas quase cheias.

"Tequila. A melhor que você tem."

Quando o barman não se mexeu imediatamente, Carson se lembrou de como Michael o havia chamado quando se conheceram.

'Você parece um condenado anorético'.

Carson pegou sua carteira e tirou o maço de dinheiro que havia convencido Michael a retirar do caixa eletrônico. Ele jogou uma nota de 50 no balcão.

Como era de se esperar, a expressão do barman mudou repentinamente, seus olhos se arregalaram ao ver o dinheiro. Rapidamente, ele se abaixou, tirou uma garrafa de Tequila Bang Bang de algum lugar fora da vista e a colocou ao lado de dois copos de shot no balcão.

"Sério?" Bella perguntou, suas sobranceiras finas se erguendo.

"Você não quer?", perguntou o barman, com a careta ameaçando voltar.

"Não, está tudo bem. Isso nos trará de volta, o que você acha, Bella? Uma dose pelos velhos tempos?"

Bella deu de ombros. Ela era bonita, em um sentido não tradicional. Foi o cabelo dela, Carson percebeu, que a fez ultrapassar a linha do normal para o bonito, por ser tão brilhante e liso. Quando ele a conheceu, todos aqueles anos atrás, durante seu estágio no reformatório onde Carson estava preso, ele desejou tocar aquele cabelo, para sentir se era tão sedoso quanto parecia.

E foi.

Desde aquele dia, ele havia tocado muito mais do que apenas o cabelo dela.

Olhando para Bella, Carson sentiu um aperto desconhecido na parte da frente de suas calças. Fazia muito, muito tempo que ele não ficava com uma mulher.

O barman serviu as doses, mas quando estava terminando a segunda, Carson, com os olhos ainda fixos em Bella, estendeu a mão e agarrou a mão do homem que estava segurando o gargalo da garrafa de tequila.

"Ei!", gritou o barman e imediatamente tentou afastar sua mão. Carson a segurou com firmeza. Ele voltou sua atenção para o barman, que estava alheio ao fato de que o copo de shot estava transbordando, derramando tequila com cheiro azedo por todo o bar.

Os olhos arregalados do homem estavam fixos na careta de Carson.

"Da próxima vez que eu lhe pedir um drinque, é melhor que você o tome imediatamente. Entendeu? Isso você pode fazer comigo".

O barman tentou novamente afastar a mão, mas os dedos de Carson cravaram-se profundamente em seu pulso.

"Entendeu?", ele repetiu entre dentes cerrados.

"Entendi", gaguejou o homem.

Só então Carson soltou sua mão, o que fez o barman tropeçar para trás. Carson o ignorou enquanto endireitava a garrafa e depois começou a limpar a tequila derramada sem dizer mais nada.

"Está vendo? Estou bem vivo, Bella. E há tanta coisa que preciso lhe contar. Então, beba, porque a noite vai ser longa."

"Isso vai servir muito bem", disse Carson enquanto olhava o porão sujo do Crematório de Scarsdale. As paredes estavam cobertas de sujeira e de anos de cinzas de corpos queimados, e as luzes eram tão fracas que mal conseguiam cortar as lascas na escuridão. A aparência era diferente da última vez em que ele esteve aqui, quando o fogo estava intenso. Nunca seria destaque na Home and Garden, mas isso o agradava muito. "E você tem certeza de que o outro cara que trabalha aqui - Vinny - não nos dará problemas?"

Jonah coçou a barriga e grunhiu.

"Não, não há problemas com ele, isso é certo."

"E eles continuarão trazendo corpos?"

"Sim. Eles os trazem, eu os queimo."

Michael zombou. Claramente, ele estava menos impressionado com Scarsdale do que Carson.

"Olhe, Carson, você vai me dizer o que estamos fazendo aqui? Me contar qual é o plano? Porque eu tenho a sensação de que não me encaixo muito bem aqui, se é que você me entende?" Michael olhou para seu terno azul-marinho sob medida, depois olhou para Jonah, que usava uma camiseta do Mickey Mouse salpicada de buracos de traça e que era um pouco pequena demais.

Carson sorriu.

Como você está errado, Michael. Muito errado - você está definitivamente no lugar certo.

Carson se inclinou e passou o braço em volta da cintura de Bella. Ele a puxou com força e a beijou na testa.

Tempo a sós - logo precisaremos de um tempo a sós.

"Olhe, Michael, seu lugar é aqui. Nós -" Ele fez um gesto grandioso para incluir todos os quatro. "- somos todos iguais."

Ele olhou para Bella quando voltou a falar.

"É um novo tempo, senhoras e senhores. É o início de uma nova era - e nós somos responsáveis por abrir as comportas. Em breve, todos como nós, todas as pessoas que estão cansadas de se conformar com as normas sociais, de se esconder em sua pele, de se enterrar, serão livres - tanto vivos quanto mortos."

Carson sorriu amplamente ao terminar seu solilóquio não planejado. A resposta não foi exatamente a que ele esperava: Michael ficou olhando para ele, sem piscar como um peixe.

"De que diabos você está falando?", exclamou o homem por fim.

"Em nome de Deus, o que você está dizendo?"

A sobrancelha perfeitamente bem cuidada de Michael de repente se franziu e ele deu um passo em direção a Carson. Jonah imediatamente interveio. Dessa vez, ao contrário do que aconteceu no parque perto de seu escritório, Michael percebeu.

"Olhe, eu concordei em vir aqui, buscar sua namorada, lhe dar

algum dinheiro, mas, a menos que você me conte seu pequeno segredo, é aqui que eu estabeleço o limite. Com fita ou sem fita".

Carson olhou de Jonah para Bella e, finalmente, seus olhos voltaram para Michael.

Não faria mal se eles soubessem a verdade, ele supôs. *Afinal de contas, eles acabariam descobrindo - todo mundo acaba descobrindo no final.*

Mas não precisava ser assim. Se eles se organizassem, poderiam mudar as coisas... se conseguissem atrair seu irmão novamente, poderiam usá-lo para abrir o portão.

De repente, uma imagem de Robert surgiu em sua mente, a mão do homem tremendo enquanto ele apontava a arma para a cabeça de Carson. Mas Robert não tinha conseguido puxar o gatilho para matar seu irmão.

Carson, no entanto, não teria o mesmo problema se a situação fosse diferente.

Ficou claro, naquele momento, com o buraco na cabeça do Padre Callahan ainda fumegando, que Robert se achava diferente de Carson. Melhor, talvez. Mas o fato é que foi Robert quem atirou e matou o Padre Callahan, não Carson. Claro que, ao fazer isso, ele havia fechado o portão, e o padre já estava praticamente morto, mas Robert o havia assassinado.

E agora que seu irmão já havia experimentado, Carson Ford duvidava muito que ele fosse capaz de ir muito mais longe antes de ser obrigado a fazer isso novamente.

Uma vez que você sentiu o poder, a euforia de ver a quiddidade deles sair de sua concha...

"Sente-se, Michael - precisamos conversar. Depois, precisamos começar. O tempo é essencial, minha gente boa. E ele está se esgotando."

Capítulo 11

"Droga!" Shelly gritou enquanto corria em direção à clareira. Cal correu atrás dela, mas, no fundo de sua mente, ele não tinha ideia do que faria quando chegasse lá.

"Shel! Espere!"

Mas Cal foi poupado de uma decisão difícil; Walter e Lorraine desapareceram antes que Shelly pudesse chegar até eles, seus corpos reduzidos a uma névoa fina que lembrava as cinzas que repousavam na urna na grama. E então ela também desapareceu, deixando Shelly sozinha na clareira.

Ela se virou para trás, e Cal viu uma profunda tristeza em seus olhos.

"Merda", disse ela baixinho. Seus ombros caíram, sua cabeça baixou.

Cal olhou para ela, mal reconhecendo que Allan havia aparecido de repente ao seu lado. Parte dele achava que tudo aquilo era culpa de Walter - afinal, ele tinha sido explícito em não tocar na esposa -, mas a culpa incômoda não ia embora, não completamente.

Eles o haviam colocado nesse plano maluco.

"Não deveríamos ter feito isso", sussurrou Shelly.

Cal mordeu a língua e, felizmente, Allan falou antes que ele dissesse algo de que provavelmente se arrependeria.

Eu lhe disse - e se eu sou a voz da razão, Shelly, então temos problemas de verdade.

"O que nós fizemos?" Allan perguntou, com sua voz leve.

Os olhos de Shelly se arregalaram.

"Mandamos aquele homem para o pior inferno possível. E você ouviu o que Sean disse, cada pessoa que vai para lá, cada pessoa que fica na costa, alimenta Leland - dá a ele poder." Os olhos dela escureceram, a culpa se transformando perfeitamente em raiva. "Vocês acham que, por causa do que aconteceu em Seaforth, tudo isso acabou?" Ela acenou com as mãos, gesticulando primeiro para a urna vermelha, depois para as câmeras e depois para eles. "Não importa que Carson esteja morto,eland não vai parar. Enquanto ele ainda estiver na Medula, ele nunca vai parar."

Ela suspirou. Quando voltou a falar, era como se houvesse um peso enorme em seu peito, empurrando-a para baixo, restringindo sua respiração.

"Nunca."

Cal engoliu com força. Ele sabia que as palavras dela eram verdadeiras, apesar do fato de que ele ainda estava completamente confuso sobre o que exatamente havia acontecido em Seaforth.

O que ele sabia era que ele e Allan haviam sido atraídos para a

prisão por aquele bastardo do Sean; ele o havia manipulado - a eles -, havia usado suas próprias emoções contra eles e, em seguida, os havia sequestrado na pequena sala, proibindo-os de sair. Allan estava apavorado e foi preciso muita persuasão para convencer o homem a entrar no corredor. Por três vezes eles se aventuraram a sair, mas sua câmera revelou quiddity em todos os lugares - mais do que ele jamais havia visto, pelo menos era o que ele dizia. Como covardes, eles permaneceram escondidos por horas, até mesmo um dia, enquanto as luzes se acendiam e se apagavam, enquanto os gritos ecoavam pelas paredes da prisão.

O som que as cordas improvisadas fizeram quando torceram e depois quebraram os pescoços dos guardas ainda ecoava em sua mente. Mas essa não era a pior parte. A pior parte era que ele ainda podia ouvir os suspiros desesperados deles no refeitório adjacente, enquanto ele e Allan se encolhiam em silêncio.

"Cal? Por que está chorando, Cal?" perguntou Shelly. Ela foi até ele e o abraçou.

"Precisamos do Robert", disse ele simplesmente. "Para onde diabos ele foi?"

Embora Shelly não tenha respondido, ele a sentiu acenar com a cabeça em concordância.

Por fim, Shelly se afastou, e Cal enxugou as lágrimas do rosto e se recompôs com um suspiro pesado.

Eles precisavam de Robert, com certeza, mas, mesmo sem ele, tinham trabalho a fazer. Shelly estava certa, Leland não iria parar só porque um de seus filhos havia morrido.

Afinal de contas, ele tinha dois.

Cal esfregou os olhos.

"Isso foi muito foda", disse ele, e Shelly concordou com a cabeça.

"Mas, Allan, funcionou? Quero dizer, algo aconteceu com a Lorraine, não foi?"

Allan assentiu com a cabeça e ajustou os óculos antes de falar.

"Sim, funcionou - eu acho. Quero dizer, ela estava congelada no lugar. Não foi tão rápido quanto em Seaforth, mas..."

"Foi o que eu vi também", concordou Shelly. "Mas por quanto tempo? E, ainda mais importante, por que funcionou?"

Allan balançou a cabeça.

"Não sei ao certo. Acho que as lentes funcionam como câmeras térmicas, embora a quiddidade não pareça emitir muito calor." Ele se virou para Cal. "Lembra em Seaforth? Como ficava frio quando as câmeras se acendiam?"

Cal acenou com a cabeça.

"Então deve ser outra coisa. Quero dizer, nem todo mundo consegue vê-los, certo? Então, as câmeras devem, de alguma forma,

captar um traço do que quer que elas sejam feitas. E seja lá do que forem feitas, elas deixam um pouco para trás, e é por isso que eu sabia que a propriedade Harlop era assombrada." Ele deu de ombros. "Talvez, ao termos duas ou três câmeras com as lentes focadas nelas e tirarmos uma foto, isso trave o que quer que seja feito delas no lugar."

"A menos que eles vão para o Marrow", disse Shelly.

"Talvez. Mas mesmo que isso fosse verdade, levanta mais perguntas do que respostas. Quero dizer, como eles realmente chegam à Medula? O Bode está determinado a abrir uma fenda, grande o suficiente para permitir que ele e seus espíritos voltem, mas essas fendas acontecem o tempo todo - toda vez que alguém morre e vai para a Medula, tem de viajar por algum tipo de fenda. Mas nem todos eles vão. Eles ainda deixam um pouco para trás que eu posso rastrear com minhas câmeras. Aqui, deixe-me mostrar a você".

Allan foi até sua câmera e virou a tela para que todos pudessem ver.

"Esta é uma imagem ao vivo", disse ele, "e Lorraine e Walter não estão aqui há quanto tempo? Cinco? Dez minutos?"

Cal assentiu com a cabeça. Ele não sabia ao certo de onde Allan estava tirando essas coisas, muito menos por que não havia contado a eles antes, e não tinha certeza de quanto daquilo era realmente verdade, mas parecia plausível.

E, com base no que ele havia visto, plausível era o suficiente.

"E, no entanto," -Allan traçou com o dedo o contorno vermelho desbotado de uma mulher na clareira - "aqui está ela."

"Não tão escuro quanto na propriedade Harlop."

Allan balançou a cabeça.

"Não, não tão escuro. Mas Lorraine ficou aqui por pouco tempo... e veja, já está desaparecendo."

"Como um peido no vento", disse Cal calmamente.

Shelly se virou para ele, com os lábios apertados com força.

"Sério? Brincando em um momento como esse?"

Cal deu de ombros; era a maneira dele de lidar com a dor e a confusão que o percorriam.

Allan ignorou os dois e continuou.

"E há outra coisa também. Eu gravei um vídeo em Seaforth."

Cal sentiu o sangue escorrer de seu rosto. Ele se lembrou da câmera estropiada de Allan no helicóptero, com um buraco de bala na carcaça. Ele nem sequer havia considerado a possibilidade de que algo do que ela havia capturado pudesse ser aproveitado.

Allan deve ter visto a expressão em seu rosto, pois ele assentiu com a cabeça, com uma expressão sombria.

"A maior parte foi destruída - quase só o áudio foi salvo. Mas consegui salvar parte do vídeo - um pequeno clipe de cerca de trinta

segundos."

Cal engoliu com força.

"Que parte?", ele sussurrou.

Allan fez uma pausa, seus olhos se movendo de Shelly para Cal e depois de volta.

"A parte em que Robert ordena que a quiddity pare - no refeitório."

Um silêncio se abateu sobre o trio enquanto cada um deles se esforçava, e não conseguia, evitar relembrar os horrores que haviam testemunhado na Prisão de Seaforth.

Cal estremeceu ao se lembrar do cheiro de sangue e sangue que havia sido empilhado em cima dele.

Esse foi seu segundo ato covarde do dia.

"E o que ele mostrou?", ele perguntou em voz baixa.

Allan hesitou.

"Você não vai acreditar, preciso lhe mostrar. Vamos arrumar as coisas aqui e voltar para a propriedade."

Capítulo 12

Apesar da natureza desconfiada e da óbvia apreensão **do homem**, Carson sabia que Michael estava dentro. Afinal, para alguém que havia matado tantas pessoas quanto o banqueiro financeiro, ele deve ter visto isso nos olhos de suas vítimas. Ele deve ter visto a rapidez delas.

"Podemos abrir a fenda, Michael, e então você poderá mostrar às pessoas quem você realmente é. É uma pena que você precise se esconder. É uma pena que você precise se esconder - que devemos simplesmente sucumbir às restrições da sociedade."

As sobancelhas de Michael se franziram, seu olhar mudando de Carson para Jonah e depois para Bella. Quando sua mão subitamente se esgueirou para cima e entrou no bolso interno do paletó, Jonah imediatamente se levantou. Mas, em vez de sacar uma arma de algum tipo, ele tirou o braço da manga do paletó. Em seguida, retirou o outro braço.

O homem, meticulosa e deliberadamente, removeu e colocou o paletó com cuidado, quase com ternura, no encosto de sua cadeira. Era uma farsa absurda, pois a jaqueta tinha várias manchas no tecido azul-marinho do porão sujo do Crematório de Scarsdale, e a cadeira em si, um modelo primitivo de malha de arame que era tão feio quanto desconfortável, estava simplesmente imunda.

Em seguida, Michael tirou a gravata e começou a desabotoar a camisa.

"O que você está fazendo?" Jonah exigiu, mas Carson silenciou o pequeno troll.

E quando viu o que estava por baixo da camisa do homem, o sorriso de Carson cresceu até que suas bochechas começaram a doer.

Todo o torso de Michael, desde o cinto até o fundo da garganta, do umbigo aos pulsos, estava completamente coberto de tatuagens. A tinta azul-escura se espalhava do centro do peito para fora, formando desenhos intrincados, rostos, palavras, uma completa e total miscelânea de tinta que fez com que Bella e Jonah exalassem bruscamente. Ignorando suas reações, Michael foi até a frente da cadeira e se sentou.

"Se isso significa que posso mostrar ao mundo minha pele verdadeira, então conte comigo", disse ele com um sorriso.

Carson bateu palmas, o som foi tão alto no porão que Bella e Jonah pularam.

"É bom ter você a bordo", disse ele, "eu sabia que você viria para o passeio".

"E agora?", perguntou ele, flexionando o peito considerável. O homem estava em excelente forma, tendo obviamente cuidado muito

bem da embarcação que ele tanto desprezava.

Carson se levantou.

"Em primeiro lugar, precisamos de mais ajuda. Jonah, quantos corpos você tem no crematório neste momento?"

Jonah pensou na pergunta por um momento.

"Havia quatro corpos para queimar - sem contar a Sra. Kyra - quando saímos para buscar Michael e Bella", disse ele, "e estamos fora há dois dias. Imagino que sejam oito? Talvez nove, no total?"

Bella tomou a iniciativa, foi até o forno e olhou para o lado onde os sacos de corpos estavam empilhados.

"Bem, seu amigo Vinny deve ter estado ocupado; há onze malas aqui."

Melhor ainda.

"É um começo, é um começo", disse Carson, mais para si mesmo do que para os outros. "Preciso de um pouco de silêncio agora. Vou entrar em contato com o outro lado - espero que ele me diga de quantos vamos precisar."

"Ele? Qual é o plano, Carson?" Michael perguntou. O homem era insaciável.

"Precisamos de um Guardião para abrir a fenda - somente um Guardião preso entre dois mundos pode abri-la. E o Guardião que vamos usar é meu irmão. O problema é que" - sua mente voltou para o rosto de Robert e sua mão trêmula segurando a arma - "ele não está muito interessado em ajudar. E, além disso, não sei onde ele está. Depois que o encontrarmos, nós o encurralaremos com quiddity para mantê-lo lá."

Bella concordou com a cabeça.

"Então, primeiro encontramos o Robert e depois só precisamos de alguns mortos para nos ajudar?" perguntou Michael.

Carson ignorou o sarcasmo; Michael logo perceberia.

"Ah, os mortos não serão um grande problema", disse Carson, ainda sorrindo. "Eles estão, de fato, ao nosso redor."

Carson estava nu, sentado no chão do crematório. O cimento estava frio em sua pele nua, mas ele sabia que essa sensação não duraria muito tempo. Ele fechou os olhos e inspirou profundamente pelo nariz, antes de forçá-lo a sair novamente em um jato fino pela boca.

Foram necessárias apenas três dessas respirações, concentrando-se em sua respiração, desligando a mente, antes que sua visão escurecesse.

E então ele sentiu sua mente fluir como água sendo despejada em uma bacia. No vazio escuro que o envolvia, ele lentamente percebeu manchas brancas, que rapidamente se transformaram em um mar

agitado e espumante.

Carson, estou muito feliz por você ter conseguido voltar para mim.

Leland Black estava na praia, com seu chapéu preto escondendo o rosto. Em sua mão direita estava a menina, que Leland disse ser a chave para manter a fenda aberta.

Amy.

A garota, assim como Leland, estava com a cabeça baixa.

Carson não tinha certeza se ela podia ouvi-lo, mas nas muitas vezes em que ele transportou sua mente para a medula, ela nunca o reconheceu.

Você já o encontrou? Você já encontrou o Robert?

Carson concentrou seus pensamentos.

Não, estamos procurando - talvez você possa ajudar com isso?

Houve uma pausa.

Eu o toquei - geralmente consigo sentir onde ele está, mas... Robert está vagando, procurando. Seus amigos, por outro lado... estão de volta à propriedade.

Com a menção da Harlop Estate, o fogo no céu se agitou, e o rosto de James Harlop apareceu nas chamas.

E se você negociar com os amigos dele, ele virá até você.

Obrigado, Pai.

Carson pensou sobre isso por um momento antes de continuar. Leland já o havia ajudado antes, com a rapidez do guarda cujos olhos ele havia arrancado.

Precisamos de ajuda... precisamos acelerá-los, trazer os mortos para a frente.

Para a surpresa de Carson, não foi Leland quem respondeu, mas a garota.

Eu posso ajudar com isso, disse Amy com simplicidade.

E então, sem um momento de hesitação, Carson foi transportado de volta ao crematório, com a bunda dormente por causa do concreto frio.

Quando abriu os olhos, ele já estava sorrindo.

Havia onze pessoas ao seu redor, com seus olhos brancos e leitosos fixos nele, aguardando instruções.

Todos eles estavam mortos.

"Mas que diabos?" Michael sussurrou. Até mesmo Bella parecia surpresa com a cena no porão, apesar do quanto Carson havia compartilhado com ela ao longo dos anos. Apenas Jonah parecia estar preparado para a cena, em parte porque ele lidava com os mortos há muitos anos, enquanto o envolvimento de Michael e Bella geralmente terminava em morte. E, principalmente, por causa da mulher no forno,

aquela que havia implorado para que ele entrasse; havia isso também.

"Sim", disse Carson, sorrindo amplamente. "O inferno... o inferno é abrir mão de sua identidade, de sacrificar o eu. Pode ter sido um erro evolutivo, mas agora que está aqui, significa tudo."

Jonah lhe lançou um olhar estranho, mas Carson ignorou o homem baixo e gordo.

"Estes", continuou Carson, apontando para os onze homens e mulheres mortos que estavam de cabeça baixa em sinal de obediência, "são o que usaremos para manter os amigos de Robert afastados, para atraí-lo de volta à propriedade".

Michael, ainda sem camisa, com suas tatuagens brilhando com o suor do porão quente do crematório, subiu no degrau mais baixo e, em seguida, alcançou a quiddity mais próxima. Era uma mulher vestida com um vestido tradicional em tons pastéis que ia até os tornozelos. Sua franja loira pendia sobre os olhos, mas, mesmo assim, Carson podia ver os buracos escuros enterrados embaixo deles. Havia uma desagradável marca roxa em sua garganta que descia até a gola do vestido, uma ferida que havia sido coberta com camadas de maquiagem.

"Eu não faria isso se fosse você", disse Carson com calma. A mão de Michael ficou suspensa no ar, a poucos centímetros da cabeça da mulher. "Lembre-se do que eu disse a você, Michael, e a você também, Jonah; se você tocar neles, eles o mandam para a Medula."

Jonah olhou para cima de sua posição na escada.

"E?"

"E você não volta..." Carson deixou a frase se arrastar. "Mas haverá um momento em que todos nós poderemos ser livres - livres para ir e vir entre os mundos, para agir e se comportar da maneira que acharmos adequada, não da maneira que eles querem que sejamos."

Michael sorriu, e Carson se juntou a ele. Enquanto Bella descia as escadas e passava por Jonah e pelo homem tatuado para Carson, as onze quiddity se abriram, permitindo sua passagem.

Carson não pôde deixar de pensar em si mesmo como um rei naquele momento, com Bella como sua rainha. E esses quiddity eram seus soldados. Carson passou o braço em volta da cintura fina de Bella e a puxou com força.

"Jonah e Michael, preciso que vocês vão para a propriedade Harlop. Usem os mortos para cercar o local, para manter os amigos de Robert em ordem. Duvido que Robert esteja lá, mas se estiver, ele precisa ser contido. Aconteça o que acontecer, não deixe que ele toque em um dos mortos".

"Espere", interrompeu Jonah, "por que não? Achei que você tinha dito..."

Carson balançou a cabeça.

"Precisamos do Robert - apenas do Robert - para abrir a fenda na Medula. Não me importa o que aconteça com os outros."

Quando um sorriso surgiu no rosto largo de Jonah, revelando dentes pequenos e quase sinistros, Carson ergueu a mão.

"Antes que você fique muito animado, lembre-se de que precisamos dos amigos dele para atrair Robert para casa."

Jonah parou de sorrir.

"Mas, fiquem tranquilos, quando isso acabar, quando a fenda for aberta novamente, haverá literalmente um inferno na Terra. E então vocês poderão ir trabalhar."

Michael falou em seguida, com sua voz monótona habitual.

"E quanto a eles?", perguntou ele, indicando os onze homens e mulheres que ainda estavam a postos. "Eles vão ouvir?"

Carson acenou com a cabeça.

"Oh, eles ouvirão muito bem."

"Mas como, por quê?"

Carson olhou para Bella, cujos lábios estavam apertados com força. Ele se perguntou o que estaria acontecendo na mente dela - ela não havia falado muito desde que desceu as escadas e encontrou os mortos ali.

"Porque quando as pessoas morrem e não vão para a Medula Óssea, elas geralmente ficam confusas, desorientadas. Algumas nem mesmo percebem que estão mortas. Elas precisam de orientação, estão procurando respostas."

Bella olhou para ele.

"Você", disse ela, ou perguntou; ele não sabia dizer se a palavra era uma afirmação ou uma pergunta com base no tom dela.

Carson balançou a cabeça.

"Não, eu não."

"Quem, então?"

"A Leland-Leland lhes deu a orientação de que precisavam."

Quando o nome do homem foi mencionado, vários dos quiddity se moveram, seu primeiro movimento desde que deixaram Bella passar.

Carson sorriu.

Até os mortos temiam o bode.

Isso foi bom.

Isso foi muito bom.

"Vamos lá, Jonah, Michael. Peguem essas coisas e vamos fazer uma festa."

Capítulo 13

"A qualquer momento", Cal resmungou, com os olhos fixos na tela do computador. Depois de voltarem do desastre no cemitério, eles tinham iniciado o laptop de Allan e estavam esperando pacientemente enquanto ele carregava o vídeo de Seaforth. Foram necessários alguns minutos de avanço rápido em meio à escuridão total para que a tela, de repente, fosse inundada por uma luz brilhante. A imagem foi escurecendo lentamente e, em seguida, passou para uma estranha cor cinza, como se alguém tivesse tentado ser artístico e aplicado um filtro antigo.

"É para ser assim tão cinza?" perguntou Shelly.

"Não, normalmente não. Mas a câmera foi danificada de alguma forma... normalmente, com a lente ligada, mal dá para ver pessoas normais."

Cal assentiu com a cabeça, lembrando-se da imagem queimada de Lorraine no cemitério, enquanto Walter era apenas uma silhueta.

"Mas, por qualquer motivo, no vídeo você pode ver o Robert e o Sean também. Está vendo aí?"

Cal se inclinou para mais perto.

A imagem não era de grande qualidade, mas ele podia ver claramente o contorno das costas de Robert enquanto ele caminhava à frente, Sean ao seu lado, este último segurando sua arma em um ângulo. Cal se encolheu quando o corpo de um dos guardas enforcados balançou na frente da lente, mas Allan rapidamente moveu a câmera.

"Ok, e agora?" Shelly perguntou calmamente. "O que estamos procurando? Por que você acha que toda essa coisa de câmera no cemitério funcionaria?"

"Apenas observe."

O áudio também estava danificado - um chiado seco podia ser ouvido durante a conversa - mas, depois de cerca de vinte segundos, o som de tiros de metralhadora de repente estalou nos alto-falantes do laptop. Houve também um grito, algo ininteligível, o que Cal achou que poderia ser a voz dele, e a câmera girou para um lado. A imagem ficou confusa, com linhas embaralhadas espalhadas pela tela, mas quando Allan se virou novamente, a imagem ficou relativamente clara.

Só que a cena não era a mesma. Em vez de apenas Sean e Robert, a tela estava cheia de três figuras brilhantes em pé na frente de Robert, enquanto Sean não estava mais no quadro.

"Os guardas mortos", disse Cal, mais para si mesmo do que para Allan ou Shelly.

Robert estava dizendo algo na tela, mas era difícil entender suas palavras exatas com todos os tiros e gritos e o silvo seco que irritava

Cal. Mas então Robert levantou lenta e deliberadamente as mãos à sua frente e as palavras "PARE" irromperam dos alto-falantes com uma clareza sem precedentes.

"O que ele...?" Shelly começou, mas Allan rapidamente a silenciou.

O que aconteceu em seguida foi difícil de entender, apesar do fato de que Cal estava vendo tudo se desenrolar diante dele. O brilho dos três quiddity começou a se tornar pixelizado, e parte dele, suas mãos, pés e o topo de suas cabeças, começou a se estender, esticando-se como um caramelo gerado por computador.

E estava fluindo para as mãos de Robert.

Cal prendeu a respiração, sabendo das consequências de ser tocado pela quiddity. Enquanto ele observava, os tons brilhantes de vermelho e amarelo começaram a se estender ainda mais.

Uma fração de segundo antes de tocarem Robert, no entanto, a cor se formou na frente de suas palmas estendidas. E então começou a se agitar e espumar, sem nunca fazer contato. As próprias quiddity perderam parte de seu brilho, deixando para trás formas acinzentadas que eram próximas, mas não exatamente, da mesma cor do contorno de Robert.

"Jesus", sussurrou Shelly.

Houve um flash de luz no centro do peito de Robert, visível através de suas costas, mas a câmera rapidamente se afastou antes que Cal pudesse ver exatamente o que era.

Vários tiros distintos puderam ser ouvidos em seguida, e então Cal viu sua própria imagem, com o rosto refletindo puro terror, caindo no chão. Ele estendeu a mão freneticamente para parar a queda, mas suas mãos apenas agarraram um detento morto, puxando-o acidentalmente para cima de si enquanto ambos caíam.

E então houve um último tiro, cujo relato foi inesperadamente cortado quando a câmera ficou preta.

"Que porra foi essa?" Shelly exigiu. "O que aconteceu com o Robert?"

Cal respirou fundo.

"É sério. A, uh, a uh, oh que merda - aquela merda brilhante, ela foi parar nas mãos do Robert?"

Allan balançou a cabeça.

"Não, acho que não, mas parecia que ele podia, sei lá, comandá-la de alguma forma. Puxá-la para ele. E todos vocês viram o que ele fez com o primeiro guarda, Quinn - como ele parecia compelido a ouvir, a responder."

"Mas o que era aquilo no centro de seu peito? O brilho?"

"Não sei. Talvez um artefato."

Shelly, que estava apoiada no encosto da cadeira de Allan, se endireitou, e o garoto de óculos saltou.

"Acho que não", disse ela suavemente. Foi o tom dela que chamou a atenção de Cal.

"Você sabe de alguma coisa, não sabe? Algo que não está nos contando?"

Não era para ser uma acusação; ele pretendia que fosse mais uma pergunta, mas a expressão de Shelly endureceu imediatamente. Ele nem sabia ao certo de onde tinha vindo essa expressão. Ainda assim, enquanto esperava que ela respondesse, ele percebeu que era algo que o estava incomodando há algum tempo. Shelly tinha tanta certeza sobre coisas específicas das quais ela não deveria ter ideia, uma confiança absoluta que excedia até mesmo sua atitude típica, que ele estava começando a se perguntar se ela realmente sabia algo que eles não sabiam.

"Não", disse ela por fim. "Mas fazia parte da fita. Era real. Eu senti - ele nos disse que sentia pressão no peito, lembra? Sempre que os quiddity estão por perto?"

Cal não se lembrava de ter ouvido nada sobre isso, mas ele também havia sido enterrado sob cadáveres, então era possível. Ou talvez ele tivesse dito alguma coisa no helicóptero, mas Cal também estava muito fodido naquela época. Todos eles estavam.

"Sim, bem, seja o que for, só ele pode fazer isso", disse Cal, desviando os olhos. "Tentei dizer à Lorraine para parar no cemitério. Até levantei minhas mãos, como ele fez, e nada. A vadia continuou andando."

Shelly zombou de sua grosseria.

"Tem mais", informou Allan.

"Mais? Mais vídeos?"

"Não, não exatamente. Mas encontrei algumas coisas on-line, sobre um livro? Lembra quando Sean e Robert estavam falando sobre um livro? Com a profecia sobre a medula? Bem, assim que voltamos, comecei a pesquisar na Internet. Não esperava encontrar nada, porque há anos venho pesquisando sobre qualquer coisa relacionada ao tutano e nunca ouvi nada a respeito, mas então... de repente, há cerca de três meses e meio, começaram a aparecer postagens sobre o *Inter vivos et mortuos*. De repente, alguém estava em todos os quadros de mensagens clandestinos, fazendo perguntas sobre isso. E então parou".

"Padre Callahan", disse Cal rapidamente. Quase ao mesmo tempo, Shelly disse: "Robert".

Allan lançou um olhar estranho para os dois.

"Talvez, não tenho certeza - não consegui rastrear nenhum de seus IPs. Quero dizer, se fosse Callahan, isso explicaria por que ele estava na prisão em primeiro lugar. Mas como Robert saberia sobre o livro?"

"Talvez seu pai tenha lhe contado", Shelly ofereceu com um encolher de ombros.

Cal refletiu sobre isso, lembrando-se das cicatrizes na panturrilha de Robert. Algo havia acontecido no Sétimo Distrito, algo terrível. E Cal tinha quase certeza de que as respostas abruptas de seu amigo às suas perguntas sobre o que havia acontecido foram intencionalmente curtas.

Ele olhou para Shelly, que também parecia perdida em seus pensamentos.

E ela sabe... ela sabe alguma coisa. Ela sabe muito, talvez. Mais do que está deixando transparecer.

Shelly olhou para cima de repente, e Cal manteve o olhar dela em silêncio até que ela desviasse os olhos. E quando a mulher, normalmente muito confiante, fez isso, as suspeitas de Cal se confirmaram.

"Eu gostaria", começou Allan, voltando-se para seu computador. "Gostaria que soubéssemos mais, ou se tivéssemos..."

Mas sua frase foi interrompida quando as luzes da propriedade se acenderam.

"Esqueceu de pagar a conta de luz, Shel?"

Quando Shelly não respondeu, ele olhou para ela. Ela estava segurando o peito, com uma expressão de dor em seu belo rosto.

"Alguém está aqui", disse ela com os dentes cerrados. "Alguma coisa está aqui."

Capítulo 14

"Robert?" Cal perguntou, com a voz hesitante.

Shelly balançou a cabeça, com os olhos arregalados e as mãos ainda apertadas contra o centro do peito.

"Shel? O que há de errado com você? Você está bem?"

Shelly balançou a cabeça novamente e, dessa vez, Cal foi até ela. Allan também se levantou e estava indo para o lado dela, com um olhar preocupado no rosto, quando parou.

Uma batida forte na porta ecoou na sala de estar.

O coração de Cal pulou uma batida.

"Jesus, Shel, o que está acontecendo?"

Ela ainda não respondeu, e seu rosto começou a ficar profundamente vermelho. Cal segurou o queixo dela e levantou o rosto para olhar diretamente em seus olhos, com o coração batendo no peito.

As batidas na porta voltaram, mas ele as ignorou.

"Eu estou bem", ela finalmente sibilou. Ela respirou fundo e sua cor começou a se aproximar do normal.

"Quem é?" Cal perguntou, sentindo um alívio ao perceber que ela não estava tendo um ataque cardíaco. "Quem está na porta?" Quando Shelly apenas balançou a cabeça, ele se virou para Allan. "Vá! Pegue um copo de água para ela!"

Allan, que estava apenas olhando para eles, com os olhos arregalados por trás das lentes grossas, imediatamente saiu correndo da sala.

A batida forte veio novamente: bang, bang, bang.

"Porra", jurou Cal. Ele gentilmente guiou Shelly até o sofá e a deitou. "Putá que pariu, Shelly. É a porta? É a pessoa que está na porta?"

O rosto de Shelly estava contraído e sua pele estava úmida ao toque.

"Não", ela conseguiu, "não pessoas - pessoas".

"Está tudo bem, vai ficar tudo bem. É o seu coração? Você quer uma aspirina? Que diabos está acontecendo?"

Shelly balançou a cabeça.

"Peito, tão... apertado..."

"Jesus Cristo, o que está acontecendo?", ele quase gritou. Levantando a cabeça, ele gritou por Allan. "Allan! Volte aqui! Allan!"

Mas ele não ouviu nada - Allan não respondeu. As batidas na porta pareciam ter parado também.

"Allan?", perguntou ele, sua voz agora hesitante. "Para onde você foi?"

Ele olhou rapidamente para baixo para ver que Shelly havia

fechado os olhos e, em seguida, olhou de volta para o corredor pelo qual Allan havia fugido momentos atrás.

O silêncio no Harlop Estate era alarmante.

E assustador.

"Allan?"

O pânico começou a se instalar em Cal e ele deu um tapinha na mão de Shelly antes de se levantar. Seus olhos percorreram a sala, procurando por algo que pudesse ser usado como arma. Nada lhe chamou a atenção. Depois do que aconteceu com James Harlop, Robert insistiu para que os utensílios da lareira fossem removidos. A única coisa remotamente próxima de uma arma eram as câmeras, com os tripés ainda acoplados, no sofá em frente a Shelly, onde elas haviam sido colocadas após o encontro no cemitério.

Cal engoliu com força.

Terá que servir.

Ele pegou o mais próximo, saboreando o peso dele em sua mão, e então saiu da sala de estar da frente.

O sangue foi instantaneamente sugado de seu rosto e membros.

Allan estava no corredor, com os óculos de grau desalinhados em seu rosto de menino. Seu cabelo tinha sido puxado para trás, empurrando seu rosto para cima. Uma lâmina curta, de 15 centímetros, brilhava na luz.

A ponta foi pressionada contra a pele macia que cobria o pomo de Adão.

"O que...?"

"Não se mova", instruiu uma voz nasalada.

Cal engoliu em seco e inclinou a cabeça ligeiramente para um lado. A pessoa que estava de pé atrás de Allan era mais baixa do que ele em cerca de quatro ou cinco centímetros, mas sua barriga grande podia ser vista em ambos os lados da estrutura magra de Allan. Seu rosto estava escondido.

"Onde está Robert?", sibilou o homem. Quando ele falou, sua barriga balançou, e a lâmina saltou para cima e para baixo levemente contra a garganta de Allan. Pequenos pontos de sangue apareceram onde a ponta tocou sua pele. "Onde está Robert?"

"Eu não sei", Cal respirou. "Quem é você? O que você quer?"

"Robert, eu quero o Robert! Onde ele está?" Enquanto o homem gritava, ele empurrou Allan para frente, movendo-se com ele, conseguindo de alguma forma manter a faca no lugar, apesar da dança desajeitada.

Cal ficou tão surpreso com o movimento repentino que tropeçou para trás. Suas pernas estavam dormentes e ele quase caiu com o primeiro passo. Ao se endireitar segurando as mãos para se equilibrar, ele percebeu que ainda estava segurando a câmera.

Sem pensar, ele levantou a lente e começou a clicar, da mesma forma que havia feito no cemitério. Quando os dois continuaram avançando, levando Cal de volta para a sala de estar, ele teve uma sensação de aflição.

Quem quer que fosse o homem com a faca, ele estava vivo.

"Onde ele está?", gritou o homem.

"Eu não sei! Ele foi embora!"

Allan estava chorando agora, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto assustado.

"Por favor", ele implorou, mas o homem, que Cal percebeu agora que estava puxando seu cabelo por trás, mandou-o calar a boca.

"Quem é você?" perguntou Cal.

"Não importa quem eu sou - é melhor você pensar em como encontrar o Robert!"

Encontrá-lo? Quem é esse psicopata? E o que ele quer com Robert?

Cal abaixou a câmera, com a mente trabalhando a milha por minuto, tentando desesperadamente encontrar uma maneira de salvar a vida do amigo. Parecia absurdo que, apesar de tudo o que haviam passado juntos em Seaforth, agora Alan fosse encontrar seu fim nas mãos de um mero mortal.

Um ser humano baixo e atarracado com desvio de septo.

Isso era incompreensível.

"Não, não, acho que não", disse uma voz feminina de repente.

"Acho que é melhor você descobrir uma maneira de parar o sangramento da sua cabeça."

Em algum momento durante a corrida do homem em direção a Cal, ela deve ter usado isso como uma distração e se levantou do sofá.

Agora, ela estava de pé na entrada da sala, no momento em que Allan foi empurrado pela soleira da porta. Em resposta à ameaça dela, o homem emitiu um estranho ruído de rosnado e se virou, ainda segurando um punhado de cabelo de Allan.

Shelly balançou o tripé da câmera com intenção cruel. Um estalo retumbante encheu a sala de estar dos Harlop quando as pernas de metal colidiram com o topo da cabeça careca do homem. Cal arfou, mas não ficou muito surpreso; ele já a tinha visto em ação antes, na Sétima Ala, e sabia o quanto Shelly podia ser violenta e cruel.

O homem caiu como uma pedra, suas mãos soltando a faca e o cabelo de Allan. Ele caiu no chão antes mesmo que o gêiser de sangue caísse.

Allan caiu de joelhos, tossindo enquanto se arrastava como um bebê que está aprendendo a engatinhar, até ficar bem perto de Cal.

"Você acha que pode entrar aqui com a porra de um canivete e nos ameaçar?" Shelly gritou para o homem que estava rolando no chão, com a cabeça e o rosto apoiados em suas mãos gorduchas. Ela se virou

para trás, com a intenção de balançar o tripé, agora amassado, novamente - uma das pernas estava pendurada, torcida - mas então algo a fez parar.

O homem no chão não estava ofegante ou soluçando, como Cal havia pensado inicialmente. Enquanto observava, ele afastou as mãos do rosto, revelando o sangue de um ferimento no topo da cabeça que escorreu para a boca, manchando os dentes com manchas vermelhas.

Ele nem sequer estava gemendo.

Ele estava rindo.

"Por que diabos você está rindo?" Shelly exigiu, aproximando-se ainda mais do homem, certificando-se de que ele pudesse ver o tripé que ela estava brandindo.

O homem apenas continuou a rir na cara dela. Cal a observava horrorizado, incapaz de reagir. Shelly cerrou os dentes e, dessa vez, jogou o tripé sobre a barriga enorme dele, e as pernas curtas do homem imediatamente se levantaram. Ele tossiu e suas mãos foram para o ponto de impacto, mas depois começou a rir ainda mais. O sangue que havia pingado em sua boca estava jorrando de seus lábios finos, apenas para cair em seu rosto momentos depois.

O tripé foi completamente destruído, com as três pernas quebradas em três lanças irregulares.

"Diga-me por que você está rindo", exigiu Shelly, com o rosto pálido torcido em uma carranca. "Ou eu o esfaquearei na porra das tripas".

Allan se levantou e agora estava encolhido atrás de Cal.

O homem finalmente parou de rir.

"Porque", ele ofegou, ainda sem fôlego por causa dos golpes ou das risadas, ou de ambos. "Porque eu não vim sozinho, seu idiota."

Cal, que estava se aproximando lentamente da faca que agora estava a apenas alguns metros dele, congelou.

"O quê?" Shelly perguntou, sua postura se tornou defensiva.

"Eu não vim sozinho", ele repetiu. Ele levou dois dedos aos lábios e assobiou, espalhando sangue por toda a mão e pela madeira abaixo. Shelly deu um passo para trás, e Cal se abaixou e pegou a lâmina.

Ela parecia enorme, como um facão, quando estava pressionada contra a garganta de Allan, mas agora que estava em sua mão, parecia tão insignificante quanto um canivete suíço.

"Trouxe alguns amigos", sussurrou o homem gordo, enquanto grunhia e se ajoelhava.

Houve um som de farfalhar atrás de Cal e ele se virou. A faca caiu no chão.

"Não", ele gemeu.

Três pessoas se aproximaram, de cabeça baixa, com a pele cinza, indistinta. Ele não conseguia ver os olhos delas, mas não precisava ver

para saber que eram órbitas negras e escuras.

Eles estavam mortos.

Cal ouviu o grito de Shelly e voltou para o outro lado tão rapidamente que se sentiu mal.

Havia pessoas mortas por toda parte, todas se arrastando em direção a Cal, Shelly e Allan, cercando-os.

E, em meio à respiração pesada e aos passos arrastados, Cal conseguia distinguir o som úmido da risada nasalada do homem gordo.

PARTE II - Inter vivos et mortuos

Capítulo 15

Robert Watts começou a procurar no único lugar em que conseguiu pensar: A igreja do padre Callahan. E, surpreendentemente, não tinha sido tão difícil encontrá-la.

Suas lembranças, aquelas que Sean Sommers o forçou a relembrar, aquelas das quais ele nem mesmo tinha consciência antes de conhecer o homem, lhe deram algumas pistas. E ele descobriu que, quanto mais se concentrava, mais se aprofundava em sua própria mente e mais se lembrava.

Era uma pequena igreja com um telhado alto, localizada em um lugar quente no sul. Tinha enormes portas de madeira que se abriam para dentro, não muito diferente da Harlop Estate. Mas, além das portas imponentes, era uma estrutura bastante simples e modesta.

Ruído.

Ele se lembrava do barulho constante, como se houvesse uma construção em andamento ao redor da igreja.

Robert poderia ter tentado entrar em contato com Sean, pois tinha certeza de que ele sabia onde ficava a igreja, mas essa era a última coisa que ele queria fazer. Sean Sommers não era quem Robert pensava que fosse.

O homem havia atirado e matado alguém a sangue frio, um homem que estava com as mãos amarradas atrás das costas, nada menos. E ele também havia empurrado o diretor da Seaforth para dentro do Marrow, o que poderia ter sido ainda pior. Não, a última coisa que ele queria era que Sean Sommers soubesse para onde ele estava indo.

Ou por quê.

Na verdade, Robert não queria ter nada a ver com o homem - independentemente do fato de que ambos eram Guardiões da Medula, e seus destinos pareciam intrinsecamente ligados.

E depois havia toda a questão de Carson, de seu irmão... Robert simplesmente não tinha conseguido matar o homem, apesar de saber que era a coisa certa a fazer. Que seria no melhor interesse de todos, vivos e mortos, que seria até mesmo misericordioso.

Mas ele não conseguiu fazer isso.

E, no entanto, ele *havia* matado.

Só de pensar em disparar a pistola contra o padre Callahan, formou-se um nó em seu estômago tão apertado que quase o deixou enjoado.

Era a única maneira, Robert - a única maneira.

Talvez, mas ele ainda havia tirado a vida de um homem.

Robert abriu a janela de seu Chevy alugado e deixou o ar quente bater em seu rosto. Quando o vento o atingiu, ele fechou os olhos por um breve momento.

Mas logo se abriram novamente.

Não era só porque ele estava dirigindo, mas mais porque toda vez que fechava os olhos, a escuridão o dominava, um vazio abrangente que acabaria se cristalizando e se tornando um mar.

E então sua mente estaria de volta a Leland, nas margens do Marrow. E ele não estava pronto para voltar. Pelo menos, ainda não.

Menos de uma hora depois de dirigir sem problemas, Robert se viu do lado de fora do South Carolina Public Records, em Columbia.

Ele não tinha certeza absoluta do motivo pelo qual estava ali - ele definitivamente não havia decidido conscientemente dirigir até a Carolina do Sul -, mas parecia *certo* e, assim como quando ele ordenou que a inquietação em Seaforth parasse, parecia natural, normal, *certo*.

Robert desligou o carro e respirou fundo antes de abrir a porta. Ele baixou os óculos escuros baratos que havia comprado em um posto de gasolina para cobrir os círculos escuros ao redor dos olhos e, em seguida, atravessou a rua rapidamente.

O local estava deserto, o que não era totalmente surpreendente, já que eram duas horas da tarde de uma terça-feira. Seu objetivo era encontrar a igreja, encontrar o livro e ver o que havia de tão importante nele que o padre Callahan usaria suas últimas palavras antes de implorar para ser morto, instruindo-o a encontrá-lo.

E então ele daria o fora da Carolina do Sul, com sorte sem levantar suspeitas, sem fazer Sean perceber que ele estava procurando o livro.

Robert se aproximou das grandes portas da frente do prédio, agarrou a maçaneta e, em seguida, deu o seu melhor sorriso falso antes de abri-la. O ar frio o atingiu em cheio, secando imediatamente o suor em sua testa. Permitindo que seus olhos se ajustassem à iluminação fraca, Robert ficou parado na entrada por um momento. Quando começou a distinguir o contorno de uma escrivanhinha a apenas dez passos da porta, ele se dirigiu a ela.

Uma mulher magra com sobrelanceiras proeminentes estava sentada atrás da escrivanhinha. Ela tinha um livro no colo e seus olhos estavam concentrados nas páginas. Robert se inclinou sobre a mesa e deu uma olhada. Ele viu o título, mas não o autor: *Bad Games*.

"O que está lendo?", ele perguntou suavemente.

A mulher deu um pulo.

"Uau! Você me assustou".

Robert deu um passo para trás, repreendendo-se por ter sido muito casual.

Você está tentando descobrir mais sobre a igreja, não conseguir um encontro.

Pensamentos sobre Shelly vieram à tona, mas ele os afastou. Não era justo o que ele havia feito, deixando Cal e Shelly no escuro, mas era *menos* justo trazê-los para um passeio. Ele estava farto daquela vida, farto de envolvê-los. Independentemente do que Cal dissesse, aquilo *era* sobre ele - ele e Amy.

E eles não mereciam ser puxados para as profundezas com ele.

"Desculpe", disse ele, envergonhado. "Eu não queria assustá-lo".

A mulher engoliu com dificuldade e ajustou os óculos que haviam se deslocado quando ela se assustou.

"Tudo bem, tudo bem", disse ela com desdém. "O que posso fazer por você?"

"Estou procurando por algo... quero dizer, alguém. Bem, não exatamente eles, mas onde eles podem morar, onde estão seus parentes mais próximos."

A mulher franziu a testa com desconfiança, fazendo com que suas sobrancelhas se unissem em uma lagarta grande e grossa.

"Desculpe-me?"

Robert tirou os óculos escuros e suspirou.

"Veja, um amigo meu faleceu e estou procurando seu parente mais próximo para informá-lo."

A mulher mastigou a parte interna do lábio.

"Seu amigo morreu, mas você não sabe onde ele mora? Onde mora a família dele?"

Robert desviou o olhar, tentando não sorrir. Estava acontecendo exatamente como ele havia imaginado, menos a primeira parte, mas ele atribuiu a agitação dela à *Bad Games* e não às suas próprias ações. Ele voltou a olhar para a secretária, dessa vez ficando sério.

"Ele era um padre - meu padrinho", disse em voz baixa, olhando em volta dramaticamente para se certificar de que ninguém estava ouvindo.

"Patrocinador?"

Robert se aproximou ainda mais.

"Doze passos".

A boca e os olhos da mulher tinham exatamente o mesmo formato: largos e circulares.

"Ah, estou entendendo", disse ela após uma pausa incômoda. Agora era sua vez de se aproximar. "Qual é o nome dele? Deixe-me ver se posso ajudá-la. Você disse que era um padre? De SC?"

Robert assentiu lentamente.

"Sim", ele respondeu secamente, "um padre".

Ele esperou que a mulher se voltasse para o monitor e começasse a digitar.

"Ok, acho que posso ajudá-lo - se o seu amigo era dono da igreja, claro. Ou a casa dele, tudo isso faz parte do registro público.

Normalmente, deixamos esse tipo de coisa para as agências locais, mas para os padres... Qual é o nome dele?"

"Callahan."

A mulher olhou para ele.

"Esse é o primeiro ou o último nome dele?"

"Último."

"E qual é o primeiro nome dele?"

"Pai?"

"Sério?"

Robert balançou a cabeça.

"Veja, eu não sei. Eu só o conhecia como Padre Callahan - os padrinhos, bem, eles não devem se tornar muito pessoais." Robert coçou o pescoço. "E, para ser honesto com a senhora, não sou o melhor aluno, se é que me entende."

A mulher piscou os olhos com força e depois assentiu.

"Padre Callahan, sim."

Em seguida, ela voltou a digitar.

"Você o conhece?"

Com os olhos ainda grudados no computador, ela apertou algumas teclas e, em seguida, a impressora atrás dela começou a zumbir.

"Não, é que você é a segunda pessoa nesta semana a pedir o endereço da igreja do Padre Callahan. Deve ter sido um patrocinador popular, não acha? Mas me dói pensar que ele está morto. Pelo menos - pelo menos ele fez a diferença na vida de alguém".

A boca de Robert se abriu.

Não poderia ser uma coincidência. Outra pessoa também estava procurando por *Inter vivos et mortuos*.

A secretária pegou o papel da impressora e se voltou para ele. Antes que ela pudesse sequer levantar o olhar da página, Robert a arrancou de sua mão.

"Sim, deve ter sido", disse ele distraidamente. Em seguida, começou a se afastar, olhando para o endereço na página, que parecia estranhamente familiar.

"Boa sorte com sua recuperação", sussurrou a mulher depois dele.

Robert não voltou atrás. Se alguém mais estava procurando o livro, provavelmente também estava procurando por ele.

Ele acelerou o passo e saiu da igreja.

Capítulo 16

Não era exatamente do jeito que Robert se lembrava, mas estava bem perto disso. A paróquia do Padre Callahan era uma estrutura simples, e os anos de exposição ao sol e de falta de cuidados adequados haviam cobrado seu preço no exterior. Somente as impressionantes portas da frente, aquelas que, todos aqueles anos atrás, ele tinha estado em frente de mãos dadas com Sean, pareciam estar em bom estado. A construção desagradável da qual ele se lembrava de seu tempo aqui já havia passado há muito tempo. De fato, parecia que toda a área havia passado por vários ciclos de vida. Antes localizada no final de uma rua sem saída cercada por prédios industriais, a igreja agora se erguia como uma torre no centro de um terreno baldio de prédios abandonados, uma consequência da terceirização dos Estados Unidos.

Robert começou a respirar pesadamente no momento em que abriu a porta do carro, e a ansiedade continuou a aumentar a cada passo que ele dava. Ele estava à beira da hiperventilação quando se aproximou das gigantescas portas de madeira.

Por favor, leve os meninos... eu só posso levar um... aquele...

No fundo de sua mente, Robert se perguntava se Carson estava certo, se as coisas teriam sido diferentes se fosse seu irmão que Callahan tivesse acolhido e não ele.

É claro que seria diferente... mas você não se tornaria o Carson. Você é uma boa pessoa.

Robert tentou afastar os pensamentos de sua mente, mas eles persistiram. Então, em vez de negá-los, ele atacou sua validade.

Como você sabe que isso realmente aconteceu? Que a vinda de Sean para cá com você e Carson foi real?

Parte dele pensava, esperava, até mesmo, que essas lembranças tivessem sido, de alguma forma, plantadas em sua cabeça por Sean, uma maneira de fazê-lo cumprir suas ordens...

Mas isso trouxe outras perguntas, que o fizeram pular pela toca do coelho.

O que, exatamente, Sean queria que ele fizesse? Qual era seu plano diabólico?

Robert balançou a cabeça.

Não importava realmente o que Sean queria ou o que o homem estava tentando realizar. O que importava era ter Amy de volta e garantir que a Medula permanecesse do jeito que estava - bem fechada.

Esse mal estava confinado às chamas acima do mar.

E então ele voltou ao motivo pelo qual estava do lado de fora da igreja do padre morto, usando jeans largos e óculos escuros grandes

demais: o livro. Era um exagero, ele sabia, mas esperava que *Inter vivos et mortuos* trouxesse alguma luz sobre seu propósito.

Por alguma razão, Robert bateu nas pesadas portas de madeira, embora não tivesse certeza de quem esperava que respondesse. Ele esperou por alguns segundos por respeito, mas quando a única resposta foi o silêncio vindo de dentro, ele agarrou a maçaneta de madeira e puxou.

Metade dele esperava que a igreja estivesse trancada, já que o Padre Callahan estava morto e desaparecido há quase três meses. Mas era uma igreja, afinal de contas, e essas coisas tinham uma tendência a permanecer abertas, mesmo que todo pensamento racional sugerisse que elas deveriam ser fechadas com tábuas para sempre.

A porta se abriu e Robert olhou para a escuridão, suas pupilas tentando se ajustar ao contraste dramático da luz.

E então ele entrou.

Havia várias velas acesas em uma mesa ao lado, o que significava que elas estavam queimando infernalmente ou que ainda havia paroquianos que as visitavam apesar da morte do velho padre. Ele teria apostado na segunda opção.

"Alô?", disse ele gentilmente. Novamente, sem surpresa, ninguém respondeu.

A porta se fechou atrás dele, e Robert ficou apenas com as velas para iluminar seu caminho. A igreja era modesta, com os bancos no mesmo estado geral de degradação que o exterior da igreja. Enquanto seus olhos continuavam a se ajustar, ele percebeu que não estava tão sozinho quanto havia pensado. Ele viu o contorno de quatro cabeças, todas curvadas, espalhadas pelos bancos.

E, é claro, havia também Jesus; o homem estava pendurado em uma cruz no alto do altar, a luz das velas refletia em seu rosto de plástico, fazendo com que ele se parecesse assustadoramente com os rostos nas chamas acima da medula.

De repente, um calafrio subiu e desceu pela espinha de Robert, fazendo-o estremecer. Uma lembrança voltou com tanta força que ele teve de se apoiar na parte de trás de um banco para não cair.

"Venha comigo, filho", disse o Padre Callahan ao pegar a pequena mão de Robert.

Robert hesitou e olhou para o homem, confuso com o que estava acontecendo. O homem que se autodenominava Sean tinha ido buscá-lo e a seu irmão em casa, dizendo-lhe que seu pai havia sofrido um acidente. Que eles tinham que ir com ele para encontrar um novo lar.

Mas agora eles estavam se separando, e Robert sentiu um aperto no peito.

Isso não deveria ter acontecido - nada disso deveria ter acontecido.

Ele se virou e observou enquanto Sean se afastava da igreja, ainda

segurando a mão de Carter. Seu irmão não voltou atrás e Robert começou a chorar.

"Está tudo bem, filho. Você está seguro aqui. Por favor", disse Callahan ao abrir a porta com um grunhido, "há alguém que quero que você conheça".

Robert fungou e depois enxugou as lágrimas com a manga da camisa.

Papai não gostava quando ele chorava; ele era um menino grande agora, tinha que ser forte e forte.

Com uma respiração profunda, Robert seguiu o padre para dentro da igreja.

"Kendra!" O padre Callahan gritou, e uma menina de cerca de sete ou oito anos, vários anos mais velha que o próprio Robert, apareceu aparentemente do nada, com o cabelo loiro bagunçado pendurado na frente do rosto.

"Robert, quero que você conheça a Kendra. Vocês dois podem ser amigos."

Robert tossiu e depois piscou, tentando forçar a sensibilidade de volta às pernas.

Que diabos foi isso?

Ele tossiu novamente, uma tosse forte que fez sair um pouco de catarro, depois sentiu uma pontada de dor na parte de trás da panturrilha.

Mordendo a língua para não gritar, ele agarrou a área e a esfregou até que a pele sob o jeans ficasse vermelha. Em seguida, ele se levantou, esticou as costas e tentou se orientar.

Memórias, visões ou alucinações ou não, ele estava aqui para encontrar o livro. E o fato de sua perna estar doendo significava que ele tinha que se apressar. As coisas estavam acontecendo novamente, e ele não tinha muito tempo antes de... antes de quê?

Ele não sabia ao certo. Mas algo lhe dizia que a dor em sua perna era como a dor em seu peito quando a quiddity estava próxima; só que com sua perna, era algo pior.

Era Leland que estava lhe estendendo a mão.

O bode é seu pai, Robert.

Fazendo uma careta, ele deu um passo à frente, seus olhos examinando o interior da igreja que ainda lhe parecia estranho, embora estivesse começando a suspeitar que, de fato, já estivera aqui antes.

O livro, preciso encontrar o livro.

Ao entrar mais profundamente na igreja, ele sentiu o suor começar a brotar em sua testa.

Preciso encontrar o Inter vivos et mortuos. É a única maneira de recuperar a Amy.

Capítulo 17

Estava claro que alguém havia estado na igreja antes de Robert, procurando por algo - muito provavelmente ele mesmo ou o livro. A senhora do prédio de registros não estava enganada.

Não foi tanto o fato de que parte da poeira na mesa com as velas havia sido remexida, ou que os armários no pequeno escritório da igreja haviam sido abertos e fechados recentemente, que o alertou, mas que havia um esforço óbvio para colocar as coisas de volta como estavam - exatamente como estavam.

Enquanto Robert olhava a igreja, tentando se encaixar com os outros paroquianos, ele percebeu que não era algo que o pai teria deixado à vista. Se fosse, quem quer que estivesse aqui antes a teria encontrado, o que ainda era uma possibilidade clara.

Uma imagem da boca de Callahan, retorcida em pura agonia, pronunciando as palavras "*o livro, vá procurar o livro*", surgiu em sua mente.

Se não está aqui, onde devo procurar, então? Deve estar em um local que só eu seria capaz de encontrar...

Robert ficou sozinho no pequeno escritório, respirando profundamente, tentando manter a calma e acalmar seus nervos em frangalhos. Parte dele queria simplesmente esquecer toda essa provação, fazer as malas e ir para o Canadá, como havia pensado em fazer com Amy.

Amy...

Mas foi Amy que o fez continuar.

Robert balançou a cabeça e voltou para a seção principal da igreja, o tempo todo murmurando para si mesmo.

"Pense, Robert. Pense... O Padre Callahan queria que você encontrasse o livro, e o único lugar lógico para procurar é aqui, na igreja dele, a igreja em que você foi deixado. Ele o teria colocado em algum lugar onde só você poderia encontrá-lo."

Com a frustração aumentando, Robert decidiu que, em vez de vasculhar os pertences do padre morto, como alguém provavelmente mais experiente do que ele já havia feito, ele adotaria uma abordagem diferente.

Ele buscava respostas em seu interior.

Robert mal conseguia fechar os olhos desde que foi tocado por Leland sem sentir aquela escuridão, a ameaça de sua mente ser transportada para a Medula, mas ele estava ficando sem opções.

Determinado agora, ele se dirigiu lentamente para a frente da igreja e se sentou no primeiro banco. Fazia muito tempo que ele não entrava em uma igreja, e fazia mais tempo ainda que não se sentava em um banco como um paroquiano comum. Mas a sensação era

estranhamente confortável e familiar para ele.

Em seguida, fechou os olhos, relaxou o pescoço e os ombros e respirou fundo.

Pense, Robert. Pense em antes...

"Você vem? Se estiver se escondendo comigo, é melhor se apressar; ela está quase terminando de contar."

Robert olhou para Kendra, com um sorriso em seu rosto jovem.

"Ela é muito lenta, você sabe que ela nunca nos encontra."

Kendra estendeu a mão, agarrou o braço dele e o puxou.

"Vamos lá, tenho algo que quero lhe mostrar de qualquer forma."

Robert, relutantemente, foi com ela, permitindo-se ser puxado do quarto dos fundos com suas camas para a frente da igreja.

Era uma quinta-feira à tarde, uma tarde ensolarada e sufocante, que era praticamente o único clima que a Carolina do Sul tinha nessa época do ano, e sair do quarto de dormir com ar-condicionado para a igreja quente e úmida foi um choque para o seu sistema.

Se Deus é tão onipotente e poderoso, por que ele não refrigera sua própria casa?

Ainda assim, o clima não fez nada para manter os devotos longe.

Havia uma mulher idosa pairando ao lado das velas na lateral da igreja, vestida de preto, com a cabeça baixa. Havia outra pessoa, um homem de meia-idade, ajoelhado no banco do meio, com os lábios se movendo em oração silenciosa.

E havia o padre Callahan, com o rosto franzido enquanto falava com um terceiro paroquiano na frente, com suas vestes longas e esvoaçantes, de certa forma imaculadas apesar do calor.

"Vamos lá!" Kendra sibilou, puxando-o ainda mais forte. Ela o estava guiando em direção ao altar, o que Callahan lhes havia dito repetidamente que era definitivamente proibido.

Mas Kendra tinha um jeito que tornava quase impossível para ele resistir a seus jogos, que inevitavelmente resultariam em pelo menos uma forte bronca.

Robert deu mais uma olhada por cima do ombro para o padre, tentando se mover silenciosamente, para não chamar sua atenção. Kendra, por outro lado, movia-se como um elefante, e ele se encolheu quando ela literalmente pulou na plataforma e aterrissou com força com os dois pés. Robert seguiu-a rapidamente, com os olhos ainda voltados para a frente da igreja.

O que poucas pessoas percebiam na igreja era que a pesada cortina que pendia do teto atrás do altar não estava lá para cobrir uma parede feia ou uma porta de saída. Se você prestasse bastante atenção, poderia vê-la tremular ocasionalmente, revelando o fato de que havia ar por trás dela.

A maioria das pessoas estava envolvida demais em suas próprias

cabeças para notar, e as poucas que notavam provavelmente não se importavam. Mas, para Kendra, era uma aventura, um segredo na espera.

Kendra se encostou na parede lateral e estendeu a mão para puxar a cortina para trás. Em seguida, ela se virou para Robert.

"Vamos", disse ela, com os olhos arregalados e um sorriso radiante. "Christine nunca vai nos encontrar aqui."

Robert fez uma careta, sabendo que, se o altar estava fora dos limites, então essa área, o santuário sobre o qual o Padre Callahan era tão reservado, era *definitivamente* uma área na qual eles estavam proibidos de entrar.

Mas Kendra puxou, e Robert foi literalmente puxado para trás da cortina. No último segundo, porém, ele virou a cabeça para trás.

O padre Callahan estava olhando para ele, com uma carranca estampada no rosto.

Em seguida, a cortina se fechou atrás deles. Um segundo depois, ela se fechou, e foi como se eles nunca tivessem estado lá.

Robert abriu os olhos lentamente, com a respiração ainda lenta e regular. Enquanto esperava para se recuperar da lembrança vívida, seu olhar começou a se concentrar na cortina vermelho-escura na parte de trás do altar. Em sua visão, ela era de um carmesim luxuoso e brilhante, mas hoje era de um vermelho opaco, sujo e negligenciado.

Mas, mesmo assim, era a mesma cortina.

Robert sabia onde o padre Callahan havia guardado o livro. Ele sempre soube disso.

Capítulo 18

Uma rápida olhada revelou que os poucos paroquianos da igreja estavam previsivelmente absortos demais em suas próprias cabeças para sequer reconhecê-lo.

Robert puxou a cortina para trás e olhou para trás. O espaço era muito parecido com o que ele se lembrava: uma área retangular com cerca de um metro e meio de profundidade que se estendia até o comprimento do altar. Havia uma mesa dobrável no lado oposto àquele em que Robert havia entrado, sobre a qual havia uma caixa de hóstias e várias garrafas de vinho meio vazias para a missa.

Robert se dirigiu à mesa com um propósito, mas ao se aproximar, seu coração começou a afundar.

Como os arquivos no escritório de Callahan, as velas na frente, estava claro que as pessoas que haviam procurado a igreja antes dele também tinham voltado para cá.

"Merda", ele murmurou. Ele estava chegando à conclusão de que não só era possível que as pessoas que estiveram aqui antes tivessem encontrado o livro, mas que isso era quase certo.

Quem quer que fosse.

Enquanto Robert pegava as bolachas, ele se repreendeu por ser tão estúpido.

Você achava que bastava ir até a igreja e o livro estaria sobre a mesa para você? Talvez com um farol gigante de luz iluminando-o do céu?

Ele jogou as bolachas de volta na mesa, e seus olhos se concentraram no vinho. Não parecia ser uma ideia meio ruim. Mas, ao pegar uma das garrafas, Robert notou um pequeno post-it embaixo de onde estavam as bolachas.

Assim que a pegou, ele soube que era para ele, apesar da falta de saudação.

Era apenas uma frase, rabiscada em uma caligrafia torta, com a mão do padre Callahan:

Esconde-esconde.

A lembrança veio como um raio em seu cérebro.

"Não, não apenas aqui atrás", disse Kendra, "mas aqui dentro!"

Robert olhou para a garota selvagem diante dele e fez uma careta.

"Onde? Não estou vendo..."

Kendra empurrou a parede, e ele ouviu um clique e, em seguida, uma porta secreta, com apenas um metro e meio de altura, se abriu.

Os olhos de Robert se arregalaram.

"O quê? Como?"

Kendra deu uma risadinha e balançou a cabeça.

"Apenas entre - rápido, antes que a Christine chegue!"

Antes que Robert pudesse dizer algo diferente, antes que começasse a reclamar, a dizer a Kendra que, "Ah, não sei, isso parece uma má ideia, o Padre Callahan não vai ficar feliz", ele foi puxado para dentro de uma sala minúscula e escondida que cheirava a fuligem e chamas.

Robert piscou, e seu olhar foi imediatamente para o ponto na parede oposta. Como naquela época, ele não conseguia ver o que Kendra tinha; a parede de gesso parecia uma parede velha e simples. Claro, precisava urgentemente de alguns reparos cosméticos, mas não havia nenhum indício de uma porta secreta.

"Deve estar lá dentro."

Quando o padre Callahan os viu atrás da cortina, todos aqueles anos atrás, ele devia saber que Kendra teria encontrado a sala secreta.

Seu olhar se voltou para a nota adesiva mais uma vez.

Esconde-esconde.

Robert foi imediatamente até um ponto da parede que lhe parecia familiar e empurrou, com o coração acelerado.

Nada aconteceu; ele sentiu apenas o gesso sob sua mão.

Não houve nenhum clique, nem mesmo uma entrega.

Robert moveu a mão um pouco mais para baixo e para a esquerda, e empurrou novamente.

Nada.

Franzindo a testa, ele deu um passo para trás e examinou a parede em busca de uma costura ou talvez de uma sombra. O problema era que o gesso estava tão velho e muito danificado que havia costuras *por toda parte*. Poderia haver milhares de portas secretas, ou nenhuma.

Uma linha vertical em particular parecia promissora, e ele pressionou logo abaixo dela.

Ainda nada.

Sua frustração estava começando a aumentar, juntamente com o ceticismo.

Essa era uma lembrança real? Como é que eu não sei mais nada sobre essa garota? Sobre a Kendra? Quem é ela? Onde ela está?

Robert não pôde deixar de pensar que talvez essas lembranças ou visões, ou o que quer que fossem, fossem simplesmente algum tipo de ideia que Sean havia injetado em sua mente.

Afinal de contas, foi na Harlop Estate com Sean que ele teve sua primeira lembrança, aquela vez em que foi deixado na igreja. Também tinha sido sob o incentivo e a orientação de Sean.

Talvez ele tenha me hipnotizado?

Robert balançou a cabeça.

Não me lembro - por que não me lembro?

Ele se lembrava vividamente de seu pai e de sua mãe, Alex e Helen Watts, um advogado e uma dona de casa, e até se lembrava da casa

em que cresceu. É verdade que ele não se lembrava de muita coisa antes dos seis anos de idade, mas quem se lembrava? A lembrança de seu avô era igualmente vívida, especialmente a maneira como o homem sempre cheirava a charutos e como ele havia ensinado Robert a cortar o seu próprio charuto.

Ele não conseguia se lembrar de nada sobre seu suposto irmão, Carson, ou Leland, ou... sua verdadeira mãe? Ela nunca havia aparecido em suas visões.

Pelo menos ainda não.

Robert empurrou a parede novamente, dessa vez com a palma da mão, com força suficiente para fazê-lo estremecer.

Visões, memórias, a medula.

Pela centésima vez, Robert pensou que, durante todo esse tempo, ele estava tendo alucinações ou que, na verdade, já estava morto.

"Onde diabos você está?", resmungou ele.

Enquanto ele se movia sistematicamente um pé para a direita e se preparava para bater a mão contra a parede como um idiota novamente, uma comoção repentina vinda do outro lado da cortina o fez parar.

"Muito bem, pessoal, a igreja vai ficar fechada por uma ou duas horas", disse um homem na frente da igreja. A voz estava abafada por trás da cortina grossa, mas parecia familiar para ele, mesmo assim.

"Senhora? Sinto muito, mas a senhora vai ter que sair. Só por uma hora ou mais, depois pode voltar".

Robert ouviu uma mulher protestar, mas o homem era persistente.

A igreja está fechada?

Com o coração acelerado, Robert esperou em silêncio pelo que pareceu ser uma hora. Finalmente, ele ouviu o clique da porta da frente se fechando e, em seguida, outra pessoa falou.

"Limpo. Por que estamos aqui, afinal? Já fizemos uma busca na igreja."

Houve uma pequena pausa. E quando o primeiro homem respondeu, ele parecia muito mais próximo do que antes.

"O chefe nos disse para procurar novamente. Ele quer o livro."

Chefe...

Os olhos de Robert se arregalaram.

Aiden!

Era o homem do helicóptero, de Seaforth. Aquele com o tabaco de mascar preso no lábio, que havia ajudado ele e Sean a sobreviver ao desastre no refeitório.

E eles estão procurando o livro... por ordem de Sean.

Robert virou a cabeça e começou a usar as duas mãos para pressionar a parede, tentando desesperadamente encontrar a porta.

A última coisa que ele queria era ser pego aqui por aqueles

homens.

Sean havia permitido que ele saísse do helicóptero, mas não tinha tanta certeza de que, se eles se cruzassem novamente, ele estaria tão ansioso. E Robert não havia se esquecido de que eles estavam no processo de voar para longe quando ele tropeçou para fora da prisão.

"Um livro? Isso tudo é por causa de um livro?"

Robert continuou empurrando a parede, com o suor escorrendo em seus olhos.

Onde diabos está... onde diabos está... vamos, abra a porta!

"Um livro", confirmou Aiden, com a voz diretamente do outro lado da cortina agora. "Mas você sabe o que ele disse para fazermos se encontrarmos Robert."

"Dez e quatro."

Ao ouvir seu nome, Robert ficou ainda mais frenético. Ele olhou por cima do ombro enquanto pressionava aleatoriamente a parede e viu uma mão segurando a borda da cortina, a menos de três metros de onde ele estava.

"O que há com esse livro, afinal?"

"Você faz muitas perguntas, sabia disso, Mark?"

E então Robert ouviu um clique mudo.

Sim!

A porta secreta se abriu, com o mesmo tamanho e formato de sua memória. Robert a abriu e, sem sequer olhar, pulou para dentro e a fechou atrás de si.

"Apenas um cara curioso, eu acho", disse Mark uma fração de segundo antes de a cortina ser puxada para trás.

Capítulo 19

Robert esperou na escuridão **total** pelo que pareceram várias horas. Ele ouviu os homens do lado de fora da passagem secreta vasculhando os itens do falecido padre Callahan e pisoteando a poucos centímetros de onde ele estava sentado. Mesmo depois de terem se retirado para a área principal da igreja, com as vozes abafadas demais por trás da porta oculta para que se pudesse distinguir algo específico, ele esperou.

E então ele esperou mais um pouco.

E mais algumas.

Somente depois do que pareceram várias horas, Robert ousou tirar do bolso o celular que havia pegado na mesma hora que os óculos escuros e verificar a hora. Eram 2:20. Ele não tinha verificado a hora quando chegou, mas sabia que tinha saído do prédio de registros por volta das 12h20, então, calculando uma viagem de vinte minutos até a igreja, mais dez minutos andando por aí sem encontrar a passagem, tudo isso significava que ele estava apertado na sala escondida há uma hora e meia.

Suas pernas doíam e suas costas latejavam, as últimas necessariamente tortas para que ele pudesse caber no pequeno espaço. Embora ele não se lembrasse muito bem do tempo em que ele e Kendra haviam se escondido aqui, era obviamente muito mais confortável naquela época, pois os dois cabiam. No entanto, algo duro cutucou seu quadril e o que ele presumiu ser uma prateleira cutucou sua nuca.

E cheirava a fuligem.

Robert desligou o celular e esperou.

E esperou.

Ele tinha visto Aiden em Seaforth; ele sabia que o homem era calculista, preciso, sem noção, imperturbável pelos horrores ao seu redor. Assim, mesmo quando parecia que todo o seu corpo estava dormente por ter ficado meio sentado, meio agachado por horas, Robert permaneceu quieto e em silêncio.

Quando ele ligou o telefone novamente, já eram quase quatro horas. Só então, depois de não ouvir nenhum som por um longo, longo tempo, Robert ousou usar a lanterna do telefone. Ele tinha quase certeza de que nenhuma luz poderia sair da porta escondida, mas não valia a pena arriscar - até agora, quando ele tinha certeza absoluta de que os homens tinham ido embora.

O cômodo era ainda menor do que ele imaginava e ele imediatamente sentiu uma reação psicossomática ao confinamento. Ele não era tipicamente claustrofóbico, mas seus músculos doíam, e ver que ele estava amontoado em um espaço que não poderia ser

muito maior do que um metro quadrado, fez com que seus músculos se contraíssem como se estivessem com tétano.

A passagem se estendia para cima, além do alcance da luz fraca de seu celular barato. A coisa que estava cravada em sua cabeça era de fato uma prateleira, como ele havia pensado inicialmente, mas estava vazia. Ele tentou se virar, mas só conseguiu chegar até a metade do caminho antes que outra prateleira se enfiasse no tecido mole entre suas costelas. Em vez disso, Robert estendeu a mão para trás e agarrou o objeto que estava cravado em suas costas.

Sua reação inicial foi de frustração; não era o livro - não era o *Inter vivos et mortuos*. Em vez de um texto antigo, a capa azul-marinho escura parecia de plástico, como se tivesse sido comprada em uma farmácia.

Quando Robert abriu a primeira página, percebeu que se tratava de um álbum de fotos. Despertando seu interesse, ele apontou a lanterna para a fotografia em preto e branco.

Era um padre Callahan muito mais jovem e um homem que se parecia muito com Sean Sommers com o braço em volta de seus ombros. De fato, era muito parecido com Sean, como Robert o conhecia agora. O padre Callahan, por outro lado, parecia uns trinta anos mais jovem, e a qualidade da fotografia sugeria que ela tinha pelo menos essa idade.

Mas certamente *se parecia* com Sean - a mesma expressão severa, o mesmo corte de cabelo quadrado, um cigarro pendurado em seus lábios.

Seu pai, talvez?

Robert estava passando para a próxima página quando sentiu uma onda de ansiedade.

Não estou aqui para uma viagem pela estrada da memória - nunca se sabe quando eles podem voltar. Concentre-se, Robert. Concentre-se.

Ele estava aqui para encontrar o livro.

Ele estava aqui para o *Inter vivos et mortuos*.

Robert fechou o álbum e o segurou com uma das mãos, ao mesmo tempo em que acendia a luz do celular nas outras prateleiras. O álbum de fotos era a única coisa no nível mais baixo e, quando ele moveu o celular para cima, percebeu que era a única coisa em *qualquer* nível, pelo menos até onde ele podia ver.

Em um impulso, ele ergueu a mão esquerda e apalpou a prateleira logo acima de sua cabeça. A única coisa que ganhou com isso foi um rosto cheio de poeira. Por instinto, ele inalou e abafou uma tosse quando a poeira cobriu o interior de seu nariz e seios nasais.

"Tem que ser aqui", sussurrou ele depois de conseguir forçar a tosse.

Esconde-esconde.

Robert suspirou e enrolou o pescoço, tentando aliviar uma câibra. Ao fazer isso, ele olhou para cima, para a escuridão. Por um momento, ele não disse nem fez nada, mas com a lanterna agora pressionada contra seu jeans, com o rosto voltado para baixo, seus olhos lentamente se acostumaram à escuridão penetrante. E ali, a cerca de três ou quatro metros de altura, ele pensou ter visto algo saindo de uma prateleira. Algo que *poderia* ser o canto de um livro.

Também poderia ser apenas um defeito na própria prateleira. As prateleiras dos andares inferiores eram do tipo de aglomerado de merda, e ele não tinha certeza de por que o padre Callahan as havia instalado.

Ou por que ele as construiria tão alto.

Ainda assim...

Robert apertou os olhos com mais força, esforçando-se para distinguir melhor a forma.

Não conseguindo identificar mais nada, ele acendeu a luz novamente, mas como isso só serviu para cegá-lo, ele desistiu de tentar descobrir o que era.

Pelo menos em uma posição sentada.

Esticando e tensionando os músculos das pernas, Robert conseguiu se levantar. Com um gemido, ele se esforçou ao máximo para hiperestender as costas, para trabalhar os nós que haviam se formado durante a tarde.

Para sua consternação, ele ainda não conseguia distinguir o objeto, mesmo estando de pé.

Só há uma maneira de descobrir se é o livro.

Sem pensar, Robert enfiou o álbum de fotos na parte de trás da calça. Em seguida, depois de esticar o braço para cima e confirmar a solidez das prateleiras, ele começou a subir.

Por duas vezes, Robert entrou em pânico, achando que as prateleiras iriam ceder. Mas, embora elas se flexionassem e se dobrassem, de alguma forma conseguiam se manter. Ele subiu sistematicamente, colocando o celular na próxima prateleira à medida que subia um degrau.

E quando seus pés descansaram na quarta ou quinta prateleira, ele havia conseguido chegar ao objeto no escuro.

Colocando o celular na prateleira, que agora estava na altura dos olhos, Robert apertou os olhos e esperou que suas pupilas dilatassem.

E quando isso aconteceu, ele sentiu um suspiro de alívio.

Era um livro; um livro com uma capa grossa de couro coberta de poeira. Sem pensar, Robert soprou sobre ele e o ar instantaneamente ficou cheio de fuligem. Ele fez o possível para abafar a tosse, como já havia feito antes, mas os grãos de poeira, grossos como besouros grávidos, ficaram presos em sua garganta e ele foi vencido. Seu corpo

tremeu com a intensidade da tosse, tanto que ele quase perdeu o equilíbrio.

A reação dele foi tão visceral que ele teve um ataque de fúria, enquanto o sangue pulsava em seus ouvidos como um oceano que lembrava o Marrow.

Quando finalmente conseguiu respirar fundo e com dificuldade, ele ouviu as vozes. Elas ainda estavam abafadas, mas os gritos estavam próximos e distintos o suficiente para que ele pudesse entender as palavras.

Afinal, Aiden e o outro homem, Mark, não haviam saído da igreja.

Ele imaginou o homem com o tabaco de mascar preso em seu lábio, a arma automática encostada em seu ombro.

Eu deveria saber.

"...nas paredes...ele está nas paredes...encontre a porta..."

A pulsação de Robert estava batendo tão forte que todo o seu corpo balançava. Ele largou o livro e inundou a luz do celular para cima.

Ele tossiu novamente e, entre um suspiro e outro, pôde ouvir alguém batendo na parede em algum lugar abaixo dele.

Robert colocou o celular entre os dentes, pegou o livro com uma das mãos e fez a única coisa que conseguiu pensar.

Ele subiu.

Capítulo 20

Os braços de Robert estavam queimando, e a espessa camada de poeira que cobria sua boca e garganta dificultava a respiração.

E ainda assim ele subiu. Desde então, as prateleiras haviam dado lugar a simples tijolos que se projetavam das paredes, que se tornavam cada vez mais sujos ao longo da subida. Os soldados continuavam batendo nas paredes abaixo, tentando desesperadamente encontrar uma entrada. Eventualmente, eles encontrariam a abertura, mas ele estava mais preocupado com o fato de que eles poderiam ficar entediados e começar a atirar nas paredes.

Afinal de contas, Robert tinha o livro e, pelo que valia, tinha o álbum de fotos, mas nenhum deles lhe serviria de nada se ele estivesse morto.

Robert se levantou mais um pé, tentando, e falhando, em fazer uma ginástica mental para descobrir o quanto tinha que subir antes de chegar ao topo da igreja. Ele nem sequer se permitia considerar a possibilidade de que não houvesse uma saída no topo.

Mais um degrau e a coroa de sua cabeça bateu em algo sólido, fazendo com que seus dentes batessem na ponta da língua. A dor irradiava do ponto de impacto, mas ele lutou contra a vontade de gritar. Ao contrário do ataque de tosse que o havia denunciado da primeira vez, dessa vez ele venceu a batalha. Equilibrando delicadamente o livro em um tijolo saliente, e com o celular agora preso entre os dentes, Robert usou as duas mãos para empurrar para cima.

Nada aconteceu - foi como empurrar contra a parede abaixo.

Robert forçou a dor em seus braços e pernas para longe e empurrou para cima com toda a sua força. No momento em que sua força se esgotou, ele sentiu algo ceder - apenas um pouco, mas o suficiente para alimentar sua esperança.

Ele relaxou os braços novamente, colocou os pés no lugar e respirou fundo. Assim que chegou ao final da expiração, ouviu um som repugnante vindo de algum lugar bem abaixo dele.

Foi um clique metálico; o som da porta sendo aberta.

Os olhos de Robert se arregalaram e ele rapidamente empurrou para cima com as duas mãos, seus tríceps e panturrilhas gritando com o esforço. Não mais preocupado com o barulho, ele grunhiu e arfou enquanto se esforçava.

"Encontrei a porta! Aiden, encontrei a porta!"

A luz se derramou no poço por baixo e, assim que ele ouviu o homem muito maior tentando entrar, empurrou para cima novamente.

Houve um som de rasgo, como um tapete sendo separado por suas fibras, e Robert de repente se viu semicerrando os olhos por causa da

luz que entrava pela fresta. O contraste entre a chaminé iluminada apenas por seu celular e o sol forte do meio da tarde da Carolina do Sul foi tão dramático que, por um segundo, ele se sentiu paralisado.

Um tiro soou e algo passou perto de sua orelha, fazendo com que a dor aumentasse naquele lado de sua cabeça. Com luz brilhante ou não, Robert empurrou novamente e um metro quadrado de madeira compensada se soltou de repente. Ele o empurrou para o lado e ele saiu de vista. Quando Robert se içou para fora do túnel e subiu no telhado, ouviu Mark gritar lá embaixo.

"Ele está no telhado! Aiden, ele está no telhado!"

Em sua pressa, Robert quase se impulsionou demais e teve que se esticar para trás e agarrar desesperadamente a borda do que ele agora via ser o topo de uma chaminé para evitar que escorregasse pelo telhado inclinado.

"Porra!", gemeu ele, com todos os músculos de seu corpo gritando em protesto.

Enquanto estava pendurado ali, tentando fazer com que seus músculos respondessem e tentando decidir o que fazer em seguida, ele finalmente se viu bem.

Suas mãos e braços estavam completamente pretos, cobertos por uma espessa camada de fuligem. Sua camisa também estava uma bagunça escura. Claramente, quando o Padre Callahan fechou a lareira e a transformou em um quarto secreto, ele não se preocupou em limpá-la até o topo.

Qual seria o objetivo?

Robert cuspiu uma gota de catarro preto por cima do ombro e, em seguida, olhou rapidamente ao redor, tentando ignorar o som de Mark que ainda gritava lá embaixo. Ele se deu conta de que, em algum momento durante o esforço, o celular deve ter caído entre seus dentes.

Mas não era como se ele pudesse pedir ajuda de qualquer maneira.

A igreja tinha um pico íngreme, e ele estava se segurando na chaminé que ficava a três quartos do topo.

Tem que haver uma maneira de descer! Tem que haver!

E então ele viu: a cobertura de madeira compensada que ele havia empurrado havia deslizado pelo telhado e agora estava no telhado de um prédio adjacente.

Os aposentos do Padre Callahan!

Eram talvez seis metros até o telhado, e ele sabia que, assim que soltasse o telhado, escorregaria - não havia chance de rastejar para baixo.

Eu tenho que fazer isso.

Não havia outra maneira de descer.

De repente, sentiu uma dor na panturrilha, que não tinha parte do músculo e estava marcada com as marcas de queimadura de Leland.

O livro! sua mente gritou. Você está se esquecendo do livro!

Robert respirou fundo, cerrou os dentes e subiu de volta para a chaminé. Mark já estava na metade do caminho.

Robert saiu da abertura no momento em que outro tiro foi disparado. Ele ouviu um *baque surdo* quando a bala se cravou no tijolo, mas não chegou a ver onde ela acertou.

"Aiden! Onde diabos você está, Aiden?! Ele está no telhado!"

Com o sangue correndo em seus ouvidos, Robert respirou fundo mais uma vez, com os pulmões queimando devido ao esforço e à fuligem, e então se levantou mais uma vez. Em um movimento fluido, ele desceu até a chaminé condenada e agarrou o livro com uma das mãos. Desesperado para sair dali antes que Mark disparasse outro tiro, Robert se empurrou para trás e saiu do poço.

Em seu zelo, ele se esforçou demais e, quando tentou agarrar a borda da chaminé novamente, seus dedos apenas roçaram a borda áspera onde a tampa havia sido fixada.

Robert gritou e tentou desesperadamente se agarrar a qualquer coisa, mas não adiantou.

Antes que se desse conta, Robert estava deslizando de barriga para baixo, descendo pelo telhado da igreja, com o livro na mão.

Capítulo 21

Robert gritou enquanto tentava se agarrar às telhas desgastadas com sua única mão livre. Seu corpo pulou em cima de um prego levantado, que raspou profundamente em seu abdômen. No último segundo, ele conseguiu se virar para o lado antes que o prego ficasse preso sob o esterno. O sangue escorreu do ferimento e começou a encharcar os dois lados de sua camiseta, agora rasgada.

Robert continuou a rolar até ficar de costas, mas imediatamente se arrependeu de sua decisão.

Agora ele podia ver onde estava caindo. E, o que é mais importante, até onde ele tinha que ir.

"Oh merda, oh merda, oh merda", ele repetiu várias vezes. Ele estendeu as mãos para os lados em uma tentativa de desacelerar a descida, mas isso só serviu para arranhar a capa de couro do livro e deixar a palma da mão direita crua.

Sua única graça salvadora foi que o teto, assim como o resto da igreja, estava em péssimo estado de conservação, apesar do ferimento em seu estômago; se tivesse sido recém-reformado, não haveria como dizer que tipo de velocidade ele poderia ter atingido.

"Oh shhhhhhhhhhtttttttt," he shouted as he neared the end of the roof. Seus calcanhares se prenderam em um beiral improvisado e, sem conseguir se conter, ele foi catapultado para a frente. Seus braços giraram enquanto ele voava pelo ar, e o vento arrancou o livro de sua mão. Era quase cômico o modo como seus braços se agitavam enquanto ele tentava desesperadamente agarrar o livro, ao mesmo tempo em que tentava se segurar para a aterrissagem.

Era uma queda de apenas um metro e meio até o topo dos aposentos adjacentes do Padre Callahan e, quando Robert aterrissou com o calcanhar da mão direita e o joelho esquerdo, seu impulso foi tal que seu pescoço foi jogado para frente. Seu queixo bateu contra o teto plano e estrelas brilharam em sua visão.

Lutando contra a escuridão que ameaçava envolvê-lo, Robert cuspiu um bocado de sangue e tentou se forçar a ficar de pé. Seu pulso direito cedeu imediatamente e, somente no último segundo, ele conseguiu evitar que esmagasse o rosto novamente.

De alguma forma, Robert conseguiu se levantar, mas acabou ficando de quatro novamente quando sua perna esquerda cedeu. Rangendo os dentes contra a dor, ele começou a engatinhar, meio que correndo para frente. Então, ele viu o livro aberto, virado para baixo, na borda do segundo telhado, e tomou o que seria um terceiro ou quarto fôlego. Descobriu que, se se apoiasse fortemente na perna direita e arrastasse a esquerda, poderia mancar para frente em um ritmo decente. Durante sua terrível descida, ele não havia se

esquecido de que havia dois homens, dois homens armados, dois soldados, querendo matá-lo.

Sem parar, Robert pegou o livro com sua mão boa e continuou até a borda do telhado.

Eram mais sete ou oito metros de profundidade, mas havia alguns arbustos de aparência bastante exuberante embaixo que ele esperava que pudessem amortecer sua queda. Ele pensou em procurar outra maneira de descer, uma escada, talvez, mas o som de outro tiro em algum lugar atrás dele fez com que uma descida mais calculada não fosse uma opção.

Ele pulou.

Ou, mais apropriadamente, ele jogou seu corpo desajeitadamente sobre a borda do telhado. Embora essa queda tenha sido consideravelmente mais curta do que a anterior, ela terminou da mesma forma - com dor.

Os arbustos pouco fizeram para amortecer a queda, mas, de alguma forma, ele conseguiu aterrissar principalmente sobre o tornozelo bom. Dessa vez, Robert tentou rolar para a frente como uma espécie de corredor amador lesionado e, de fato, fez um bom trabalho para diminuir o impacto.

Ainda assim, o livro voou e ele sentiu mais dor subir pelas pernas. Apenas a adrenalina o impulsionou a seguir em frente. Com a visão embaçada e cheia de lágrimas, depois de conseguir se levantar, ele viu seu carro do outro lado da rua.

Não pode ser, pensou ele enquanto caminhava lentamente em direção ao Chevy. *Não pode ser*.

Depois de toda a terrível sorte que o atormentou no último ano, Robert não achava possível que pudesse escapar de dois assassinos treinados. Curvando-se apenas para pegar o livro, Robert continuou caminhando.

...quarenta jardas...trinta...vinte...

Ele ouviu o estalo de um tiro, mas não diminuiu a velocidade.

...dez...cinco...

E então, milagrosamente, Robert estava no carro e puxou a porta do lado do motorista para abri-la. Ele não entrou no veículo alugado, mas caiu dentro dele.

Respirando rapidamente, ele jogou o livro no banco do passageiro antes de pegar as chaves no bolso. Ele se sentiu tentado a parar por um momento, a sucumbir ao falso conforto do veículo, para talvez avaliar a extensão de seus muitos ferimentos.

Mas nada havia mudado. Aiden e Mark ainda estavam lá fora. Ainda assim, ele não conseguiu evitar que seus olhos errantes olhassem para a bagunça em seu estômago. Sua camisa havia sido rasgada quase até a gola, e um corte grosso e profundo ia do umbigo

até logo abaixo do peito. O sangue estava espalhado por sua pele pálida.

Ele jogou a cabeça para trás, contra o encosto de cabeça, e sua orelha imediatamente se inflamou de dor no local onde a bala o havia atingido.

Agora soluçando, Robert tirou as chaves do bolso e as colocou na ignição. Colocou o carro em Drive, mas antes que pudesse pressionar o pedal do acelerador, algo frio e duro pressionou a ranhura onde seu pescoço encontrava a parte de trás do crânio.

"Quero que você dirija bem devagar, Robert", disse Aiden calmamente do banco de trás. "Bem devagar."

Capítulo 22

"Por que você está fazendo isso? O que você quer?"

Dúzias de outras perguntas passaram pelo cérebro de Robert, mas ele achou melhor começar com a mais óbvia. Quando não houve resposta, ele olhou para o espelho retrovisor e percebeu que Aiden não estava mais olhando para ele - estava olhando fixamente para fora da janela. Felizmente, ele havia abaixado a arma - presumivelmente, agora ela estava apontada para a sua coluna através do assento - mas Robert não era imprudente o suficiente para pensar que estava fora de perigo.

Mas ele *tinha* sido um tolo quando pensou que poderia realmente ser mais esperto, mais rápido e, em geral, superar Aiden e Mark. Na verdade, ele não teria ficado surpreso se o grito de Mark na sala secreta não tivesse sido um estratagema o tempo todo para que ele levasse o livro para Aiden, que estava esperando em seu carro.

Eles viram meu carro quando chegaram? É por isso que nunca foram embora? Quando falaram em encontrar o livro, estavam realmente falando em me encontrar?

Aiden não estava lhe dando nenhuma resposta, apesar de suas perguntas insistentes. A única coisa que o homem de barba por fazer no banco de trás fez foi dizer a ele para virar a cada poucos minutos. Fora isso, ele estava perdido em pensamentos ou, mais provavelmente, simplesmente o ignorando.

Agora, quando os olhos de Robert se voltaram novamente para o retrovisor, ele viu o homem tirar uma lata circular do bolso. Ele colocou um maço de tabaco de mascar no lábio inferior e, em seguida, estendeu a mão para frente e pegou a xícara de café vazia de Robert do suporte entre os assentos dianteiros.

Ele removeu a tampa e cuspiu dentro dela.

"Vire à esquerda aqui", ele instruiu, com os olhos voltados para a janela novamente. Os olhos de Robert voltaram para a estrada.

Ele estava em uma subdivisão aleatória em uma pequena cidade perto de Ellore, Carolina do Sul, uma das muitas pelas quais ele havia passado na última hora e que pareciam todas iguais. Na verdade, ele havia passado por tantas dessas ruas pequenas que poderia ter se convencido de que a rua que Aiden lhe disse para virar dessa vez - a Harmond Avenue - parecia familiar.

"Para onde estamos indo?", ele perguntou novamente.

Sem resposta.

À medida que a viagem sinuosa passava da marca de uma hora, a adrenalina de Robert praticamente o abandonou. E, em seu lugar, veio a dor.

Seu tornozelo latejava, e seu estômago e peito ardiam por causa do

corte feito pelo prego. O gosto acobreado do sangue do local onde ele havia mordido a língua permanecia como halitose, e seu queixo doía. Ironicamente, o que menos doeu foi a bala que passou de raspão em sua orelha.

Suas costas também doíam, e havia algo pontiagudo cavando o local logo acima de seu quadril.

Eles dirigiram por mais alguns minutos antes que Robert começasse a entrar em pânico. Ou isso, ou ele havia se enervado; dado o seu estado atual, poderia ter sido qualquer um dos dois.

"Por que está fazendo isso, Aiden? Quero dizer, eu ajudei vocês em Seaforth... o que eu fiz de errado? O que Sean quer de mim?"

À menção de Seaforth, os olhos de Aiden se arregalaram e ele cuspiu na xícara. Por um momento, Robert pensou que o homem finalmente fosse responder, mas então ele apertou os lábios com obstinação.

"Esquerda aqui", ele ordenou. Era enervante que o homem não estivesse nem olhando quando dava as instruções. Era como se ele estivesse escolhendo ao acaso.

Robert estava farto. Em vez de virar, ele colocou o carro no estacionamento e virou a cabeça para trás. Aiden não reagiu da maneira que esperava, mas pelo menos tinha a atenção do homem agora.

"Olhe, não sei o que você quer de mim" - ele se aproximou, pegou o livro do banco do passageiro e o jogou no banco de trás - "mas se você quiser o livro? Pegue-o. Quer me matar? Faça isso. Pelo menos assim eu estarei com a Amy". Sua voz ficou rouca. "Deixe-me perguntar uma coisa: o que você faria? Você tem uma família? Filhos?" Como era de se esperar, não houve resposta. Robert, no entanto, percebeu uma ligeira mudança na expressão do homem. Ela se suavizou um pouco. "Bem, eu tenho uma filha. E ela está presa no outro lado - achei que esse livro poderia me ajudar a entender melhor por que ela está lá, por que ela não pode simplesmente morrer como uma pessoa normal. E, mais importante, achei que ele poderia me dizer como posso trazê-la *de volta*. É isso, é tudo o que eu quero. Não quero nenhum dinheiro do Sean, não quero participar de mais nenhuma de suas missões suicidas. Só quero a Amy de volta. Não me importo com meu irmão, meu pai, meus malditos amigos. Nada. Só a Amy."

Robert cerrou os dentes e ficou olhando. Ele não conseguia acreditar que havia arriscado sua vida por esse livro estúpido e agora o havia entregado a Sean. Mas o que mais ele poderia fazer?

Até mesmo sua franqueza o surpreendeu. Mas ele estava cansado desses jogos, de contornar a verdade. Estava muito cansado, dolorido e fraco para mentir, tanto para si mesmo quanto para os outros.

Aiden cuspiu novamente.

"Você terminou?" Ele voltou a ver a arma. "Dirija."

Robert balançou a cabeça.

"Não, de jeito nenhum. Por mim, pode atirar em mim, mas não vou mais dirigir. Não vou mais dirigir."

Aiden apertou os olhos enquanto o avaliava, e Robert se manteve firme. Por fim, o homem suspirou e usou o cano da arma para coçar a barba por fazer em sua bochecha.

"Se quiséssemos matá-lo, você não estaria mais aqui, sabe disso, certo?"

Agora era a vez de Robert permanecer em silêncio.

"Veja, você está certo. Sean quer o livro, e agora eu o tenho. Mas não queremos que você morra... se você morresse, haveria problemas maiores, peixes maiores que não ficariam felizes. Eu realmente não sei por que eles estão tendo todo esse trabalho por causa de um pequeno livro, ou o que ele significa, ou qualquer coisa sobre sua filha. Só sei que me disseram para encontrar o livro e achei que a melhor maneira de fazer isso era encontrando você." Ele olhou para o livro que estava no assento ao lado dele. "E funcionou."

"Por que você quer o livro?"

Aiden balançou a cabeça.

"Eu não tenho. Sean e os outros sim".

"Quem são esses outros?"

"Robert, você quer um conselho?"

Robert levantou os braços.

"Não, eu não quero conselhos. O que eu quero são respostas e, evidentemente, você não sabe ou não está disposto a me dar."

Aiden cuspiu novamente e, em seguida, passou o pedaço de mastigação para o outro lado com a língua.

"Há um ano, eu era um cara normal - um cara de família, um contador de merda. Então minha vida virou de cabeça para baixo e tudo o que eu amava se perdeu. E isso é só o começo. Em seguida, descobri que tudo em que eu acreditava estava errado, era uma mentira - até meu passado era uma mentira. Uma *mentira* absoluta."

"Eu sei como você se sente, Robert", disse o homem, pela primeira vez demonstrando um pouco de emoção.

"Como? Como isso é possível?" Robert quase gritou.

O homem se fechou novamente.

"Meu conselho, pegar ou largar, é simplesmente deixar tudo isso para trás e seguir em frente. Vá procurar uma nova vida para você, Robert. Não é tarde demais. Acredite em mim. Comece uma nova vida."

Robert apenas olhou para Aiden. Embora ele estivesse claramente tentando ser útil e compassivo, suas palavras soaram vazias.

Ele não poderia ter qualquer percepção do que Robert estava

passando.

"Agora você vai dirigir?"

Robert balançou a cabeça, e Aiden levantou a arma.

"Então você vai sair e andar". Seus olhos se endureceram. "E se não o fizer, eu o arrastarei para fora do maldito carro."

Capítulo 23

Robert observou, maravilhado, o carro que ele havia dirigido até a Carolina do Sul arrancar sem ele, com Aiden no banco do motorista.

Que diabos acabou de acontecer?

Por um longo tempo, ele apenas observou a poeira rodopiar, hipnotizado pelos padrões e formas aleatórios que apareciam e depois desapareciam com a mesma rapidez. Seus olhos ardiam; o pulso, o peito e a perna doíam.

Sua cabeça latejava, e o cansaço ameaçava tomá-lo.

Uma mulher que estava passeando com um cachorro virou a esquina de repente, mas quando o viu de relance, mudou abruptamente de rumo e atravessou para o outro lado da rua. Basicamente, ela teve que arrastar o poodle rosnando com ela. Quando ela tirou um celular da bolsa e continuou a olhar para ele por cima do ombro enquanto se afastava, Robert saiu do seu estado de estupor.

Coberto de fuligem, com as orelhas sangrando e a camisa rasgada, ele devia parecer alguém que acabara de escapar de Chernobyl.

Tenho que sair daqui.

Robert se afastou mancando da mulher, optando por seguir o caminho pelo qual ela havia vindo. Em algum momento durante suas aventuras na chaminé e no telhado da igreja, ele havia perdido o celular. E, sem ele, não sabia em que direção deveria ir. Para se orientar, ele optou por voltar na direção da igreja de Callahan, mas isso também se mostrou impossível. Aiden o havia instruído a virar tantas vezes à esquerda e à direita, às vezes duas ou três vezes seguidas, que ele não tinha ideia de como voltar.

E talvez isso tenha sido planejado.

Se eu quisesse que você morresse, você não estaria aqui. Além disso, os outros ficariam chateados.

Robert balançou a cabeça e tentou se concentrar.

Ir à polícia também não era uma opção, pois nenhuma explicação que ele pudesse dar o manteria fora do manicômio. Lembrando-se da maneira como a mulher havia pegado rapidamente o telefone, ele achava que, se ficasse ao ar livre por mais tempo, teria de falar com a polícia, quisesse ou não.

Assim, Robert fez o que havia feito na igreja e em Seaforth: deixou sua mente livre e seguiu os padrões de poeira no ar.

Depois de quase meia hora vagando no que pareciam ser círculos, ele chegou bem perto de onde começou, onde a mulher assustada ao telefone o havia notado.

Robert parou e fechou os olhos, lutando contra as lágrimas de frustração.

Pare com a autopiedade... Amy está lá fora. Você precisa continuar.

Seus olhos se abriram e ele percebeu que havia se virado e agora estava olhando para uma casa, uma modesta casa colonial, com uma bandeira americana pendurada na varanda.

"Mas que diabos?", ele sussurrou.

Robert reconheceu a casa; não o estilo, a construção ou o esquema de cores, mas *exatamente* essa casa.

E era um lugar que ele conhecia bem.

Era a casa de seu avô.

Atônito, Robert fechou os olhos novamente, pensando que talvez fosse apenas uma miragem causada pela dor e pela exaustão.

Mas ela ainda *estava* lá quando ele as abriu novamente.

A última vez que ele esteve na casa foi após a morte de seus pais, Alex e Helen Watts, mais de dez anos antes. Desde então, ele havia perdido o contato com o avô, não por outra razão que não fosse o fato de estar muito ocupado com sua própria vida.

Mas... como? Quais são as chances?

É claro que o vovô morava em Santee, Carolina do Sul, que ficava perto de Elloree, mas...

Seus olhos se voltaram para as casas vizinhas.

...mas a "subdivisão" era composta de apenas uma ou duas casas naquela época. Agora, elas estavam amontoadas como sardinhas em uma lata.

Robert se lembrou de como Aiden parecia estar escolhendo aleatoriamente as ruas para ligar, e pensou que talvez suas decisões não tivessem sido tão aleatórias, afinal.

Ele ficou com pena de mim? Me deixou perto de algum lugar que eu conhecia?

Ele não conseguia entender como Aiden poderia saber onde seu avô morava, mas Sean talvez soubesse. Sean parecia saber muito mais do que estava deixando transparecer.

Robert engoliu com força e deu um passo à frente, depois outro, testando o chão a cada vez para ter certeza de que era sólido.

Os grandes degraus da frente eram difíceis de transitar em seu estado atual, e Robert se sentia tonto a cada momento que passava. Ele estendeu a mão e agarrou o corrimão, apertando-o com força, tentando combater a vertigem que subitamente ameaçava dominá-lo.

Foi uma batalha perdida.

Suas pálpebras tremeram e, quando ele tentou dar outro passo à frente, sua visão ficou dupla e ele, de alguma forma, caiu com a parte externa do pé.

Robert perdeu a consciência antes mesmo de seu corpo cair contra a porta de tela.

Havia uma garota de pé na praia, com a cabeça baixa e o cabelo pendurado na frente do rosto. Robert queria correr até ela, envolvê-la com força em seus braços, mas não conseguiu se mover.

Ele não precisou olhar para baixo para saber que as mãos negras e sujas de piche o estavam segurando no lugar. Outra figura apareceu atrás da garota, a princípio apenas uma sombra borrada. Por fim, no entanto, a figura se tornou mais sólida, e seu coração afundou no peito.

Ele reconheceu o chapéu preto e a jaqueta jeans desbotada.

"Amy?", ele sussurrou. "Amy, o que você está fazendo aqui? Por que você não... por que você não se juntou ao Mar?"

A garota não respondeu. Em vez disso, apenas deu de ombros.

"É - é por causa *dele*?"

Leland começou a levantar a cabeça, e Robert captou o som desagradável e áspero da risada.

A cabeça do homem se moveu de forma incrivelmente lenta, inclinando-se para trás, de modo que a sombra que cobria seu rosto começou a se desprender lentamente como uma máscara de náilon. Uma boca sorridente apareceu, cheia de centenas de dentes minúsculos e pontiagudos. Robert redobrou seus esforços para correr, só que dessa vez ele queria fugir, em vez de ir em direção à dupla.

Foi uma atitude covarde. Ele deveria estar se esforçando ao máximo para resgatar Amy, não para fugir dela, mas não conseguiu se conter.

Porque ele sabia quem o demônio realmente era, e não queria ver.

O homem inclinou a cabeça totalmente para trás, e a risada se tornou mais bestial à medida que sua garganta se alargava.

Então, a máscara caiu completamente e Robert se viu olhando para seu próprio reflexo.

Capítulo 24

Quando Robert abriu os olhos, sua garganta estava seca de tanto gritar. Alguém apareceu de repente ao seu lado, segurando seus ombros, dizendo algo ininteligível, e Robert se debateu furiosamente contra suas mãos.

"Fique longe! Não me toque! Não sou eu! Não sou eu!"

"Robert!", disse o homem com severidade.

"Fique longe!"

Mas o aperto do homem era forte, e Robert estava exausto. Eles agarraram seus ombros com força, prendendo-o no lugar, e ele desistiu de lutar. Piscando rapidamente, ele finalmente conseguiu tirar as lágrimas dos olhos.

Um homem idoso olhava para ele com olhos verdes suaves cercados por uma rede de rugas. Sua boca, igualmente cheia de rugas, estava pressionada em uma linha fina.

"Vovô?" Robert perguntou suavemente. Ele não acreditava muito bem no que estava vendo, mas simplesmente aceitou. Afinal de contas, essa foi uma das coisas menos estranhas que lhe aconteceram recentemente.

"Robert, o que diabos você está fazendo aqui? E o que aconteceu com você? Jesus Cristo, parece que você ficou preso em uma mina de carvão? E os gritos..."

Robert tentou se sentar, mas estremeceu com a dor que percorreu todo o seu corpo.

"É uma longa história..."

"Eu tenho tempo."

Robert suspirou.

Quanto tempo faz que não nos vemos? Dez anos?

Uma pontada de culpa o atingiu; ele nem sequer pensou em convidá-lo para o funeral de Wendy ou Amy.

Sua própria neta...

"Me ajude a levantar, vovô".

O homem colocou as mãos em suas costas e gentilmente o ajudou a se sentar. Robert estremeceu, mas quando se sentou, sentiu-se melhor. Uma rápida olhada para baixo revelou que o arranhão em seu peito havia sido coberto por uma série de bandagens grossas que cobriam toda a extensão.

Percebendo o olhar dele, o velho disse: "Tentei fazer o melhor que pude, mas era sua avó que estava cuidando, não eu, mas acho que você já sabia disso".

Robert tocou o curativo com cuidado, pois o hematoma feio em seu pulso o deixou enjoado novamente.

Era real - era tão real quanto o curativo em sua orelha.

"Aqui", disse o homem, segurando duas pílulas em uma das mãos e um copo de água na outra, "tome isso. Depois é melhor me dizer o que está acontecendo".

A garganta de Robert ainda estava irritada por ter inalado toda a fuligem da chaminé convertida, e ele precisou de três tentativas antes de conseguir forçar a ingestão dos comprimidos.

Por fim, ele terminou a água e olhou para o avô.

"Marv, você tem algo mais forte?"

O homem deu um sorriso triste.

"Achei que você poderia perguntar."

Com um gemido próprio, Marvin Watts se levantou de sua posição ajoelhada e saiu da sala. Um minuto depois, ele voltou com dois copos vazios e uma garrafa de uísque. Ele serviu três dedos em cada um deles e, em seguida, pegou um charuto do umidor sobre a mesa e o ergueu.

"Se importa se eu fumar?"

A última coisa que Robert queria era inalar mais fumaça, mas assentiu mesmo assim. Afinal de contas, era a casa do homem e ele era apenas um convidado.

"Vá em frente", disse ele, pegando o uísque com sua mão boa. Não era um Glenlivet 25 anos, mas isso não importava. Ele aqueceu seu estômago e entorpeceu sua boca e garganta.

Isso era o que importava.

Marvin começou a cortar e depois acender o charuto e, enquanto tirava a primeira nuvem de fumaça da cabeça, falou.

"Antes de começar, devo-lhe um pedido de desculpas, Robert. Eu soube - merda - eu soube da Wendy e da Amy e nem sequer mandei um cartão. Não tenho desculpas, mas tem sido difícil, sabe? Aqui fora, sozinho. Um homem pode esquecer suas graças, suas maneiras. Sinto muito por sua perda."

Robert piscou os olhos.

Ele está arrependido? Eu nem sequer trouxe a Amy aqui para conhecê-lo.

Na única vez em que ele sugeriu que fossem para o sul, Wendy o rechaçou.

Dirigir? Com esse calor? Quando foi a última vez que você falou com ele? Tem certeza de que ele ainda está vivo?

Robert olhou para o homem que estava fumando seu charuto em frente a ele.

Ele era real.

Provavelmente.

"Marv, a culpa é minha, eu deveria ter..."

O homem acenou com a mão de uma forma que só ele sabia fazer, marcando o fim da discussão.

"Durante toda a vida de um homem, ele é forçado a tomar decisões para sua família", disse ele, como se estivesse lendo a mente de Robert. "Decisões das quais talvez ele não se orgulhe muito. Eu entendo isso. Agora me diga o que, em nome do Senhor, você está fazendo aqui."

Robert olhou para o líquido marrom no fundo do copo. Ele se sentia em conflito; não podia dizer a Marvin o verdadeiro motivo pelo qual estava aqui, pois isso invariavelmente o colocaria em perigo. Em vez disso, ele decidiu contornar a pergunta e fazer a sua própria.

"Marv, você pode me contar sobre a mamãe e o papai?"

Houve uma pausa que levou Robert a olhar para cima. Marvin estava olhando para a ponta de seu charuto enquanto o enrolava entre o polegar e o indicador.

"Sabe, quando eu o arrastei para dentro de casa, por algum motivo eu sabia que era disso que se tratava. Não faz sentido, eu sei, mas tive essa sensação. E durante todo esse tempo em que você ficou desmaiado - três horas - eu estava me preparando para responder à pergunta." Ele finalmente encontrou o olhar de Robert e deu de ombros. "Eles iam lhe contar, Robert - eventualmente. Mas você sabe muito bem como é a vida. As coisas acontecem, surgem, mexem com as linhas do tempo, com sua cabeça. Acho que, no fundo, Alex queria encontrar seu irmão primeiro e, quando não conseguiu, sentiu-se culpado demais para contar a você. Helen estava sentada bem ali, bem onde você está agora, chorando muito, tentando convencer Alex a lhe contar. Quero dizer, droga, você já estava bem crescido naquela época. Mas eles morreram antes de ter uma chance, eu acho. Acontece uma merda. O que eu deveria fazer? Contar a você no funeral? Qual seria o objetivo de virar sua vida de cabeça para baixo?"

As mãos de Robert tremiam tanto que ele temia derramar uísque por todo o carpete.

"É verdade", ele sussurrou. "É verdade."

Ele levou o uísque aos lábios e tomou um gole, enquanto Marv continuava como se não o tivesse ouvido.

"Seus pais tentaram por muito tempo engravidar normalmente. Muito, muito tempo. Eles tentaram adotar, mas isso levaria pelo menos dois ou três anos. Seus pais não eram as pessoas mais pacientes do mundo. Na época, havia outras merdas do tipo vodu no pântano... mas, outra história para outro dia. De qualquer forma, eles já estavam quase desistindo quando conheceram o padre."

"Padre Callahan", disse Robert.

Marvin fez uma careta e deu uma tragada em seu charuto.

"Padre Callahan", ele confirmou. "Mas o padre nunca lhes contou sobre seu irmão. Isso veio depois, muito depois."

"Como eles descobriram sobre ele?"

Marv deu de ombros.

"Seu pai nunca me contou - ele apenas disse que descobriu."

"O que mais você sabe, Marv? Sobre mim? Sobre meu passado?"

Marvin demorou um pouco antes de responder.

"Nada. Na verdade, não. Quero dizer, seu pai tentou descobrir o máximo que pôde com o padre, mas o homem era tão calado quanto possível. Quando Alex o procurou para saber notícias de seu irmão, ele se calou de vez. Sua mãe e sua avó gostavam de ir à missa de domingo dele, sempre que ela estava por perto - eu odiava, pessoalmente, mas a acompanhava, sabe, por compromisso e tudo o mais. Mas depois que seu pai contou ao padre Callahan sobre seu irmão, o homem raramente aparecia na igreja. Logo deixei de vê-lo completamente. Na época, havia alguns rumores na cidade, mas eram apenas rumores".

"Rumores? Que tipo de rumores?"

Marvin deu uma baforada em seu charuto.

"Ah, você sabe, as coisas típicas que dizem de um padre idoso. Perdeu a fé, perdeu o interesse em Deus. Havia até mesmo algumas merdas sobre exorcismos malfeitos - considere isso o que vale a pena. Eu tinha um amigo que trabalhava na biblioteca depois que se aposentou - só Deus sabe por quê - e ele disse que o padre estava lá o tempo todo com um livro, fazendo perguntas sobre latim ou algo assim. Não sei, o cara é velho - talvez tivesse Alzheimer ou algo assim ou aquela outra coisa... aquela coisa que os soldados têm."

"TEPT".

"Sim, é isso mesmo. De qualquer forma, os vizinhos estão dizendo que, desde alguns meses atrás, não há ninguém na igreja. Nem mesmo alguém para levar o lixo para fora. Talvez ele tenha ido embora, se tornado budista ou algo assim."

Robert terminou seu uísque.

"Ele está morto, vovô".

Marvin deu mais uma tragada em seu charuto. Sem olhar para ele, disse: "Sim, e algo me diz que isso tem a ver com a sua aparência".

Robert não disse nada.

"Olhe, Robert, podemos não ser de sangue, mas eu sempre o considerei um Watts. Também o amei como um, mesmo que à minha maneira. Apesar de termos perdido contato desde a morte de seus pais, estou aqui para você - você pode me contar o quanto quiser, e eu ficarei calado sobre isso." Ele tomou um gole de seu uísque e, em seguida, dirigiu o olhar para Robert. "Só queria que você soubesse disso."

Robert engoliu com força. Havia tanta coisa que Marvin não sabia, tanta coisa que ele queria lhe contar, mas a verdade era que ele também gostava do tempo que passava com o avô.

E era exatamente por isso que ele não lhe contaria nada.

"Eu... preciso me limpar", disse Robert simplesmente. Parecia errado, e ele se sentia sujo por estar tomando e não dando nada, mas era o melhor que podia fazer.

Marvin se recostou em sua cadeira, fazendo um péssimo trabalho para esconder seu descontentamento. Ele pegou o controle remoto e apontou-o para o outro lado da sala, para a antiquada TV de tubo.

"Você sabe onde fica o chuveiro. Algumas toalhas limpas embaixo da pia, e você pode procurar algo para vestir no meu armário."

"Obrigado", disse Robert. Os comprimidos começaram a fazer efeito muito mais rapidamente do que ele esperava, fazendo-o pensar se Marvin não teria lhe dado algo mais forte do que um Advil comum. Ele grunhiu e se forçou a se levantar. "Obrigado, Marv. E, se vale de alguma coisa, senti sua falta."

Capítulo 25

Robert se sentiu dez vezes melhor depois de limpar a fuligem e o sangue de seu corpo. Colocar uma camisa limpa, um pouco grande demais, um pouco fora de moda, e um par de jeans que se encaixava no mesmo molde o fez se sentir ainda melhor.

Ainda assim, quando ele voltou a percorrer o corredor até a sala da frente, sua claudicação havia se tornado mais pronunciada. Ele tinha acabado de entrar na sala de estar quando Marvin falou, sem se preocupar em desviar o olhar da televisão.

"Dá para acreditar nessa merda? Encontrei uma garota morta, trancada em uma gaiola no porão do apartamento de um idiota de Wall Street. Seus dedos tinham sido comidos. *Comidos*. A polícia diz que ele tinha todo esse esquema no porão... como um filme de terror. Eles dizem que nunca a teriam encontrado, a não ser por uma tampa de ventilação que escorregou e o cheiro acabou *subindo*..."

Essa era a característica de Marv: ele podia ficar tão fascinado por algo em um minuto, mas depois deixava para lá e passava para outra coisa com um simples estalar de dedos.

Robert, infelizmente, não foi abençoado com a mesma propensão, e ele invejava o homem.

"Uma coisa que ainda não entendo, Marv", ele começou, "é por que não me lembro. Quero dizer, eu tinha quatro anos ou mais quando fui adotado, certo?"

Marv deu de ombros.

"Sobre isso, sim."

"Então, por que não me lembrei?"

Marv deu de ombros.

"Eu não sei. Quero dizer, você viveu com o padre Callahan por um tempo e sabe o que dizem sobre meninos e padres."

Robert franziu a testa. Marv era como Cal, no sentido de que suas piadas nem sempre eram as mais apropriadas, tanto no momento quanto na natureza. Seus olhos se desviaram da televisão para o sofá em que Marv, de alguma forma, o havia içado quando ele desmaiou. Ele podia ver seu contorno na fuligem, completo com manchas de sangue marrom escuro.

Robert sentiu-se mal pelo homem idoso e solitário sentado em seu La-Z-Boy. Ele provavelmente estava vivendo a mesma existência desde que sua esposa morreu, e depois seu filho. E Robert o havia ignorado. Se as coisas não tivessem tomado um rumo tão abrupto, ele poderia ter se visto na mesma situação após a morte de Wendy e Amy.

"Marv? Você chegou a ver Alex depois do acidente?"

O homem se virou, inclinou-se sobre o encosto da cadeira e olhou para ele com os olhos arregalados.

"O que você quer dizer com isso?"

"Quero dizer, você o viu? Depois do acidente?"

O homem fez uma pausa e Robert pensou ter visto algo cruzar seu rosto. Mas depois desapareceu.

"Não", disse ele, voltando-se para a TV. "Eu lhe disse que sua avó gostava dessas coisas, não eu."

Robert ficou parado por um momento, pensando na resposta. Ele se perguntou quantas pessoas neste mundo tinham visto seus entes queridos depois de morrerem, seja quando eles deixaram seus corpos e passaram para a Medula, seja como uma quiddidade persistente presa no lado errado.

Quantos deles foram chamados de delirantes, ou acusados de serem incapazes de lidar com sua dor, ou simplesmente loucos?

Ele também se perguntava quantos deles haviam recorrido às drogas e ao álcool por causa do que tinham visto.

"As chaves estão sobre a mesa. Pegue o carro, Robert."

Robert fez uma careta.

"O quê? Não, eu..."

O homem, ainda de frente para a TV, ergueu a mão, silenciando-o.

E isso era outra coisa sobre Marv. Nem mesmo Alex conseguia mudar a opinião do homem depois que ela era definida.

"Eles estão bem ao lado de seu álbum."

Álbum?

Os olhos de Robert se voltaram para a mesa e sua respiração ficou presa na garganta quando ele viu o álbum de fotos azul que havia tirado da igreja sobre a mesa.

Parecia impossível que ela tivesse ficado com ele durante todo esse tempo, que durante a queda do telhado, dirigindo o carro e desmaiando na varanda de Marv, ele não a tivesse deixado cair em algum lugar no caminho.

Mas, evidentemente, ele não tinha.

Robert mancou o mais rápido que pôde até o sofá e se sentou, sem se importar com a fuligem que se acumulava ao seu redor.

Com as mãos trêmulas, ele pegou o álbum e o abriu na primeira página.

Era a mesma fotografia em preto e branco de antes, mostrando o sorridente Padre Callahan e o severo Sean Sommers. Robert folheou a página seguinte, com as mãos tremendo tanto que a foto balançando estava lhe dando náuseas. Ele não sabia bem por que, mas de repente ficou apavorado.

A próxima fotografia era de uma criança de aproximadamente seis anos, sentada no chão da igreja. Robert não a reconheceu e rapidamente virou a página. A próxima fotografia era quase idêntica, só que a menina era mais nova que a primeira. Ele folheou as imagens

seguintes, esperando por algo que justificasse seu ritmo cardíaco acelerado e o suor em sua testa. Parecia que o Padre Callahan havia tirado uma foto de todos que ele havia resgatado ou abrigado ao longo dos anos, jovens ou idosos.

Kendra, a garotinha com quem ele havia brincado de esconde-esconde em suas memórias, era a sétima garota. Robert passou o dedo gentilmente sobre a imagem dela, ouvindo a voz dela em sua cabeça.

Rápido, aqui dentro!

Eles tinham sido amigos, ele tinha certeza disso, mesmo que ela fosse muito diferente dele - extrovertida, estranhamente madura para sua idade.

Onde você está agora, Kendra?

Uma lágrima escorregou da bochecha dele e caiu no rosto dela. Ele a enxugou e se voltou para a próxima fotografia antes de se deixar dominar pela emoção. Não era tanto a saudade que ele sentia de uma amiga da qual mal se lembrava, mas a saudade que ele sentia só de lembrar.

A mulher era mais velha do que as outras, talvez na casa dos vinte e poucos anos, e, ao contrário das meninas, não estava sorrindo. Robert se inclinou para perto dela, olhando para a foto.

Parece... como...

Ele lançou o álbum.

Era Christine, aquela de quem ele estava se escondendo naquele dia fatídico com Kendra. Mas também era a mulher da cela de Carson, a que estava segurando a mão do Padre Callahan.

Robert ofegou.

Ela estivera na igreja sob os cuidados do Padre Callahan, tinha que estar, mas algo terrível havia acontecido com ela - ele sabia disso, assim como sabia que o livro estaria na sala secreta. Algo aconteceu que a levou a um caminho diferente, que a colocou contra o padre Callahan e, no processo, fez dela um peão útil para Carson e Leland.

Seu irmão e seu pai.

Robert estremeceu e rapidamente virou a página. A próxima fotografia era de duas garotas, gêmeas, com seus sorrisos iguais apontados diretamente para a câmera.

Sem reconhecê-los, Robert rapidamente virou a página. Havia um motivo pelo qual o Padre Callahan havia deixado isso escondido, um motivo pelo qual ele queria que ele visse. E não era para Christine, ou Kendra, ou mesmo...

A linha de pensamento de Robert congelou quando ele se viu olhando para sua própria imagem de menino. Ele nunca tinha visto uma foto de si mesmo tão jovem. Seu cabelo era totalmente branco, cortado reto na testa, e ele tinha um nariz pequeno e arrebitado e bochechas pesadas. Ao contrário das meninas, no entanto, ele não

estava sorrindo. Segurando um pequeno caminhão na mão, ele estava de joelhos em uma sala que não reconhecia. Seus olhos escuros estavam fixos na câmera, mas também pareciam estar olhando *através* dela.

Robert engoliu com força e inspecionou a imagem de perto, tentando descobrir se havia algo nela que ele deveria ver. No fundo, ele viu uma pequena cama com o que pareciam ser lençóis enrolados na ponta, mas o resto da imagem estava coberto de sombras.

O quê? O que você queria que eu visse, pai?

Respirando rapidamente, Robert se voltou para a próxima fotografia, a última do álbum.

Seu rosto se afundou, seu coração caiu no estômago. Na foto, o rosto dela estava diferente, mais jovem, mais redondo.

Mas era *ela*.

"Não", ele gemeu. "É impossível."

Capítulo 26

"**Peguei o livro**", disse **Aiden**, com a voz e o comportamento frios e impassíveis como sempre.

Sean olhou para cima e não pôde deixar de sorrir. Fazia pelo menos uma década que ele havia dado o livro ao Padre Callahan com instruções estritas para não mostrá-lo a ninguém. Na época, o homem de capa havia dito que era necessário, que ele nunca deveria estar no mesmo lugar que um Guardião. Naquela época, Sean apenas deu de ombros e concordou. Mas agora... agora que conhecia o poder do livro, ele percebeu que havia perdido isso.

Que ele ansiava por isso.

Sean estendeu a mão e pegou o livro de Aiden, sua mão subconscientemente acariciando a capa de couro áspera. Seus dedos começaram a traçar as letras gravadas na capa - *Inter vivos et mortuos* - e ele sentiu seu sorriso crescer.

Era o livro - o livro que havia começado tudo.

"Ótimo. Você viu o Robert? Ele estava lá?"

Aiden o encarou.

"Não. Ele não estava lá. Apenas o livro."

Sean franziu o rosto. Ele estava começando a pensar que envolver o homem nisso era um erro, exatamente como o homem de capa lhe dissera. Ainda assim, ele serviu ao seu propósito: ajudou-o com os Harlops, em Pinedale e em Seaforth. Ele até mesmo lidou com seu irmão.

Mas Sean havia subestimado o homem, isso era certo. Ele era apenas um contador e nunca deveria ter se envolvido tanto - e Sean havia lhe contado demais.

Uma imagem de Robert em Seaforth, com as mãos para cima, exigindo que o guarda parasse, surgiu em sua mente.

E havia isso também - o que quer que fosse.

"Alguma ideia de onde ele está?", ele perguntou distraidamente. Aiden era bom, mas ele desconfiava que, se Robert quisesse continuar perdido, ele conseguiria.

Havia tanta coisa sobre o homem que nem mesmo Sean sabia.

Aiden balançou a cabeça.

"Não. Ele também não voltou para a propriedade, pelo que sei."

Sean, ainda acariciando a capa, pensou sobre isso por um momento.

Se ele não estava na propriedade, então onde estava? Parte do motivo pelo qual ele havia dado a casa ao homem era para que pudesse ficar de olho nele. E era para isso que o dinheiro servia também. O objetivo era garantir que ele permanecesse na propriedade e que, se precisasse dele novamente, ele estaria lá.

Se algum outro tipo de Carson viesse procurar um Guardião, Sean saberia exatamente onde ele estava.

Mas agora ele tinha ido embora e, se a pressão no peito de Sean fosse alguma indicação, isso ainda não tinha acabado.

Enquanto Leland ainda estivesse nas margens do Marrow, isso nunca teria fim. A única maneira de fazê-lo partir, no que dizia respeito ao livro, era ele absolver a si mesmo.

E Sean não conseguia imaginar um cenário em que isso realmente acontecesse.

"Você quer que eu fique de olho na propriedade? Os outros?"

Sean refletiu sobre isso por um momento.

"Não... sim", ele se corrigiu.

Pensamentos de Robert em Seaforth, fazendo aquela coisa estranha com as mãos, ordenando que a quiddity se retirasse, voltaram a lhe ocorrer.

Isso não estava no livro.

Talvez haja outras opções para Leland e também para Robert, pensou Sean.

Ele balançou a cabeça e acariciou a capa do livro de forma ainda mais agressiva.

Talvez haja mais a aprender do que o que está no livro.

"Sim", concordou Sean, com mais firmeza dessa vez. "Fique de olho nos amigos de Robert. E se ele voltar, me avise - me avise imediatamente."

PARTE III - Intratável

Capítulo 27

"Ele virá", disse Jonah, acenando vigorosamente com a cabeça. O sangue ainda escorria de sua cabeça, um fluxo lento e constante, forçando-o a limpá-lo continuamente com as costas da mão.

A Shelly tinha lhe dado uma bela surra, Cal percebeu, enquanto olhava para o corte de cinco centímetros que ia do topo de sua cabeça até um pouco acima da sobrancelha. Ela havia lhe dado uma boa surra, mas isso não pareceu nem mesmo perturbar o pequeno canalha. Na verdade, só parecia torná-lo ainda mais desprezível.

Cal balançou a cabeça.

"Não, ele não vai. Ele foi embora e não vai voltar", disse Cal, tentando não parecer desanimado. Ele retesou as mãos, e a corda que as prendia mordeu seus pulsos. Ele olhou para Shelly, que também estava amarrada a uma das cadeiras da cozinha, com o queixo encostado no peito, mas ela permaneceu em silêncio.

"Oh, ele voltará, com certeza", argumentou Jonah.

Cal e Shelly estavam na sala de estar, ambos amarrados a uma cadeira, com Jonah em pé na frente deles, com o tripé quebrado em sua mão como uma lança. Allan estava deitado de bruços no chão, ainda inconsciente. Uma poça de sangue do tamanho de um prato de jantar cercava sua boca e nariz, onde Jonah o havia golpeado. Ele estava tão completa e totalmente imóvel que a única coisa que convencia Cal de que ele ainda estava vivo eram as bolhas que se formavam no sangue a cada poucos segundos quando ele expirava.

E depois havia os mortos.

Havia onze deles, ao todo, todos em vários estados de decomposição. Eles estavam de pé atrás dele e de Shelly, não muito diferente de como os homens na prisão estavam - com as mãos frouxas ao lado do corpo, cabeças baixas e, ao contrário de Allan, no chão, *sem respirar*.

"Você parece muito seguro de si."

Jonah deu uma risadinha.

"Sim, sim, sim. Robert virá."

Cal cerrou os dentes. A parte egoísta dele esperava que Robert *aparecesse*, que ele colocasse esse homem e a quiddity atrás dele em seu lugar. Mas, apesar de suas recentes diferenças, ele ainda amava o homem. Ele não culparia Robert se ele tivesse ido embora, se tivesse deixado essa sujeira para sempre no retrovisor.

Se alguém tinha motivos para se tornar um eremita, esse alguém era Robert. A única coisa que restava ao homem era... bem, ele e a

Shelly. E Cal não tinha certeza se eles valiam o que quer que o homem com a camiseta manchada de sangue do Mickey Mouse tivesse reservado para ele.

"Desista, sua aberração. Robert se foi, ele não dá a mínima para nós. Então, por que você não diz aos seus capangas mortos para nos tocar e nos mandar embora? Mande-nos ver o maldito Bode, Leland, seja lá que diabos ele for. Porque quando eu chegar lá, sei exatamente que escolha vou fazer."

Cal olhou para Shelly quando ele falou, mas ela não conseguiu segurar o olhar dele.

Ela estava chorando.

Jonah, por outro lado, estava se divertindo.

"Oh, eu não posso realmente dizer a eles o que fazer. Somente o Carson pode fazer isso. Mas acho que... se Robert...", o homem hesitou antes de continuar, "Não, ele voltará. Ele voltará."

"Espere - Carson? *Carson*?" Agora foi a vez de Cal rir. "Agora você realmente perdeu a cabeça, amigo. O Carson está morto. Não sei como você conseguiu dizer a esses malditos espíritos para fazerem o que você quer, mas posso lhe garantir que não foi o Carson que fez isso."

"Você está enganado. Carson Ford está bem vivo. Na verdade, ele deve estar -" Jonah consultou o relógio. "- ele deve estar aqui muito em breve."

Cal se inclinou para frente na cadeira o máximo que suas amarras permitiam e olhou para Jonah na tentativa de determinar se ele era, de fato, louco.

Carson estava morto - Sean havia lhe dito isso. Sean lhe dissera que o próprio Robert o havia matado - atirado nele. Seu próprio irmão, razão pela qual Cal imaginou que Robert os havia deixado, para tentar lidar com o que ele havia feito.

Carson não poderia estar vivo... ou poderia?

Não, Cal concluiu. Jonah era apenas um psicopata comum - um psicopata demente que, de alguma forma, conseguia ordenar que os mortos cumprissem suas ordens.

Ele balançou a cabeça.

"Você está errado, Elmer Fudd. Robert não está vindo."

Jonah deu uma risadinha de novo.

"Quer saber como sei que ele está chegando?", perguntou ele.

"Oh, por favor, conte."

Jonah inclinou o queixo para Shelly, que agora estava olhando atentamente. Ela não dizia nada há muito tempo, e Cal esperava que ela fizesse um comentário mordaz, mostrando que ainda estava bem. Que ela ainda era a Shelly. Mas ela não disse nada; Shelly permaneceu em silêncio.

"Por causa dela."

E, dessa vez, Shelly respondeu, mas sua resposta não teve a veemência que Cal esperava.

"Ele não vai voltar só por minha causa", disse ela suavemente. "Ele está ficando longe por minha causa."

"Não, não, garota boba. Não *por* sua causa, mas por causa do bebê em sua barriga."

Cal recuou.

"Wha-Shelly, do que ele está falando?"

"Nada", disse ela rapidamente. "Ele não sabe de nada."

Mas a expressão de Shelly desmentiu suas palavras: seu rosto se abaixou e sua mandíbula ficou frouxa. E, naquele momento, Cal soube que o que Jonah disse era verdade.

Não pode ser.

Mas poderia ser, e *foi*. O fato de Shelly estar grávida explicava seu ganho de peso, suas mudanças de humor selvagens, mesmo para ela.

"Ah, você está grávida mesmo", disse Jonah. Ele colocou a língua para fora e a balançou, borrifando sangue em seu queixo. "Eu posso sentir o cheiro em você."

Capítulo 28

Robert sabia que havia algo errado antes mesmo de chegar ao portão da frente da Harlop Estate.

Era o peito - a pressão estava aumentando logo atrás do esterno, dificultando a respiração completa. Era uma sensação que ele já havia sentido antes, e estava ficando estranhamente confortável com as implicações: havia uma quiddity aqui, o que significava que Shelly, Cal e Allan estavam em perigo.

Ele abriu a porta do Tempo de Marv antes mesmo que ela estivesse totalmente parada. Em seguida, espremeu-se pela abertura do portão, agradecido por não ter que acionar o mecanismo motorizado que rangia. Quando se aproximou da frente da casa, ele se abaixou, um ato difícil devido ao seu corpo dolorido, e ficou nas sombras à beira da fonte.

A luz da sala da frente estava acesa e, quando ele se aproximou da janela da sala de estar, viu um homem amarrado a uma cadeira.

"Não", ele sussurrou enquanto continuava a se mover. Era Cal, e o rosto do homem estava afundado.

Então, ele viu os mortos pairando atrás dele, e Robert congelou.

"Ele não vai voltar, porque ele nem sabe!" Shelly gritou, de repente retirando suas objeções ao fato de estar grávida. "Sua psicopata de merda! Não importa o que você faça conosco, *porque o Robert não vai voltar!* Diga ao Carson que ele precisará encontrar outra pessoa para participar de seu jogo doentio - para abrir a fenda na Medula."

Cal não gostou da maneira como Jonah estava olhando para Shelly com seu nariz comprido, com todo o humor demente que de repente desapareceu de seu rosto. Enquanto observava, o homem colocou a língua de volta na boca.

"Não me chame de psicopata", disse ele em voz baixa. Cal observou enquanto Jonah apertava com força a perna quebrada do tripé da câmera.

"Vá se foder, seu *psicopata* de merda!"

O homem deu um passo em direção a Shelly, segurando o tripé na frente dele como uma lança.

"Não faça isso", ele ordenou.

"Psicopata", respondeu Shelly.

Jonah se moveu rapidamente para um homem tão grande, diminuindo a distância entre eles em uma fração de segundo. Em seguida, ele derrubou a ponta afiada das pernas do tripé quebrado em um arco amplo.

"Não!" Cal gritou, mas mesmo flexionando o máximo que podia

contra as cordas, não havia nada que ele pudesse fazer.

Shelly gritou, e Cal esperava ver um jorro de sangue. Para seu alívio, parecia que o homem não havia acertado o alvo.

"Por favor", ele implorou, "não...".

Mas então Jonah se moveu para um lado e Cal percebeu que o homem não havia errado; ele havia encontrado seu alvo. Só que ele tinha intenções mais sinistras do que apenas estripá-la.

A frente da blusa de Shelly havia sido cortada, revelando seus seios fartos por trás de um sutiã preto rendado.

"Não!" Cal gritou, mas não conseguiu ver como Jonah se lançou contra a pele nua dela, quase derrubando a cadeira com todo o seu peso.

Ele chupou e beijou os seios dela como um animal selvagem. Quando ele arrancou o sutiã dela, revelando os mamilos pequenos e escuros, Cal desviou o olhar, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Largue-a!", gritou ele. Ele puxou com tanta força as cordas que prendiam suas mãos que sentiu o sangue começar a pingar em suas palmas.

Não adiantava; qualquer que fosse o tipo de pessoa fodida que Jonah fosse, qualquer que fosse o cérebro anão que ele tivesse em sua cabeça careca, ele tinha experiência em amarrar pessoas.

Shelly gritou novamente, o que foi rapidamente seguido por mais sons de lambidas molhadas e nojentas do homem.

"Saia de cima dela!" Cal gritou novamente. Seus tornozelos também estavam amarrados, mas ele ainda conseguia flexionar os pés. Ele fincou os dedos dos pés no chão, fazendo com que a cadeira se levantasse alguns centímetros, antes de descer com força novamente. Ele repetiu esse movimento, tentando desesperadamente esmagar as velhas pernas de madeira da cadeira. Na terceira ou quarta tentativa, ele ouviu um estalo, mas a madeira resistiu. Quando ele tentou se impulsionar para cima novamente, com mais força dessa vez, ignorando a dor em seus membros amarrados, um dos quiddity de repente entrou na sua frente.

O fantasma era horrível - metade de seu rosto estava faltando. Para seu horror, Cal percebeu que podia ver diretamente a cabeça dela através do rosto. Suas entranhas se reviraram, pois ele esperava ver um cérebro, talvez pulsando, ou um ferimento sangrento, mas, em vez disso, parecia que a cabeça dela havia sido esvaziada, como uma casca de ovo. Quando ela olhou para ele, ele viu a extremidade irregular do nervo óptico que saía do olho daquele lado da cabeça balançando como um enfeite ao vento.

Cal não aguentou mais ver aquilo e virou o rosto para o outro lado, sentindo o gosto de vômito na garganta. Mas antes que ele se permitisse o doce alívio, a porta da frente da propriedade se abriu de

repente, atraindo seu olhar para cima novamente.

"Saia de cima dela", exigiu Robert ao entrar correndo no quarto.

Capítulo 29

O troll hediondo com a testa ensanguentada pulou de cima de Shelly e tentou se virar, mas, em algum momento, ele deixou cair as calças e elas ficaram presas em seus joelhos.

Ele caiu de cara no chão.

Ao se levantar, Cal ficou chocado ao ver que o homem estava sorrindo.

"Viu? Eu lhe disse que ele *viria*. É uma pena que eu não tenha tido a chance de fazer o mesmo." Ele olhou para Shelly, que estava com o peito nu e soluçando. "Mas em breve eu vou, não se preocupe, querida."

Robert correu em direção ao homem, com os punhos fechados ao lado do corpo. Jonah tinha algo em sua mão, algo que refletia nas luzes, mas Robert estava tão cego pela fúria que pareceu não perceber.

Na verdade, Cal duvidava que seu amigo estivesse pensando.

"Robbo!", ele gritou, mas Robert não parou. Não havia dúvida de que Robert teria continuado a correr em direção a Jonah e provavelmente se encontraria em uma poça de sangue no chão em questão de segundos. Mas antes que ele pudesse alcançar Jonah, a janela atrás do homem gordo se quebrou para dentro.

Robert se esforçou ao máximo e parou abruptamente quando algo passou diretamente pela orelha esquerda do Mickey Mouse antes de se chocar contra a lareira de tijolos do outro lado da sala, lançando estilhaços pelos ares. Jonah balbuciou algo incoerente e depois olhou para o peito, horrorizado.

Havia um buraco do tamanho de uma melancia diretamente no centro de sua barriga - Cal podia ver a expressão aterrorizante de Shelly através de Jonah. Um silêncio que durou quase três segundos inteiros tomou conta da sala e, em seguida, como se o próprio tempo tivesse recomeçado, o sangue jorrou da boca de Jonah. Seus órgãos escorregaram para preencher o buraco em seu intestino, antes de deslizarem para fora dele. Um momento depois, Jonah caiu com um gemido molhado em uma pilha no chão ao lado de Allan.

"Robbo!" Cal gritou, e Robert finalmente se virou para olhar para ele.

Os onze mortos começaram a se aproximar dele - ele podia sentir o cheiro de sua carne podre à medida que se aproximavam.

Assustado, Robert demorou um segundo para agir. Cal se afastou da mulher com uma cara feia enquanto ela tocava seu peito e braço.

"Pare!" Robert gritou a plenos pulmões e, ao mesmo tempo, levantou as mãos como havia feito em Seaforth. Seu grito chamou a atenção deles e todos os onze pares de olhos negros e cheios de carvão se voltaram para Robert.

Cal observou enquanto Robert parecia se abaixar, com o peito se tornando côncavo e o topo da cabeça apontado para os mortos. Seus olhos estavam fechados, sua respiração era rítmica.

"Pare!" Robert ordenou novamente, desta vez suas palavras não passaram de um mero silvo entre dentes cerrados.

Os dedos mortos pararam de se mover a poucos centímetros de Cal. E, no entanto, ao contrário da prisão, onde o guarda estava completamente imóvel, os dedos ainda se contorciam. Cal não tinha certeza do que isso significava, mas estava absolutamente certo de que não queria descobrir.

"Allan!", ele gritou. "Allan, levante-se e me desamarre!"

O menino se mexeu.

"Allan! Levante-se!"

A mulher à sua frente rosou, e Cal sentiu o coração bater a quilômetros por minuto em seu peito. Ao dar uma rápida olhada em Robert, ele soube que o amigo não seria capaz de segurá-los indefinidamente. O rosto dele estava ficando vermelho e escorregadio de suor.

"Allan!"

Os olhos do garoto se abriram e, por alguns segundos, ele apenas piscou na poça de sangue, claramente sem entender o que estava acontecendo.

"Allan!", ele gritou novamente, tentando chamar sua atenção.

"Allan!" Dessa vez, Shelly se juntou a ele, e isso pareceu chocar o garoto até que ele ficasse totalmente consciente.

Ele se levantou, cambaleou e depois limpou o sangue do rosto com as costas da mão enquanto se endireitava.

"Desamarre-nos!"

Cal estava tentando manter a atenção do garoto, mas quando olhou para Jonah, que estava deitado em uma pilha de seus próprios intestinos inchados, ele sabia que o havia perdido. Allan se dobrou e vomitou no chão.

"Allan", sussurrou Robert. "Por favor, se apresse - não posso segurá-los por muito mais tempo."

Allan se endireitou e começou a sussurrar "oh, Deus", repetidamente, mas finalmente compreendeu a magnitude da situação e começou a se mover. Dando uma grande volta em torno dos espíritos congelados, ele foi primeiro até Shelly. O garoto, fazendo o possível para evitar olhar para os seios expostos dela, foi até as cordas em seus pulsos. Um par de puxões bruscos por trás e as mãos de Shelly ficaram livres. Shelly se inclinou para frente, pegou o sutiã do chão e o colocou de volta antes de cuidar das cordas em volta dos tornozelos.

"Ajude o Cal!", ela instruiu Allan.

Quando Allan, tão pálido que era quase translúcido, foi em sua

direção, algo brilhou em sua periferia.

Um homem de peito nu, coberto de tatuagens, veio correndo da cozinha em direção a Robert.

"Robert!", ele gritou o mais alto que pôde.

Capítulo 30

Aiden retirou a bala usada do rifle e imediatamente começou a substituí-la. Ele estava deitado de barriga para baixo na encosta gramada perto da parte de trás da propriedade de Harlop, usando a sombra de uma grande pedra para se disfarçar ainda mais.

Havia outro homem dentro da casa; ele o tinha visto no andar de cima remexendo nas coisas, mas depois que Robert irrompeu pela porta da frente, Aiden não conseguiu localizá-lo.

O outro, o gordo com a camiseta do Mickey Mouse, foi morto com um tiro no estômago. Uma morte limpa, quase instantânea. Aiden queria um tiro na cabeça, mas o homem era tão baixo que ele estava preocupado em acertar Shelly se tentasse atirar por cima dela. O estômago do homem, no entanto, pendia para o lado, o que tornava o tiro mais seguro.

Aiden se deitou novamente depois que a nova bala foi colocada e olhou pela mira do rifle. Ele viu Robert no centro do cômodo, com as mãos estendidas e o rosto contraído pela dor ou pela concentração. Ele não conseguia ver o garoto ou Cal pela janela, mas Shelly estava lá. Ele sorriu quando ela se aproximou e deu um chute na cabeça do homem morto, fazendo o sangue voar.

A Shelly era uma pessoa difícil. Ele a tinha visto em ação em Seaforth e ficou devidamente impressionado.

O homem com as tatuagens apareceu de repente, correndo por trás do desavisado Robert. Aiden exalou e pressionou o gatilho, esperando que a mira focalizasse o torso do homem. Uma fração de segundo antes de atirar, Aiden largou a arma e rolou para o lado esquerdo.

A pedra aterrisou na grama com um baque surdo, enterrando-se pelo menos cinco centímetros na terra. Aiden se levantou e, ao mesmo tempo, tirou a faca do coldre em sua coxa.

"Você está morto", disse ele simplesmente, mas o homem com o sorriso de Cheshire, que estava a apenas um metro de distância, riu.

"Não", disse Carson, com as mãos apertando as pedras do tamanho de um punho que segurava em cada mão. "Vivo e bem. Mas não posso dizer o mesmo de você."

Aiden olhou para o homem magro diante dele. Ele não sabia dizer se Carson estava vivo ou morto, mas não estava disposto a correr riscos. Ele segurou a faca na frente dele, certificando-se de que o outro homem pudesse dar uma boa olhada nela.

"Não sei como você escapou de Seaforth, mas vou garantir que você continue morto desta vez."

Carson riu.

"Então o Robert está fazendo amigos em todos os lugares que vai agora, é isso? Seus namorados o estão protegendo?"

"Solte as pedras", instruiu Aiden, sua voz monótona. "Agora."

Para sua surpresa, os dedos finos de Carson se abriram e as duas pedras caíram no chão com batidas sucessivas.

Aiden trocou a empunhadura da faca.

"Bom, agora..."

Mas uma dor cegante em seu lado roubou as palavras de sua garganta. Ele gritou e se virou, golpeando o ar. A dor surgiu do outro lado, logo acima do quadril, e ele se virou para aquele lado, avistando um redemoinho de cabelos longos e escuros.

O ataque seguinte cortou seu Aquiles, e Aiden caiu de joelhos.

Ele continuou balançando a lâmina, mas errou a mulher por apenas alguns centímetros.

Como ela é tão rápida?

Ofegante e sangrando, a lâmina penetrou em suas costas, perfurando seu pulmão por trás. Dessa vez, no entanto, em vez de ser removida e preparada para espetá-lo novamente, a lâmina permaneceu embutida em seu corpo.

"Por favor", ele murmurou antes que sua boca se enchesse de espuma misturada com sangue.

Em seguida, a lâmina foi torcida e cortou seu coração. Aiden caiu de barriga para baixo. Com os olhos marejados, ele olhou para cima e viu que uma mulher havia se juntado a Carson ao seu lado, com o braço dele preso à cintura dela.

Carson a conduziu gentilmente para longe, depois se aproximou de Aiden, agachado em suas coxas. Em algum lugar distante, ele sentiu sua cabeça ser puxada para trás e, em seguida, Carson estava diretamente em seu rosto, com a respiração ofegante de adrenalina.

"Quando você vir meu pai, diga a ele que vamos tirá-lo de lá logo, ok?"

E então Aiden fechou os olhos pela última vez.

Capítulo 31

O homem atingiu Robert na lateral, fazendo com que os dois caíssem no chão.

"Shel! As câmeras!", ele ouviu Cal gritar. A pancada o forçou a soltar a quiddity e, com ela, foi embora a dor em seu peito. As mãos e os dedos voltaram a se sentir bem, mas isso não era necessariamente uma coisa boa.

A dor veio com ela.

Mas Robert não se deixaria abater, não quando seus amigos estivessem em apuros.

Ele rolou de costas, tentando se orientar, mas antes que pudesse respirar fundo, o homem estava em cima dele novamente. O homem estava totalmente montado e começou a desferir uma chuva de socos. Robert ergueu as mãos para desviar os primeiros golpes, mas, por fim, suas mãos foram derrubadas. Os nós dos dedos do homem estalaram em sua maçã do rosto, fazendo com que sua visão ficasse estrelada. Robert tentou afastá-lo empurrando os quadris, mas isso só parecia aumentar a ferocidade dos golpes.

Um punho colidiu com sua testa e a parte de trás da cabeça de Robert bateu no chão. A escuridão ameaçava se aproximar, mas, de alguma forma, ele conseguiu um último esforço para virar a cabeça.

Mas que diabos?

Shelly, Cal e Allan estavam de pé, um em frente ao outro, formando uma espécie de triângulo, com as câmeras apontadas para a quiddity, que...

O homem em cima dele respirou fundo e se inclinou para perto.

"Vou gostar de comer você", ele sussurrou.

-ainda estavam travados no lugar.

Como? Como isso é possível?

O homem agarrou seu pulso ferido e Robert gritou. Ele tentou se debater mais um pouco, mas estava cansado e exausto. O homem colocou o dedo indicador em sua boca e mordeu *com força*.

Houve um estalo audível, e Robert gritou.

"Allan! Não!", ele ouviu Cal gritar.

Os olhos de Robert se arregalaram em sua cabeça, mas não antes de ver Allan caminhar até ele. O maluco tatuado estava tão concentrado em mastigar o dedo que nem viu o garoto se aproximar. E ele definitivamente não viu o pé que colidiu com a lateral de sua cabeça, fazendo-o se esparramar.

"Allan!" Dessa vez, era a voz de Shelly.

Robert, atordoado, tentou se concentrar no som da voz dela, usando-a como uma âncora para afastar a ameaça da inconsciência. Quando ele conseguiu abrir os olhos novamente, já era tarde demais.

O que quer que estivesse mantendo a quiddity no lugar se desprende do que estava mais próximo de Allan, uma mulher que estava sem metade do rosto. Ela estendeu a mão e agarrou Allan pelos ombros. Sua boca, que antes era frouxa, tornou-se um rosnado.

"Não!" Robert ofegou. Em algum lugar distante, ele ouviu Cal e Shelly gritando também. Ele piscou os olhos com força e tentou se endireitar enquanto Allan e a inquietação começavam a desaparecer.

De alguma forma, Robert conseguiu girar em direção a Allan e erguer a mão, mal percebendo que o dedo indicador estava agora cinco centímetros mais curto do que quando ele havia chegado à Harlop Estate.

"Não!", gritou ele, mais alto dessa vez. Ele se abaixou e algo se rompeu em seu peito.

Mas, apesar de seus esforços, os olhos de Allan se tornaram negros como breu e ele continuou a desaparecer, enquanto a mulher morta começava a se tornar mais sólida.

Não, ele pensou, ela não. Tragam Allan de volta!

Mas quanto mais ele tentava, mais real a mulher morta se tornava e mais etéreo Allan parecia.

"Robert! Faça alguma coisa!" Shelly gritou.

Robert não tinha energia para responder, para gritar de volta: "Estou tentando! Estou tentando, porra!" e, em vez disso, concentrou toda a sua força restante.

Não adiantava; Allan tinha ido embora.

Robert o soltou, sentindo um grande vazio em seu interior.

A mulher morta caiu em uma pilha, mas enquanto ele olhava, ela lentamente levantou o rosto e olhou para ele.

Seus olhos não eram mais negros, eram verdes. Um verde vibrante e penetrante que os mortos não deveriam possuir.

Ela estava *viva*.

O homem com as tatuagens havia se recuperado do chute na têmpora e estava prestes a atacar Robert novamente quando uma voz familiar falou de perto da porta da frente.

"Já chega, Michael. Já chega!"

Capítulo 32

"**Nunca pensei que** o veria novamente tão cedo, Robert." Carson deu de ombros. "Mas o papai quer sair, sabe? Ele quer espalhar a palavra - o tempo está se esgotando."

Robert não conseguia se concentrar. Mesmo depois de liberar a quiddity e drenar a mulher morta com metade do rosto, a pressão dentro dele havia voltado. Só que agora ela não estava em seu peito, mas em sua cabeça. Era como se ele estivesse enterrado debaixo de quilômetros de água e todos os seus movimentos estivessem forçados, como se a vida estivesse acontecendo em câmera lenta.

Poderia ter sido por causa dos golpes no rosto, mas ele achava que não. Ele havia passado por muita coisa hoje, e nada havia sido parecido com isso.

"A propósito, foi um belo truque com a garota. Você precisa me ensinar como fez isso."

Robert piscou, e o tempo pareceu ficar ainda mais lento. Ele ouviu Shelly dizer algo, mas não conseguiu entender as palavras.

Sua cabeça estava tão *apertada*.

"Não, não, não, eu não faria isso se fosse você, Shelly. Fique quieta. Você pode ser durona, mas não é páreo para Bella. Além disso, eu provavelmente pensaria duas vezes antes de baixar sua câmera, não é? A não ser que eu lhe desse uma surra. Que tal?"

Carson fez uma pausa e Robert tentou esticar a mandíbula para clarear a cabeça. Isso não ajudou.

"Robert? Você ainda está comigo? Sinto muito pelo Michael, às vezes ele fica muito empolgado. Ele não quis dizer isso, tenho certeza. Vá em frente, diga a ele, Michael, diga a ele."

Alguém resmungou.

"E você, Shelly, desculpe pelo Jonah. Ele também pode, bem, ficar *animado*. Mas somos todos amigos aqui, não somos? E acho que já está na hora de terminarmos com os cumprimentos e começarmos."

Robert tentou rolar para o lado, mas não conseguiu se mover.

"Robert? Robert? Hora de se levantar, querido. Temos trabalho a fazer. O papai está voltando para casa."

Mas, em vez de responder, Robert fechou os olhos. Ele fechou os olhos e começou a respirar profundamente.

Quase que imediatamente, a escuridão invadiu todos os seus sentidos; uma escuridão profunda e agourenta que tinha uma textura quase aveludada. Só que, dessa vez, em vez de lutar contra ela, em vez de resistir ao impulso de cair na medula, ele a abraçou.

Mas não havia manchas brancas, nem oceano espumante, nem Leland Black.

E nada de Amy.

Ao longe, ele sentiu seu coração afundar no poço que era seu estômago. No mínimo, essa incursão à Medula como observador teria permitido que ele visse Amy. Afinal de contas, ela era a única coisa que ainda era real para ele. Todo o resto havia sido levado embora: suas memórias, sua esposa, sua família, sua vida.

Só que ela era real. E ele tinha que pensar em uma maneira de recuperá-la.

Palavras reverberavam na escuridão; vozes abafadas - uma voz de mulher que ele nunca tinha ouvido antes.

"Por favor", ela implorou, sua voz ganhando clareza a cada palavra. "Por favor, não me bata de novo. Eu não fiz nada de errado!"

As camadas de escuridão começaram a se desprender e, antes que ele percebesse, Robert estava olhando para um homem de cabelos escuros, com olhos fechados e nariz protuberante. Havia suor em sua testa e molho manchando os cantos de seus lábios.

E ele estava um pouco irritado.

"Por favor, não foi minha culpa... não foi minha culpa, Paul."

Era a voz da mulher, mas, por algum motivo, Robert sentiu que as palavras estavam saindo de *sua* boca. Robert tentou olhar para baixo, para se orientar, mas ele era apenas um observador nesse mundo estranho.

E sua visão era limitada ao que a mulher via.

O homem rosnou e deu um passo à frente, com os punhos se fechando em pedregulhos. A mulher olhou para os nós dos dedos peludos e Robert sentiu seu coração disparar.

"Paul?", ela chorou. "Por favor, Paul. Por favor, eu não fiz nada de errado."

O homem correu para ela. Mãos, mãos pequenas, mãos de mulher, se levantaram em autodefesa, mas o homem chamado Paul as afastou com facilidade. E então ele estava sobre ela, socando-a primeiro no estômago e depois no pescoço.

Robert sentiu como se fosse ele quem estivesse sendo agredido, e o ar foi forçado a sair de seus pulmões quando seu diafragma foi paralisado. Quando os nós dos dedos do homem atingiram sua garganta, ele ofegou.

As mãos da mulher se levantaram novamente e, dessa vez, suas unhas estavam para fora. Ela arranhou a carne dele, rasgando pedaços grossos de pele do tamanho de um cadarço.

Robert sentiu a ansiedade e o medo dela como se fossem seus. O coração dele ou o dela - ele não era mais capaz de distinguir entre os dois - estava acelerado.

"Você se atreve a me arranhar, Helen? Você se atreve, porra?", rugiu o homem em cima dela, com cuspe e molho barbecue saindo de seus lábios.

O próximo soco obscureceu a visão de Robert, colidindo diretamente com seu olho direito e escurecendo-o imediatamente. Mas os gritos dela, seus gritos horríveis e sangrentos, pareciam apenas incitar Paul a continuar. Ele golpeou o olho dela repetidas vezes; cada vez que sua mão se afastava para dar outro golpe, o olho ficava progressivamente mais vermelho de sangue. Logo, não era apenas sangue; havia pedaços de ossos e cérebro agarrados aos pelos de sua mão.

Os braços de Helen ficaram frouxos. Com mais alguns golpes diretos no lado da cabeça dela, Robert sentiu que estava perdendo a força.

Menos de um minuto depois, Robert foi transportado para a escuridão novamente. Só que, dessa vez, ele não estava sozinho.

"Paul", ele sussurrou.

Capítulo 33

"**Não morra** em cima de mim, Robert!" gritou Carson. "Não morra, porra!" Ele foi rapidamente para o lado de Robert e tentou colocá-lo de pé. Seu irmão estava tendo convulsões fortes, com os olhos revirados na cabeça, as mãos e os pés eretos e se contorcendo.

"Paul", Robert murmurou.

Carson se voltou para Michael.

"Pelo amor de Deus, me ajude!"

Michael parecia congelado pela estranheza dos eventos do dia e ficou parado, mastigando algo lenta e deliberadamente, com sangue escorrendo de seus lábios.

Ele olhou para Bella em seguida.

"Bella? Me ajude a pegar..."

O corpo de Robert relaxou, e a falta de rigor fez com que ele escorregasse nos braços de Carson. Olhando para o irmão, Carson ficou chocado ao ver que seus olhos estavam abertos e que ele o encarava diretamente.

Carson se soltou completamente e cambaleou para trás, mas a mão de Robert, que não tinha parte de um dedo, disparou antes que ele pudesse sair da distância de alcance. Ela se fixou em sua garganta e traqueia.

Carson agarrou a mão, tentando desesperadamente afastá-la, mas o aperto de Robert era incrivelmente forte.

Robert se sentou e o encarou diretamente no rosto. Seus olhos eram escuros, quase pretos.

"Pelo contrário, Paul, nunca me senti tão viva."

Paul? De que diabos ele está falando?

Os olhos de Carson se voltaram para Michael, que ainda estava parado ali, olhando como um palhaço. Seu olhar foi para Bella em seguida, mas ela também parecia congelada de medo, ou confusão, ou *algo assim*.

Suas vias aéreas estavam sendo esmagadas e, por mais que ele arranhasse a mão de Robert, isso não parecia incomodá-lo.

"Bella", ele tentou dizer, mas a palavra mal saiu, parecendo mais um coxar ou um chocalho de morte do que uma palavra de fato.

Robert começou a se levantar, ficando primeiro de joelhos e depois de pé. Em seguida, levantou Carson do chão com uma das mãos, e seus olhos ficaram completamente negros. Com os pés chutando agora, Carson podia sentir sua vida sendo espremida para fora dele.

E então, quando ele sentiu que sua consciência estava se esvaindo, os olhos de Robert ficaram claros de repente, e sua mão soltou Carson.

Tossindo, ele caiu no chão em um monte, tentando respirar fundo enquanto massageava a garganta.

"Bella", ele ofegou. "Bella, pegue-o."

Isso foi tudo o que ele conseguiu fazer antes de ser dominado por um ataque de tosse que terminou com ele cuspidando um bocado de sangue no chão.

Quando ele olhou para cima, Bella finalmente se animou. Ela foi direto para Robert, que estava parado ali, com uma expressão confusa no rosto.

Que diabos acabou de acontecer?

Robert parecia que não dormia há dias e tinha vários ferimentos que pareciam ser anteriores à surra infligida por Michael. O pulso pelo qual ele o segurou parecia roxo, muito torcido ou talvez até quebrado.

Como ele fez isso? O que ele fez?

Bella deu um chute na parte de trás do joelho de Robert, e ele caiu com força sobre a bunda e as costas. Ele não ofereceu resistência a ela, mesmo quando ela se lançou sobre ele como um puma ágil e começou a amarrar suas mãos na frente dele.

"Robert!" Shelly gritou do lado esquerdo de Carson. Em meio a toda a ação, ele havia se esquecido de que eles estavam ali. Ainda de mãos e joelhos, Carson virou a cabeça para a voz dela.

Os mortos, aqueles que ele deveria controlar, estavam parados diretamente entre as câmeras de Shelly e Cal.

"Pegue-os", disse ele, gesticulando com a mão para a quiddity. "Pegue-os. Leve-os para a medula", repetiu em uma voz que ele não reconheceu. Mas a quiddidade não se moveu, nem mesmo se contorceu.

Ele não tinha ideia do que diabos se tratava esse truque de câmera, mas, fosse o que fosse, superava até mesmo suas ordens.

A única quiddity que não estava de pé era a mulher com metade do rosto, aquela que havia enviado Allan para o Marrow. Mas não era apenas o fato de ela estar deitada em um monte no chão que a tornava diferente. Por alguma razão, ela parecia mais *real*.

E então, inexplicavelmente, a pilha de carne e osso começou a se mover. Apenas uma pequena contração no início, mas depois toda a perna, que antes estava torcida sob ela em um ângulo estranho, começou a se endireitar.

Como um bezerro recém-nascido, a mulher morta começou a se levantar, com seu único olho bom sem piscar e apontado diretamente para Carson.

Ele engoliu com força.

"Vá", ele instruiu. "Pegue as câmeras."

Mas os mortos que estavam de pé e balançando não responderam às suas instruções. Em vez disso, os olhos do morto se voltaram para Robert, que estava de costas, com as mãos e os pés amarrados.

"E agora, Carson?" Bella perguntou, com os olhos correndo de um

lado para o outro.

Carson não respondeu de imediato. Ele estava tentando pensar, para entender o que havia acontecido com Robert, mas depois afastou esses pensamentos.

Não importava.

O que importava era que eles o tinham agora, e ele era um Guardião. Ele poderia ser - ele *seria* - usado para abrir a fenda.

Leland poderia lidar com toda essa merda quando viesse para este lado.

Tudo o que eles precisavam fazer era prendê-lo entre os vivos e os mortos. O problema era que, de repente, os mortos estavam com vergonha da câmera.

Carson olhou de volta para a mulher com o buraco no rosto. Ela estava parada, com uma postura que sugeria que ela estava aguardando instruções.

Uma instrução que Carson já havia dado.

"Mexa-se, droga!", gritou ele, finalmente conseguindo se levantar.

Novamente, a mulher não respondeu, e Carson levantou os braços em sinal de frustração.

Quando imaginou prender Robert aqui, no Harlop Estate, onde tudo começou para ele, imaginou que as coisas seriam diferentes.

Muito diferente.

Mas então alguém deu uma ordem, e a mulher morta finalmente começou a se mover. Só que não foi Carson quem deu a ordem, mas Robert.

Capítulo 34

A **mulher chamada Helen** estava dentro de sua cabeça. Quando Robert se soltou, realmente se soltou, ela veio à tona. E só então a pressão dentro de sua cabeça diminuiu.

Em um momento de confusão, ele permitiu que ela assumisse o controle, que liberasse a fúria reprimida que nasceu do abuso do marido e do assassinato dela. Deixando de lado seu próprio corpo, Robert observou enquanto Helen agarrava Carson pela garganta.

E ele quase deixou que ela o matasse.

Mas, como na Prisão de Seaforth, não era algo que ele pudesse fazer - mesmo que não fosse exatamente o orquestrador de suas ações.

Uma morte, por mais justificada que fosse, era suficiente para Robert.

Como um homem que está se afogando, Robert se forçou a vir à tona, levando Helen de volta para as profundezas de sua mente. No momento, ele estava em paz, sozinho em sua própria cabeça. Mas ele também estava esgotado, física e mentalmente, e não tinha como lutar contra Bella, que o amarrou. No entanto, quando Carson deu a ordem para a quiddity, ele se sentiu compelido a agir.

Com as mãos amarradas, ele não conseguiu controlar a quiddidade como antes e, no processo, permitiu que Cal e Shelly baixassem as câmeras e saíssem daqui.

Mas ele ainda conseguia falar e, por alguma razão, pensou que poderia comandar o saco vazio com a rapidez de Helen agora dentro dele e que poderia exercer controle sobre o corpo dela.

E, se não for ele, talvez Helen possa ajudar.

"Pegue-o", foi tudo o que ele teve a dizer.

A criatura avançou, mas os passos eram desajeitados, com catracas, todos os joelhos e cotovelos.

Carson se levantou e estava olhando para Michael e Bella em busca de ajuda.

"Que porra você está fazendo? Leland colocou você sob *meu* controle!", ele gritou para o cadáver de Helen.

Cal, que parecia ter perdido a língua até agora, estava olhando para Robert com uma mistura de terror e confusão no rosto.

"Robbo, que diabos está acontecendo? Robbo!"

"Pegue o Carson", exigiu Robert novamente, ignorando o amigo. O corpo de Helen deu mais um passo desajeitado.

A cada ordem, ele sentia resistência, o que era estranho, já que o conteúdo da cabeça dela havia sido retirado e agora estava dentro da dele.

Quando Michael, sem camisa e tatuado, entrou na frente de Carson de forma protetora, Robert voltou seus pensamentos para dentro de si.

Helen? Você está aí?

Silêncio.

Helen?

Dessa vez, sua pergunta foi respondida por uma pequena voz.

Onde estou?

Havia desespero naquela pequena voz. Desespero e medo.

O que aconteceu comigo?

Robert não tinha coragem de recapitular sua morte, nem tempo para tentar explicar coisas que simplesmente não fariam sentido para ela.

"Não deixe que ele se aproxime de mim", disse Carson, com uma ponta de medo na língua.

Michael, com a boca ainda pingando sangue do local onde havia mordido o dedo de Robert, olhou em volta procurando algo para usar como arma. Ele se fixou na garrafa de uísque quase vazia sobre a lareira.

Helen, você está segura agora. Posso explicar mais tarde, mas agora preciso de sua ajuda.

Quem é você?

O cadáver deu mais um passo saltitante.

"Robbo? O que está acontecendo?"

Meu nome é Robert Watts - por favor, Helen, você pode me ajudar?

"Robert?" Shelly perguntou novamente.

Mas Robert fechou os olhos e tentou se concentrar.

Helen, preciso de sua ajuda - por favor, deixe-me movê-la.

Me mover?

Robert respirou fundo. Quando ele deu os comandos para a concha, a pressão voltou para dentro de sua cabeça. Se ao menos ele conseguisse fazer com que Helen se soltasse, como ele havia feito, então ele pensou que poderia conseguir fazer com que o corpo dela se movesse novamente.

Robert estava prestes a abrir a boca para dizer algo, para comandar a criatura novamente, quando sentiu a pressão em sua cabeça diminuir.

Helen havia lhe dado o controle.

"Pegue o Carson!", gritou ele, e a criatura obedeceu imediatamente.

Ele atacou Carson, com as unhas das mãos mais compridas agora que as cutículas haviam sido arrancadas e a boca apodrecida rosnando.

Michael a interceptou antes que ela chegasse a Carson. Ele atirou a garrafa contra ela, e ela estalou contra o buraco aberto em seu rosto.

O corpo de Helen cambaleou, mas não caiu. Enquanto Michael tentava recuperar a garrafa, que estava alojada no buraco que havia aumentado com o impacto, uma das mãos sujas de Helen se levantou e

agarrou o pulso dele.

"Não!" Carson gritou, afastando-se instintivamente de Michael e Helen, que estavam apenas alguns passos à sua frente.

Robert também se encolheu, esperando que os olhos de Michael ficassem pretos, que os corpos dele e de Helen comesçassem a desaparecer.

Mas isso não aconteceu. Em vez disso, Helen torceu o braço de Michael, usando o choque e a surpresa do homem a seu favor. Girando-o, ela empurrou o pulso dele pelas costas até que um estalo audível encheu a sala. Michael uivou e Helen lhe deu um empurrão e o soltou.

Robert não tinha certeza se ele havia dito mentalmente para ela fazer isso, ou se Helen havia dito, ou se ela estava agindo por conta própria agora.

E ele também não tinha certeza absoluta de por que Michael não havia sido banido para a Medula.

"Carson? Que diabos?" Bella exigiu.

"Não sei", respondeu Carson, dando mais um passo cauteloso para trás. Bella, por outro lado, tirou uma lâmina de algum lugar debaixo de seu colete preto e estava avançando.

Carson agarrou seu braço, mas ela o afastou. Por um segundo, Robert sentiu como se estivesse olhando para a sósia maligna de Shelly: determinada, teimosa e dura como as unhas.

O corpo de Helen não se preocupou em remover a garrafa de uísque que estava em seu rosto. Em vez disso, caminhou em direção a Bella.

Ao contrário de Carson, Bella não se intimidou.

Eles se encontraram no centro da sala, com a faca de Bella atravessando o ar com uma velocidade incrível.

O primeiro corte atravessou a camisola manchada de fuligem de Helen, fazendo uma longa e profunda linha vertical logo acima de seu umbigo. O braço de Helen se esticou, tentando agarrar a lâmina ou o pulso de Bella, mas foi muito lento. A segunda fatia cortou um de seus seios.

Foi uma cena incrivelmente bizarra, não só por causa da garrafa que estava saindo do rosto de um dos combatentes, mas também pelo fato de que não havia sangue algum saindo de nenhum dos ferimentos do cadáver.

E, no entanto, sua boca ainda estava retorcida em um rosnado.

Michael se levantou, com o braço direito pendurado frouxamente ao lado do corpo.

"Que diabos devemos fazer, Carson?"

Bella cortou várias vezes, esfolando os braços, o peito e o estômago do cadáver. Mas nada do que ela fazia parecia afetar a determinação

de Helen.

Ela não parava de chegar.

Por fim, a sorte de Bella acabou e uma das mãos do cadáver se enroscou em seus cabelos negros e lisos.

Houve um som de rasgo e Bella gritou. Ela foi erguida no ar, mas antes que pudesse ser lançada para o outro lado da sala, ela se levantou e usou a faca para cortar seu cabelo.

Uma grande mecha de cabelo se soltou e Bella caiu no chão.

Ainda gritando, ela se arrastou de volta para o lado de Carson e Michael.

O cadáver estava de pé com a camisola completamente cortada, a carne pálida e nua por baixo rasgada em fitas, sua postura de tal forma que ela estava claramente protegendo o que estava atrás dela.

Atrás dela, estavam Cal e Shelly, com suas câmeras erguidas e, entre eles, os outros dez quiddity, ainda congelados no lugar.

Robert estava no chão de costas, com os pés e as mãos amarrados, o corpo de Jonah ainda fumegando a poucos metros de onde ele estava.

E então lá estava Carson, com o rosto pálido, o sorriso estúpido de Cheshire, pela primeira vez, não estampado em seus lábios. Michael, com sangue pingando de sua boca, estava respirando pesadamente, com o braço direito pendendo frouxo ao seu lado. Bella, com o rosto vermelho e um enorme pedaço de cabelo faltando na frente da cabeça, estava do outro lado dele.

"Carson?" Bella perguntou.

Eles estavam em um impasse.

A pressão estava aumentando dentro da cabeça de Robert novamente, e ele podia sentir que a confusão dela e a vontade de ajudar estavam diminuindo. Sem ela, ele não tinha certeza se seria capaz de controlar o corpo dela, e não havia como dizer o que aconteceria se ele a perdesse.

Carson olhou para Robert e fez uma careta.

"Isso ainda não acabou, irmão. Eu voltarei." Ele começou a se mover em direção à porta, levando seus dois cúmplices com ele. "Eu voltarei e a fenda será aberta, Robert. Estava na profecia - ela *será* aberta e papai voltará para casa."

Ele apontou um dedo longo para Robert.

"É melhor você acreditar nisso."

Em seguida, os três se viraram e fugiram da propriedade.

Capítulo 35

"**Putá que pariu, Robert! Que porra acabou de acontecer?**" Shelly exigiu, com a voz rouca.

Robert não respondeu de imediato. A verdade é que ele estava tão confuso quanto Shelly; ele não tinha ideia de como Helen tinha ido parar na cabeça dele, ou como ele tinha conseguido ordenar que o cadáver vazio dela cumprisse suas ordens.

"Robert!", ela gritou para ele, e ele balançou a cabeça. Ele testou as cordas em suas mãos e sabia que não havia como se libertar.

Cal falou em seguida.

"Robert! Uma ajudinha aqui!"

Apesar de seus esforços para voltar à forma, Cal estava segurando a câmera por quase uma hora. Todo o seu braço, desde o ombro até a ponta dos dedos, estava tremendo.

Em vez de responder, Robert voltou sua atenção para dentro de si.

Helen, preciso de mais uma coisa de você.

E então ele pensou na solução para o problema deles.

O descontentamento e o desconforto da mulher se manifestaram em sua mente como uma pulsação fraca.

Como posso voltar, então? Como poderei voltar?

Robert pensou sobre isso por um momento.

Allan estava no Marrow, assim como Amy.

Ele recuperaria os dois, disse ele não tinha dúvidas. E quando o fizesse, levaria Helen com ele.

Eu o levarei até lá. Eu prometo. Por favor, só mais uma coisa.

Houve uma pausa, e então Robert abriu os olhos.

O cadáver de Helen começou a se animar novamente, movendo-se lentamente em direção a Shelly.

"Robert? O que está acontecendo, Robert?" A voz dela aumentou um pouco. "Robert?"

Robert não disse nada.

Quando o cadáver se aproximou, ele deu um passo lateral para evitar Shelly.

"Robert?", ela quase sussurrou.

O cadáver se moveu entre os outros dez quiddity, fixando residência no centro de sua massa, tomando cuidado para não tocá-los.

Obrigado, Helen. Muito obrigado, Helen.

"Largue a câmera, Shelly", disse Robert suavemente. "Largue a câmera e venha até mim. Você também, Cal."

Os olhos de Shelly se arregalaram.

"Tem certeza?", perguntou ela.

Robert acenou com a cabeça.

Shelly soltou um suspiro e baixou a câmera, claramente aliviada pela tensão liberada em seu braço e ombro. Cal fez o mesmo e, em seguida, os dois correram para ele, com os olhos fixos nos mortos.

A agilidade que estava sob o controle de Carson pareceu hesitar, seus olhos se erguendo lentamente, seus braços se flexionando da mesma forma que Cal e Shelly haviam feito momentos antes.

Eles estavam confusos, e a capacidade de se movimentar por conta própria foi uma reviravolta surpreendente.

Um a um, eles começaram a perceber que algo não estava certo, que havia alguém - *algo* - diferente entre eles.

Um homem com uma cicatriz na frente da testa se virou para o cadáver de Helen. Houve um momento em que Helen ficou tensa, mas Robert não tinha certeza se foi algo que ele viu ou algo que sentiu em sua mente. De qualquer forma, durou apenas um segundo. O homem rosnou e, em seguida, estendeu a mão e agarrou Helen pelo braço.

O cadáver não fez nada.

Mesmo quando cada um dos outros dez quiddity se aproximou e a agarrou pelos braços, pelos retalhos de pele em sua barriga, pela garrafa de uísque que saía de sua cabeça, ela não reagiu.

Eles a atacaram com a ferocidade de uma matilha de lobos famintos. Enquanto rasgavam sua carne morta, aumentando a magnitude do dano que Bella havia causado em um fator de dez, seus olhos começaram a ficar negros. Seus rosnados degeneraram em um lamento coletivo e, em seguida, todos jogaram a cabeça para trás em uníssono, a luz jorrando de suas bocas como se suas entranhas tivessem sido substituídas por um brilho inimaginável.

Robert protegeu os olhos e sentiu Shelly se encolher ao lado dele e enterrar a cabeça em seu peito, soluçando.

Em algum lugar próximo, Cal também estava chorando.

A luz crescia e crescia até que era quase insuportável olhar para ela. Mas, ao contrário de seus amigos, Robert persistiu.

Apenas um momento antes de a enorme esfera brilhante se apagar, Robert viu a silhueta de uma jovem garota, escura em meio ao fundo incrivelmente brilhante.

Ela não disse nada, nem mesmo acenou. Mas ele sabia quem era.

Era a Amy.

"Estou indo atrás de você, Amy", ele sussurrou. "Farei qualquer coisa para ter você de volta."

Capítulo 36

O **camuflado** hesitou antes de dar mais um passo. Um arrepio percorreu todo o seu ser. Respirando fundo, ele fechou os olhos.

Gritos.

Todos estavam gritando.

Pelo menos dez, talvez mais, quiddity cruzando ao mesmo tempo.

"Você sentiu isso?"

Sean olhou para o rosto encapuzado e, instintivamente, tocou a capa de *Inter vivos et mortuos* que estava sobre a mesa entre eles.

Ele sentiu algo - algo em seu estômago e peito, uma espécie de aperto.

"Sim", ele admitiu.

"É... é o Robert?"

Sean deu de ombros.

"Não sei dizer. Talvez."

"Tem certeza de que ele está bem? Tem um de seus homens com ele?"

Sean acenou com a cabeça.

"O melhor. Ele vai ficar bem."

"Por quanto tempo você disse a ele para ficar de olho no Robert?"

Sean pensou sobre isso por um momento antes de responder.

"Eu nunca lhe dei um prazo."

"Bom, bom." A voz do camuflado era áspera, andrógina. Uma mão pequena saiu por baixo das vestes e pegou o livro de Sean.

Os dedos retiraram a capa e folhearam cuidadosamente as páginas até pararem em uma passagem muito específica.

"Um Guardião, preso entre os mundos, abrirá a fenda", dizia a voz áspera. Sean conhecia bem essa passagem. De fato, ele conhecia o livro inteiro quase de cor. A passagem que o camuflado lia agora era, em sua opinião, a mais importante de todo o livro.

A Profecia.

"Mas o Guardião não será capaz de mantê-la aberta. Somente a quiddidade de uma criança, de uma criança poderosa nascida de dois Guardiões, será capaz de mantê-la aberta e permitir que as almas passem para o mundo dos vivos."

A pessoa encapuzada fechou o livro e estremeceu novamente.

"O pior ainda está por vir." A voz era mais dura do que o normal. Era tão áspera que irritou Sean. Ele enfiou a mão no bolso e puxou um cigarro, surpreso porque sua mão estava tremendo levemente.

"O pior ainda está por vir, Sean. E precisamos estar preparados para isso."

Capítulo 37

Allan Knox acordou em uma praia. Era uma bela praia e, embora sua memória estivesse turva, ele soube imediatamente onde estava.

A medula.

Enquanto olhava para as ondas batendo na praia, Allan foi subitamente atingido por uma decisão incômoda que precisava ser resolvida. Ela se manifestou como seu próprio pensamento, mas sabendo o que sabia sobre a medula, ele estava ciente de que não era de sua própria criação.

Ele poderia mergulhar na medula e absolvê-lo de si mesmo, reabastecendo efetivamente a qualidade da quiddidade para aqueles que ainda não nasceram.

Allan sabia que decisão deveria tomar, que decisão era a correta. Mas ele hesitou antes de tomá-la, seus olhos se voltaram para cima. O céu tinha adquirido uma tonalidade alaranjada e parecia que o fogo tinha começado a lamber as bordas fofas das nuvens.

Ele *poderia* se entregar ao Marrow ou permanecer inteiro, único, um indivíduo, e ir para o fogo grávido no céu.

Foi a decisão do *eu*, aquela que todos devem tomar na praia. Foi a percepção de que havia mais neste mundo e nos outros do que os desejos egoístas que guiaram e muitas vezes mancharam as ações humanas na vida.

Um erro na evolução.

Um erro.

"Antes de você escolher", disse uma voz, e Allan se virou. Só que ele se viu incapaz de se virar, com os pés presos na areia. Ele olhou para baixo e ofegou.

A areia havia desaparecido; em seu lugar havia um alcatrão grosso e preto. Mas estava longe de ser inerte; havia mãos na lama, segurando-o no lugar. Sentindo que o pânico começava a se instalar em seu peito, Allan tentou desesperadamente levantar o pé. Ele conseguiu chegar a alguns centímetros da superfície antes que outra mão o alcançasse e o puxasse para baixo novamente.

"O que está acontecendo?"

Um estalo de trovão atraiu seus olhos para cima novamente.

O céu irrompeu em um inferno laranja profundo que estranhamente parecia espelhar a água azul abaixo. E nesse fogo, ele viu rostos - rostos que borbulhavam e apareciam e desapareciam.

"Você tem uma escolha a fazer", disse a voz novamente. Embora Allan não pudesse se virar, ele sabia quem estava falando.

Leland Black.

"Culpado como acusado. Você tem uma escolha a fazer, Allan, mas antes disso, considere o seguinte: por que você queria encontrar a

medula em primeiro lugar? Por causa de seus pais, correto? Não, não, você não precisa responder, apenas ouça. Está vendo a ironia de sua decisão? Você precisa usar exatamente isso - a autoconsciência, uma simples falha no curso da evolução - para decidir se deve ou não desistir dela. Não está vendo a ironia aqui? A lógica circular?"

Allan sentiu uma necessidade urgente de tomar sua decisão, mas as palavras de Leland o fizeram parar.

"Ah, e mais uma coisa. Pergunte a si mesmo o seguinte antes de se afogar no mar, Allan: qual foi o objetivo de tudo isso?"

Capítulo 38

"**Queimem o bastardo**", sugeriu Shelly enquanto estavam sobre o cadáver de Jonah. "Queimem o maldito bastardo."

Desde então, ela havia desamarrado Robert e estava enfaixando o dedo dele quando Cal perguntou o que eles fariam com o corpo do homem gordo.

"Sério?"

"Bem, eu não estou cavando um buraco grande o suficiente para aquele idiota. Além disso, ele merece ser queimado. É uma pena que ele já esteja morto."

Robert observou enquanto Shelly enrolava um pedaço de gaze sobre a junta do meio, onde o dedo terminava.

"Merda, Robert, não está doendo?"

Robert deu de ombros. Doía, mas nem mais nem menos do que qualquer outra das dezenas de ferimentos.

"Vou sentir falta desse dedo... era o meu favorito", disse Shelly, claramente tentando aliviar o clima. Mas sua voz não tinha a entonação adequada para ser bem-sucedida.

"Doente", respondeu Cal.

Ele segurava a câmera na mão e olhava para algo na tela.

"Dê uma olhada", disse ele. Ele passou por cima de Jonah e virou a tela para que Shelly e Robert pudessem ver.

A primeira coisa que Robert viu foi Allan abaixando a câmera e vindo em seu socorro. Ele deu um chute forte na cabeça de Michael, um chute que nenhum deles imaginava que o garoto magricela fosse capaz de dar, e Robert sentiu uma estranha sensação de orgulho. Mas, à medida que a cena continuava a se desenrolar, o sorriso desapareceu de seu rosto. A quiddity - Helen, *seu nome era Helen* - não mais congelada pela câmera de Allan, estendeu a mão e o agarrou. Seus olhos ficaram negros e todo o seu ser começou a tremer.

Cal desviou o foco para Robert, que estava gritando a plenos pulmões. A câmera diminuiu o zoom, enquadrando tanto Robert quanto Allan, ainda agarrados pela quiddity.

A imagem foi desmagnetizada e, quando voltou ao normal, a quiddidade brilhante começou a se tornar pixelizada. À medida que a concentração de Robert se aprofundava, os cubos iridescentes começaram a se estender da coroa da cabeça da mulher como caramelos coloridos, fluindo em direção à mão estendida de Robert. Enquanto Robert observava os olhos de seu eu na tela se revirarem, as cores pareciam ser sugadas *para dentro dele*. Os tons de vermelho, amarelo e laranja vazaram do cadáver de Helen até que ele se tornou completamente cinza, não muito diferente da aparência de Allan através da lente vermelha.

Robert, por outro lado, estava florescendo.

Então, seus olhos ficaram escuros, ele estendeu a mão e agarrou Carson pelo pescoço.

Por favor, faça isso parar, implorou Helen.

Robert desviou o olhar.

"Desligue isso", disse ele. Quando Cal o ignorou, ele repetiu a exigência, dessa vez com mais força.

Ele agradeceu.

"O que aconteceu, Robbo? Vimos algo assim no cemitério e em Seaforth, mas não *desse* jeito. Ele entrou... entrou *em* você", disse Cal suavemente.

Robert, ainda desviando o olhar, estremeceu quando Shelly fez força para fechar o curativo em seu dedo, que agora estava pela metade.

"Desculpe", ela resmungou. Ela também estava em evidente choque com o que tinha visto.

Robert estava em conflito. Eles tinham visto o que ele havia feito e podiam dizer que ele não estava certo, que algo estava errado.

Cal tinha razão, isso não era como Seaforth, nem mesmo como a Sétima Ala.

Isso foi diferente.

Era diferente porque Helen estava aqui com ele agora.

"Robert?" perguntou Shelly.

"Ela está... ela está aqui", disse ele em voz baixa, apontando para a tábua com a ponta de um dedo. "De alguma forma... de alguma forma, eu absorvi sua quiddidade e agora ela está aqui."

Shelly fez uma careta, e Robert não a culpou. Ele sabia como estava soando.

Ele pegou a *personalidade* de Helen e a combinou com a sua própria.

"O quê? Como?"

Robert deu de ombros.

"Eu não sei... eu não sei. Tudo o que sei é que meu *eu* está agora entrelaçado com o dela."

Cal olhou para ele com os olhos arregalados. Em seguida, esfregou o rosto e os olhos.

"Que porra é essa, Robert? O que significa tudo isso? Será que ela vai para o Marrow?" Cal perguntou com um suspiro.

Robert deu de ombros.

Ele não podia ter certeza, mas havia prometido.

E Helen foi rápida em lembrá-lo disso.

Um dia eu o levarei até lá. Mesmo que eu tenha que encontrar o livro novamente e...

Com tudo o que havia acontecido na propriedade, Robert havia se

esquecido completamente do que havia acontecido na igreja.

E sobre o álbum de fotos.

Seus olhos se endureceram quando ele focalizou o rosto de Shelly.

"Acho que há algo que você precisa me contar", disse ele, esforçando-se para manter suas emoções sob controle.

Sua raiva.

A imagem dela, seu rosto redondo e sorridente olhando para a câmera do chão da igreja, passou em sua mente.

A mesma igreja onde ele havia ficado, a parte de sua vida da qual ele não se lembrava.

Shelly apenas piscou, obviamente surpresa com sua pergunta.

"Você tem um segredo, e acho que já é hora de revelá-lo."

Shelly olhou para os pés e depois abriu a boca para responder. Só que ela não admitiu que estava trabalhando na igreja, mas outra coisa.

Algo que fez o queixo de Robert cair.

"Robert, estou grávida."

Epílogo

Carson tentou abraçar Bella, mas ela o empurrou para longe.

"Como você pode estar sorrindo em um momento como esse?", ela exigiu, com as sobrancelhas finas franzidas. "Sério, Carson, que diabos há de errado com você?"

Eles estavam de volta ao porão do Crematório de Scarsdale e, depois que Carson vasculhou os cadáveres e contou apenas dez, ele não pôde deixar *de* sorrir.

Em vez de responder, ele se aproximou e apertou o botão na lateral do forno. Houve um clique audível e, em seguida, o forno foi ligado, iluminando o rosto dele com um brilho laranja e amarelo tremeluzente.

"Ajude-me com os corpos", disse ele, voltando-se para Michael. O braço do homem estava enrolado em uma tipoia feita com sua camisa, mas ele era forte, e apenas uma mão seria suficiente para ajudá-lo a içar os corpos para a fornalha.

Eles não tinham utilidade para ele agora... a menos que...

Michael assentiu e deu um passo à frente, mas Bella estendeu a mão e bloqueou seu caminho.

"Carson? Sério? Você perdeu a cabeça em Seaforth? Fizemos merda - tivemos nossa chance e a perdemos. Você acha que o Robert vai baixar a guarda agora? Você acha que vamos nos aproximar novamente?"

Quando ele ainda não respondeu, ela respirou fundo.

"Carson! Que diabos há de errado com você?"

Michael passou por ela e, juntos, pegaram o primeiro corpo. Com um grunhido, e Carson suportando a maior parte do peso, eles o colocaram na borda antes de enfiá-lo completamente dentro.

Em seguida, ele deu um passo para trás e observou as chamas começarem a lamber a parte inferior do corpo.

Bella agarrou seu braço, e ele se virou para ela.

"Responda-me, Carson."

E então, finalmente, ele o fez.

"Porque, Bella- porque se o Robert pode fazer isso, eu também posso."

FIM

Nota do autor

A pergunta mais frequente que me fazem como escritor é "*De onde você tira suas ideias?*".

Em um recente vídeo blog na minha página do Facebook, expliquei a inspiração para meu primeiro romance, **Skin**.

A ideia de **Shallow Graves** foi um pouco diferente; ao contrário de **Skin**, ela não veio de uma experiência, mas de um artigo que li. Ele descrevia um homem no Reino Unido que estava tão farto dos custos do funeral que, quando sua mãe morreu, ele decidiu enterrá-la ele mesmo, em seu próprio quintal.

Eu estava lendo uma história de fantasmas na época, então minha mentalidade era tal que me perguntei: e se a mãe falecida do homem estivesse tão brava com ele por não ter lhe dado um enterro adequado que ela voltou?

E esse, caro leitor, foi o ímpeto por trás da ideia que acabou se transformando no Livro 1 da *Série Haunted*. Como você bem sabe, depois de ler esse livro, a ideia cresceu e se expandiu dez vezes; todos os livros dessa série exploram um tema central: a ilusão do eu e a estranha verdade de que somente os seres humanos são abençoados, ou amaldiçoados, com autoconsciência. Tento investigar essas ideias, essa visão niilista da realidade, no contexto de uma boa e velha história de fantasmas, do bem contra o mal. Ah, e como você bem sabe, há muito sangue... sempre muito sangue.

Espero que tenha gostado dessa aventura até agora, e fico feliz em informar que ela ainda está longe de terminar; na verdade, o Livro 5, **Sacred Heart Orphanage**, já está disponível.

Então, vamos lá, siga-me pela toca do coelho. E se o fizer, e mesmo que não o faça, tenha certeza de que não foi *você* quem tomou a decisão. Foi sua biologia, o pedaço de carne elétrica de mais ou menos dois quilos atrás de seus olhos que o leva a fazer o que faz.

Continue lendo e eu continuarei escrevendo.

Patrick

Janeiro de 2017, Montreal

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2017

Design da capa: Ebook Launch (www.ebooklaunch.com)

Design de interiores: © Patrick Logan 2017

Edição: Edição da linha principal (www.mainlineediting.com)

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023